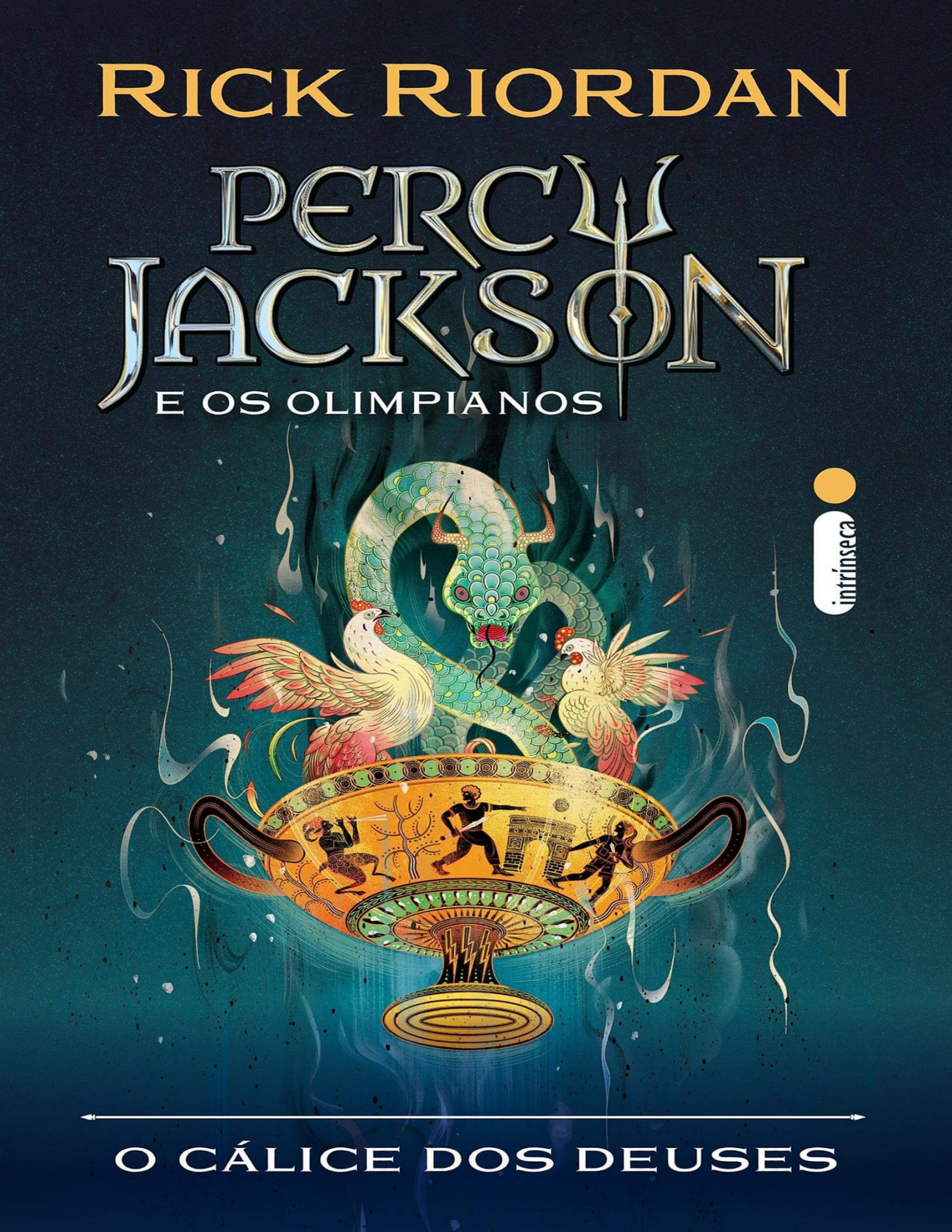
RICK RIORDAN

PERCY JACKSON

E OS OLIMPIANOS



intrínseca

O CÁLICE DOS DEUSES

SINOPSE

Depois de salvar o mundo inúmeras vezes de monstros, Titãs, Gigantes e outras criaturas aterrorizantes, tudo que Percy deseja é que seu último ano no ensino médio seja tranquilo. Infelizmente, os deuses têm outros planos para o jovem herói. Se ele quiser mesmo entrar na universidade, terá que cumprir três missões para conquistar três cartas de recomendação vindas diretamente do Monte Olimpo.

A primeira missão envolve ajudar o copeiro de Zeus a recuperar seu cálice antes que ele caia nas mãos erradas. Será que Percy, Annabeth e Grover conseguirão achar o cálice dos deuses a tempo?

Para entrar em contato envie um email para:
bibliotecadededalo@gmail.com

Em caso de erros envie: livro, capítulo e erro.

Para melhor visualização de imagens, usar o modo claro do leitor.

RICK RIORDAN

PERCY JACKSON
E OS OLIMPIANOS

O CÁLICE DOS DEUSES

TRADUÇÃO DE REGIANE WINARSKI

EDIÇÃO POR
BIBLIOTECA DE DÉDALO
(26/09/2023)

Copyright © 2023 Rick Riordan
Edição em português negociada mediante acordo com Gallt & Zacker Literary Agency LLC.

TÍTULO ORIGINAL
Chalice of the Gods

ARTE DE CAPA
Joann Hill

ILUSTRAÇÕES DE CAPA
© 2023 Victo Ngai

(Percy Jackson e os Olimpianos)
ISBN: 978-65-5560-649-2

1. Mitologia grega - Literatura infanto-juvenil. 2. Poseidon (Divindade grega) – Literatura infanto-juvenil. 3. Hades (Divindade grega) - Literatura infanto-juvenil. 4 Zeus (Divindade grega) - Literatura infanto-juvenil. 5. Literatura infanto-juvenil americana.

[2023]
Editora Intrínseca Ltda.
www.intrinseca.com.br

Para Walker, Aryan e Leah
A novos começos!

SUMÁRIO

UM
EU DESÇO PELA DESCARGA

DOIS
MEU PAI DÁ UMA AJUDINHA*(*NÃO AJUDA NEM UM POUCO)

TRÊS
NÓS RECLAMAMOS DE MISSÕES E CABAÇAS DECORATIVAS

QUATRO
EU LEVO UM GOSTOSÃO PARA TOMAR SMOOTHIE

CINCO
TODO MUNDO ODEIA GANIMEDES PORQUE ELE É BONITO DEMAIS

SEIS
AFINAL, ALCAÇUZ

SETE
PARA A SURPRESA DE NINGUÉM, EU OFENDO UMA DEUSA

OITO
EU QUERO MINHA MÃE

NOVE
AS GALINHAS ARRANCAM SANGUE

DEZ
MEU CANTO PIORA AS COISAS, O QUE SURPREENDE TODO MUNDO

ONZE
A GENTE GANHA ZERO BILHETES DE PRÊMIO

DOZE
GANIMEDES ME ARRUMA UM REFIL

TREZE
PROCURAMOS COISAS MORTAS NA FEIRA DE PRODUTORES

CATORZE
ÍRIS ME DÁ UMA VARETA

QUINZE
YONKERS!

DEZESSEIS
GROVER CANTA AS MÚSICAS DE COBRA

DEZESSETE
CONHEÇO O COQUE SAMURAI DA DESGRAÇA

DEZOITO
ANNABETH RESOLVE TUDO COM CHÁ DE ERVAS

DEZENOVE
EU SINTO GOSTO DE ARCO-ÍRIS, E É BEM RUIM

VINTE
ÍRIS ACEITA PIX

VINTE E UM
EU DOU CONSELHOS DE RELACIONAMENTO. NÃO, É SÉRIO. POR QUE VOCÊ ESTÁ RINDO?

VINTE E DOIS
EU GANHO UM CUPCAKE E UMA SURPRESA

VINTE E TRÊS
GANIMEDES EXPLODE TODAS AS BEBIDAS

VINTE E QUATRO
EU ESCOVO OS DENTES (DO JEITO MAIS HEROICO POSSÍVEL)

VINTE E CINCO
EU CONHEÇO O GATUNO DE CÁLICE

VINTE E SEIS
EU NEGOCIO OS TERMOS DA MINHA DESINTEGRAÇÃO

VINTE E SETE
MINHAS PALAVRAS FINAIS SÃO SUPERCONSTRANGEDORAS

VINTE E OITO
COMEÇAM A CHOVER BRINQUEDOS

VINTE E NOVE
EU HESITO NO PRECIPÍCIO DO MONTE BRUNCH

TRINTA
EU ME INFILTRO NA TOCA DO DEUS DO RAIO 3.000

TRINTA E UM
ENFRENTO UM PREDADOR PERIGOSO QUE TALVEZ SEJA MINHA FUTURA SOGRA

TRINTA E DOIS
GROVER COME MINHAS SOBRAS

TRINTA E TRÊS
MAIS UMA BALINHA, EM HOMENAGEM AOS VELHOS TEMPOS

TRINTA E QUATRO
ESCREVO A PIOR CARTA DO MUNDO, APAGA, APAGA

TRINTA E CINCO
QUASE O MELHOR BEIJO DE BOA-NOITE DO MUNDO

UM

EU DESÇO PELA DESCARGA

Olha, eu não queria estar no último ano do ensino médio.

Eu tinha esperanças de que meu pai pudesse escrever um bilhete:

Prezado Fulano,
Por favor, dispense Percy Jackson da escola para sempre e dê logo o diploma para ele.
Obrigado.
Poseidon

Achei que merecia isso depois de batalhar contra deuses e monstros desde os doze anos. Eu tinha salvado o mundo... três vezes? Quatro? Já perdi a conta. Você não precisa dos detalhes. Nem sei se me lembro de tudo a essa altura.

Talvez você esteja pensando: *Uau! Você é filho de um deus grego! Deve ser incrível!*

Mas quer saber a verdade? Na maior parte do tempo, ser um semideus é uma porcaria. Se alguém disser o contrário, é porque está tentando recrutar você para uma missão.

Então lá estava eu, atravessando o corredor em minha primeira manhã em uma escola nova de ensino médio (mais uma vez), depois de perder todo o segundo ano por causa de amnésia mágica (longa história). Meus livros estavam quase caindo dos braços, e eu não tinha ideia de onde ficava a sala de inglês do terceiro período. Matemática e biologia já tinham fritado meu cérebro. Não sabia como chegaria ao fim do dia.

Uma voz chiou no alto-falante:

— *Percy Jackson, por favor, apresente-se na sala da orientadora.*

Pelo menos nenhum dos alunos me conhecia ainda. Ninguém olhou para mim e riu. Apenas me virei, com um ar meio despreocupado, e segui em direção à ala da administração.

A Alternative High School fica em uma antiga escola de ensino fundamental no Queens. Ou seja, são apenas mesas pequeninas e nenhum armário, o que faz a gente ter que carregar todas as nossas coisas de uma aula para a outra. Em todos os corredores, eu encontrava lembretes alegres da infância na escola: manchas de tinta de dedo nas paredes, adesivos de unicórnio se soltando de extintores de incêndio e de vez em quando um cheirinho de suco de frutas e biscoitos.

A AHS aceita qualquer um que precise terminar o ensino médio. Não importa se você saiu do reformatório juvenil, se tem dificuldades severas de aprendizagem ou se por acaso é um semideus muito azarado. Também é a única escola na região de Nova York que me aceitou para o último ano e me ajudou a compensar os créditos que perdi no anterior.

O lado bom é que tem uma equipe de natação e uma piscina olímpica (não faço ideia do motivo), e meu padrasto, Paul Blofis, achou que seria bom para mim. Prometi a ele que ia tentar.

Também fiz uma promessa para minha namorada, Annabeth. O plano era eu me formar a tempo de irmos para a faculdade juntos. Não queria decepcioná-la. Pensar nela indo para a Califórnia sem mim me tirava o sono...

Encontrei a sala da orientadora, um lugar que, nos velhos tempos, devia ter sido a enfermaria da escola. Deduzi isso a partir de um quadro na parede com um sapo roxo triste com um termômetro na boca.

— Sr. Jackson! Entre!

A orientadora contornou a mesa, pronta para apertar minha mão, até que percebeu que eu estava carregando três mil quilos de livros.

— Ah, coloque isso aí em qualquer lugar. Por favor, sente-se!

Ela indicou uma cadeira azul de plástico uns trinta centímetros baixa demais para mim. Quando me acomodei, meus olhos ficaram na altura de um pote de balas na mesa dela.

— Então... — A orientadora sorriu para mim, sentada na cadeira de aparência confortável e de tamanho adulto. Os óculos fundo de garrafa faziam seus olhos nadarem. O cabelo grisalho formava linhas onduladas que me lembravam um banco de ostras. — Como você está se sentindo?

— A cadeira é meio baixa.

— Eu quis saber na escola.

— Bom, eu só tive duas aulas...

— Você já começou a preencher os formulários das faculdades?

— Eu acabei de chegar.

— Eu sei, o que quer dizer que nós já estamos atrasados.

Olhei para o sapo roxo, que parecia tão infeliz quanto eu.

— Olha, senhora...

— Pode me chamar de Eudora. Agora vamos ver que livretos nós temos — disse ela, alegre, então revirou uma gaveta.

— Poly Tech. BU. NYU. ASU. FU. Não, não, não.

Queria que ela parasse. Eu sentia as têmporas latejarem. Meu TDAH fazia com que eu me sentisse com um monte de bolas de bilhar ricocheteando sob a pele. Não conseguia pensar sobre faculdade naquele dia.

— Olha, eu agradeço sua ajuda. Mas, de verdade, eu já tenho meio que um plano. Se eu conseguir terminar a escola este ano...

— É, a Universidade Nova Roma — disse ela, ainda concentrada na gaveta. — Mas a orientadora mortal não parece ter um livreto em nenhum lugar aqui.

Minhas orelhas estalaram.

Senti gosto de sal no fundo da garganta.

— Orientadora mortal?

Coloquei a mão no bolso da calça jeans, onde eu guardava minha arma favorita: uma caneta esferográfica mortífera. Não seria minha primeira vez me defendendo de um ataque na escola. É surpreendente a quantidade de professores, administradores e outros funcionários que são monstros disfarçados. Ou talvez não seja *tão* surpreendente assim.

— Quem é você? — perguntei.

Ela se sentou ereta e sorriu.

— Eu já falei. Meu nome é Eudora.

Eu a observei melhor. O cabelo cacheado era *mesmo* um banco de ostras. O vestido cintilava como uma membrana de água-viva.

É estranho como a Névoa funciona. Mesmo os semideuses, que veem coisas sobrenaturais o tempo todo, precisam se concentrar para romper a barreira entre o mundo humano e o divino. Caso contrário, a Névoa encobre o que se vê, faz ogros

parecerem pedestres e um drakon gigante, o trem da linha N. (E pode acreditar, é constrangedor tentar subir em um drakon ao entrar na estação Astoria Boulevard.)

— O que você fez com a orientadora normal?

Eudora balançou a mão, fazendo pouco-caso.

— Ah, não se preocupe. Ela não poderia ajudar você com a Nova Roma. É por isso que *eu* estou aqui.

Algo no tom dela me deixou... não muito tranquilo, mas pelo menos não me senti ameaçado tão diretamente. Talvez ela só comesse outros orientadores.

E a presença dela era familiar... a sensação de sal nas narinas, a pressão nos ouvidos, como se eu estivesse trezentos metros debaixo d'água. Percebi que já tinha encontrado alguém como ela, quando tinha doze anos, no fundo do rio Mississippi.

— Você é um espírito do mar. Uma nereida.

Eudora riu.

— É, isso é óbvio, Percy. Você achou que eu era uma dríade?

— Então... foi meu pai que enviou você?

Ela arqueou uma sobrancelha, como se estivesse começando a achar que talvez eu fosse meio lerdo. O estranho é que as pessoas me olham muito com essa expressão.

— Isso, querido. Poseidon. Seu pai? Meu chefe? Agora peço desculpas por não conseguir encontrar um livreto, mas sei que você vai precisar de todos os requisitos humanos comuns para a Universidade Nova Roma: notas, histórico escolar e avaliação psicológica atualizada. Nada disso é um problema.

— Não?

Depois de tudo pelo que passei, talvez fosse cedo demais para se sentir confiante quanto ao último item.

— Mas você também vai precisar de alguns, hã, pré-requisitos especiais.

O gosto de água salgada piorou na minha boca.

— Quais pré-requisitos especiais?

— Alguém já falou com você sobre cartas de recomendação divinas?

Ela parecia querer muito que a resposta fosse sim.

— Não.

Eudora mexeu num pote de balas.

— Entendi. Bom. Você vai precisar de três cartas. De três deuses diferentes. Mas tenho certeza de que, para um semideus com seus talentos...

— *O quê?*

Eudora fez uma careta.

— Ou nós podemos olhar outras faculdades. A Faculdade Comunitária Ho-Ho-Kus é muito boa!

— Você está de *brincadeira*?

O rosto da nereida começou a cintilar. Filetes de água salgada escorreram do cabelo de banco de ostras.

Eu me senti mal por ter ficado com raiva. Não era culpa dela. Eu sabia que Eudora só estava tentando me ajudar porque meu pai tinha mandado. Ainda assim, não era o tipo de coisa com que eu quisesse lidar em uma segunda-feira de manhã. Nem nunca.

Voltei a respirar normalmente.

— Desculpa. É que... eu *preciso* entrar na Nova Roma. Fiz muitas coisas para os deuses ao longo dos anos. Não posso mandar um formulário para conseguir a recomendação deles por e-mail...?

Eudora franziu as sobrancelhas. O vestido dela tinha começado a liberar água do mar. Uma poça se espalhava pelo ladrilho verde e se aproximava cada vez mais dos meus livros.

Suspirei.

— Argh. Vou ter que fazer *novas* missões, né?

— Bom, querido, o processo de admissão da faculdade sempre é desafiador, mas estou aqui para ajudar...

— Que tal isto? Se meu pai quer mesmo ajudar, acho que ele mesmo devia me explicar esse negócio de carta de recomendação, em vez de mandar você aqui para me dar a má notícia.

— Ah. Bom, isso seria...

— Atípico dele — concordei.

Algo zumbiu no penteado (ostreado?) de Eudora, fazendo-a pular. Eu me perguntei se havia uma enguia elétrica presa no banco de ostras, mas ela puxou uma das conchas.

— Com licença. Preciso atender.

Eudora levou a concha ao ouvido.

— Alô? Ah, sim, senhor! Eu... Sim, eu entendo. Evidentemente. Agora mesmo.

Ela apoiou a concha na mesa e a encarou fixamente, como se estivesse com medo de que tocasse de novo.

— Meu pai?

Ela tentou sorrir. O lago de água salgada ainda estava se espalhando pelo chão da sala, molhando os livros, entrando nos meus sapatos.

— Ele acha que você talvez tenha razão. Ele vai explicar tudo para você pessoalmente.

Ela disse *pessoalmente* da forma que a maioria dos professores diz *na detenção*.

Tentei manter a calma, como se eu tivesse vencido uma discussão, mas meu pai e eu não nos falávamos havia... um tempo. Em geral, ele só me levava ao palácio submarino quando uma guerra estava prestes a começar. Eu tinha esperanças de que talvez ele me desse uma semana, mais ou menos, para me habituar à escola antes de me convocar.

— Ótimo — falei. — Então... eu posso voltar para a aula?

— Ah, não, querido. Ele quer dizer *agora*.

Em volta dos meus pés, a água girou, formando um redemoinho. Os ladrilhos começaram a rachar e se dissolver.

— Mas não se preocupe. Nós vamos nos ver de novo! — disse Eudora.

O chão sumiu de debaixo da cadeira, e eu despenquei em um redemoinho forte com um tsunami trovejante.

DOIS

MEU PAI DÁ UMA AJUDINHA* (*NÃO AJUDA NEM UM POUCO)

Você sabe que é semideus há muito tempo quando desce por algum tipo de descarga da escola direto para o oceano Atlântico e nem fica surpreso.

Não tentei lutar contra a correnteza. Conseguia respirar embaixo da água, então isso não era uma questão. Só continuei sentado na cadeirinha azul de plástico e despenquei pelo Encanamento Particular de Poseidon™, movido por um tsunami de quase vinte bilhões de litros. Mais rápido do que daria para dizer *Credo, que troço horrível*, fui expelido do fundo do mar como se tivesse sido cuspido por um molusco.

Quando a nuvem de areia ao meu redor baixou, tentei me situar. Meus sentidos náuticos me diziam que me encontrava a uns sessenta e cinco quilômetros ao sudeste da costa de Long Island, a sessenta metros de profundidade. Não era nada de mais para um filho de Poseidon, mas, crianças, não tentem isso em casa. A uns noventa metros à minha frente, a plataforma continental despencava na escuridão. E bem no precipício havia um palácio reluzente: a *villa* de verão de Poseidon.

Como sempre, meu pai estava reformando o lugar. Acho que, quando se é imortal, você se cansa de ter a mesma casa por séculos. Poseidon sempre parece estar derrubando, renovando ou expandindo. Uma coisa que ajudava era que, em se tratando de obras submarinas, ele tinha quase força infinita e mão de obra de graça.

Um par de baleias-azuis puxava uma coluna de mármore do tamanho de um prédio. Tubarões-martelo rejuntavam fileiras de tijolos de coral com as barbatanas e os cefalofólios. Centenas de tritões e sereias nadavam para lá e para cá, todos com capacetes que combinavam com o brilho amarelado de seus olhos.

Quando nadei pela obra, dois acenaram. Um golfinho de colete de segurança reflexivo bateu na minha mão em cumprimento.

Encontrei meu pai parado ao lado de uma piscina infinita parcialmente construída com vista para o abismo do Hudson Canyon. Não entendi direito qual era o sentido de uma piscina infinita quando já se estava debaixo da água, mas sabia que era melhor nem perguntar. Meu pai era tranquilo na maior parte do tempo, mas não era sábio questionar suas escolhas estilísticas.

As roupas dele, por exemplo.

Alguns dos deuses gregos que conheci gostavam de mudar de aparência todos os dias. Podiam fazer isso, sabe, por serem deuses. Mas Poseidon parecia ter escolhido um visual que funcionava para ele, mesmo que não funcionasse para mais ninguém.

Naquele dia, ele estava usando uma bermuda cargo amarrotada que combinava com um par de Crocs e meias. A camisa de botão de manga curta parecia ter sido alvo de uma guerra de paintball entre o Time Roxo e o Time Hello Kitty. O chapéu de pescador tinha iscas penduradas em volta da aba. Na mão, um tridente de bronze celestial vibrava com poder, fazendo a água ferver ao redor das pontas.

Com o corpo atlético, a barba escura aparada e o cabelo cacheado grisalho, era de se pensar que ele tinha uns quarenta e cinco anos... até ele se virar e sorrir para você. Aí, reparando nas linhas de expressão do rosto, como a encosta desgastada de uma montanha, e no verde melancólico dos olhos, dava para perceber que aquele cara era mais velho do que a maioria das nações: poderoso, antigo e carregando o peso de bem mais do que apenas a pressão da água.

— Percy — cumprimentou ele.

— Oi.

Nossas conversas são profundas assim.

O sorriso dele ficou tenso.

— Como está a escola nova?

Segurei a vontade de comentar que eu só havia tido duas aulas antes de ser despejado numa descarga para o mar.

— Até agora, tudo bem.

Não devo ter soado convincente, porque meu pai franziu as sobrancelhas espessas. Imaginei nuvens de tempestade se formando na costa do Atlântico e barcos sacudindo em ondas furiosas.

— Se não for uma escola satisfatória, fico feliz em mandar uma onda gigante...

— Não, é legal — falei, depressa. — Então, sobre as cartas de recomendação para a faculdade...

Poseidon suspirou.

— Pois é. Eudora se ofereceu para orientar você. Ela é a nereida dos dons do mar, sabe? *Ama* ajudar as pessoas. Mas talvez ela devesse ter esperado um pouco antes de dar a notícia...

Em outras palavras: a responsabilidade tinha caído no colo *dele*, e ele não tinha gostado nada disso.

Se você concluiu que Poseidon é daqueles pais que preferem manter distância, você está de parabéns. Eu só o conheci com uns doze anos, quando (por pura coincidência) ele precisou de um favor.

Mas hoje em dia a gente até que se dá bem. Sei que meu pai me ama do jeito dele. Só que é difícil deuses serem próximos dos filhos mortais. Nós, semideuses, não vivemos muito em comparação aos deuses. Para eles, somos, digamos, hamsters. Hamsters que morrem muito. Além do mais, havia muitas outras coisas no radar de Poseidon: governar os oceanos; lidar com derramamentos de petróleo, furacões e monstros marinhos rabugentos; e reformar as mansões dele.

— Eu só quero entrar na Universidade Nova Roma. Não tem um jeito de você...?

Eu mexi os dedos, tentando indicar uma magia divina que desse um jeito de os problemas desaparecerem.

Não que eu já tivesse visto esse tipo de coisa acontecer. Os deuses são bem melhores em criar problemas magicamente do que resolvê-los.

Poseidon penteou o bigode com a ponta do tridente. Como ele fez isso sem cortar a cara, não sei.

— Infelizmente, as cartas de recomendação são o melhor que eu posso fazer. São o único jeito de o Conselho Olimpiano deixar você pagar sua dívida.

A comunicação debaixo d'água é complicada. Eu estava em parte traduzindo os sons e cliques de baleia e em parte ouvindo a voz dele por telepatia, então não tive certeza de que havia entendido.

— Eu não tenho dívida estudantil nenhuma — falei. — Nem fui aceito ainda.

— Não dívida estudantil. Essa é a dívida que você tem por... existir — explicou Poseidon.

Senti o estômago revirar.

— Você quer dizer por ser filho dos Três Grandes. *Seu* filho.

Poseidon olhou ao longe, como se tivesse reparado em algo interessante no abismo. Quase esperei que ele gritasse *Olha, está brilhando!* e desaparecesse quando eu me virasse.

Uns setenta anos antes, os Três Grandes deuses (Zeus, Poseidon e Hades) fizeram um pacto de não terem mais filhos semideuses. Nós éramos poderosos e imprevisíveis demais. Tínhamos certa tendência a iniciar grandes guerras, provocar desastres naturais, criar séries de televisão ruins... essas coisas. Por serem deuses, os Três Grandes acharam formas de quebrar o pacto e não se meterem em encrencas. Só que nós, filhos semideuses, é que pagamos o pato.

— Achei que já tivéssemos deixado isso para trás. Eu ajudei vocês a lutarem contra os titãs... — murmurei.

— Eu sei.

— E contra Gaia e os gigantes.

— Eu sei.

— E...

— Meu filho — o tom da voz dele me disse que seria melhor eu parar de listar meus maiores sucessos —, se dependesse de mim, eu acabaria com essa exigência ridícula. Infelizmente, alguém... — ele olhou para cima, *alguém* sendo código para *meu irmão irracional Zeus* — ... gosta de seguir regras. Você não deveria ter nascido, então, na teoria, você não tem direito a entrar na Universidade Nova Roma.

Não dava para acreditar.

Ao mesmo tempo, dava *muito* para acreditar.

Bem quando achei que ia ter uma folga, quebrei a cara. Pelo jeito, os deuses olimpianos achavam que eu era a marionete deles.

Relaxei a mandíbula para não trincar os dentes.

— Então... três cartas de recomendação.

Poseidon se animou.

— Zeus queria que fossem vinte e cinco. Eu o convenci a reduzir para três.

Ele pareceu estar esperando alguma coisa.

— Obrigado. Você não poderia escrever uma? — resmunguei.

— Eu sou seu pai. Não seria imparcial.

— É, a gente quer total imparcialidade.

— Que bom que você entende. Para conseguir cada carta, você vai ter que fazer uma missão. Todas as três vão ter que ser terminadas antes do prazo de inscrição das faculdades, no solstício de inverno. Sempre que um deus escrever uma carta de recomendação, entregue-a a Eudora, e ela vai colocar no seu arquivo.

Tentei pensar em deuses que poderiam pegar leve e me dar missões simples. Eu tinha ajudado muitos imortais ao longo dos anos. O truque era pensar em alguém que fosse *lembrar* que recebera minha ajuda... ou lembrar meu nome, para começo de conversa.

— Acho que posso pedir para Hermes. E Ártemis...?

— Ah, você não pode sair pedindo aos deuses. Eles vão ter que procurar você. Mas não se preocupe! — Poseidon parecia muito satisfeito consigo mesmo. — Fui proativo e botei seu nome no quadro de missões olimpiano.

— No quê?

Poseidon estalou os dedos, e um folheto amarelo-néon apareceu nas mãos dele. Era um anúncio com minha foto e o seguinte texto:

PERCY JACKSON FARÁ

SUAS MISSÕES

(EM TROCA DE CARTAS DE RECOMENDAÇÃO PARA A FACULDADE)

A parte de baixo do folheto estava cortada em tirinhas, todas exibindo meu endereço de casa.

A foto parecia ter sido tirada de dentro do espelho do meu banheiro, o que gerou várias perguntas perturbadoras. Meu cabelo estava molhado. Os olhos, entreabertos. Havia uma escova de dentes saindo da minha boca.

— Você já postou isso, né?

— Não foi incômodo algum. Mandei minhas fadas do mar espalharem por todo o Monte Olimpo também.

— Estou tão...

— Grato. — Ele pousou a mão pesada no meu ombro. — Eu sei. Também sei que você não estava esperando esse obstáculo a mais, mas pense só! Quando entrar na faculdade, você vai ter uma vida bem mais fácil. Os monstros raramente atacam semideuses mais velhos. Você e sua namorada...

— Annabeth.

— Isso. Você e Annabeth vão poder relaxar e se divertir.

Poseidon se empertigou.

— Opa, acho que estou ouvindo meu designer de interiores chamando. Ainda não decidimos se o azulejo do banheiro vai ser espuma do mar ou água-marinha. Foi maravilhoso ver você de novo, Percy. Boa sorte com as missões!

Ele bateu a base do tridente nas pedras do pátio. O chão se abriu, e fui sugado pelo fundo do mar sem nem uma cadeira de plástico em que me sentar.

TRÊS

NÓS RECLAMAMOS DE MISSÕES E CABAÇAS DECORATIVAS

— Você tem que fazer *o quê*?

Annabeth e eu estávamos sentados na saída de incêndio do lado de fora do meu quarto, os pés balançando sobre a Rua 104. Nas semanas anteriores, com o fim do verão, a saída de incêndio tinha se tornado nosso cantinho. Apesar de tudo que tinha acontecido naquele dia, eu estava feliz. É difícil ficar triste quando estou com Annabeth.

Eu contei tudo sobre meu primeiro dia na AHS: as aulas, as dores de cabeça, o passeio não planejado ao fundo do mar. Annabeth balançou as pernas; era um tique nervoso, como se ela quisesse chutar mosquitos ou espíritos do vento irritantes.

— Isso é ridículo. Talvez eu possa convencer minha mãe a escrever uma carta.

A mãe de Annabeth era Atena, deusa da sabedoria, e uma carta de recomendação dela provavelmente seria bem-vista. Para meu azar, nas poucas vezes nas quais nos vimos, Atena me avaliou de cima a baixo com os olhos cinzentos penetrantes, me encarando como se eu fosse um farsante.

— Sua mãe não gosta de mim. Além do mais, Poseidon disse com todas as letras: eu tenho que fazer *novas* missões para três deuses. E as missões têm que vir deles.

— Argh.

— Foi minha reação também.

Annabeth fixou o olhar no horizonte, como se estivesse à procura de uma solução vinda lá pros lados de Yonkers. As soluções surgem em Yonkers?

— A gente vai dar um jeito — prometeu ela. — A gente já passou por coisa pior.

Eu amava a confiança de Annabeth. E ela estava certa... A gente já tinha passado por tanta coisa juntos, era difícil imaginar algo que não pudéssemos enfrentar.

Às vezes, alguém me perguntava se eu já tinha saído com alguém além de Annabeth, ou se eu já tinha pensado em sair com outra pessoa. Sendo sincero? A resposta era *não*. Depois de um ter ajudado ao outro no Tártaro, o lugar mais profundo e horripilante do universo, e termos saído dessa vivos e mais fortes do que antes... Bom, não é o tipo de relacionamento que dá para substituir, nem mesmo pensar em querer substituir. Sim, é verdade que eu ainda nem tinha dezoito anos. Mesmo assim... ninguém me entendia, me aceitava ou segurava minha onda tanto quanto Annabeth, e eu sabia que ela podia dizer o mesmo sobre mim... porque, se eu fosse ruim como namorado, ela reclamaria rapidinho.

— Talvez sejam missões pequenas — falei, esperançoso. — Tipo pegar o lixo na rodovia no sábado, algo assim. Mas é *minha* responsabilidade, e não *nossa*. Não quero arrastar você para esse rolo.

— Ei. — Ela colocou a mão sobre a minha. — Você não está me *arrastando* para nada. Vou ajudar você a se formar no ensino médio e a entrar na faculdade comigo, custe o que custar.

— Então vai escrever minhas redações?

— Boa tentativa.

Ficamos em silêncio por um minuto, nossos ombros se tocando. Nós dois tínhamos TDAH, mas eu poderia ter ficado daquele jeito por horas, perfeitamente satisfeito, apreciando a forma como a luz do sol da tarde cintilava no cabelo de Annabeth ou como a pulsação dela sincronizava com a minha quando dávamos as mãos.

Sua camiseta azul tinha as letras EDNY em dourado, a sigla da nova escola de ensino médio em que estava estudando: Escola de Design de Nova York.

Eu já tinha perguntado sobre o primeiro dia. Depois de começar a me contar sobre o professor de arquitetura e o primeiro grande dever de casa, ela se interrompeu de repente e disse:

— Foi legal. E o seu?

Acho que ela sabia que eu tinha mais para contar, mais problemas para resolver.

Não achei justo. Não por ela estar certa, mas porque eu não queria colocá-la em segundo lugar. Muitas vezes, o problema das pessoas que são ótimas em solucionar problemas é que nem sempre elas deixam que os outros as ajudem.

Eu estava criando coragem para perguntar de novo, para ter certeza de que nenhum deus e nenhum monstro tinham feito uma visita a *ela* durante o dia e passado missões, quando minha mãe chamou de dentro de casa.

— Ei, vocês dois. Querem ajudar com o jantar?

— Sem problemas, Sally! — disse Annabeth, entrando pela janela.

Se havia alguém que minha namorada gostava mais de ajudar do que a mim, era minha mãe.

Quando chegamos à cozinha, Paul estava picando alho. Usava um avental que um dos alunos tinha dado de presente de fim de ano. A citação na frente dizia: "UMA RECEITA É UMA HISTÓRIA QUE TERMINA COM UMA BOA REFEIÇÃO", PAT CONROY.

Eu não sabia quem era Pat Conroy. Devia ser algum autor, considerando que Paul dava aula de literatura. Mas eu gostei da citação porque gostava de boas refeições.

Annabeth pegou uma faca.

— Eu cuido do brócolis.

Paul sorriu para ela. O cabelo grisalho dele tinha ficado um pouco mais comprido e cacheado durante o verão e, como ele não se barbeava mais todos os dias, estava com um jeito, como minha mãe dizia, "agradavelmente maroto".

— Eu cedo a tábua de corte para a filha de Atena — disse ele, com uma pequena reverência.

— Obrigada, gentil senhor — declarou Annabeth, igualmente formal.

Minha mãe riu.

— Vocês dois são umas gracinhas.

Paul piscou para a minha mãe e se virou para esquentar a wok. Desde a primavera anterior, quando ele tinha dado aula para Annabeth para um projeto muito difícil de inglês, os dois haviam se aproximado por causa de Shakespeare (pois é), e passavam metade do tempo que conversavam praticamente encenando trechos de *Macbeth.*

— Percy, você pode pôr a mesa? — perguntou minha mãe.

Ela não precisava pedir, porque era minha função. Cinco pratos de cores pastel diferentes. Eu sempre ficava com o azul. Guardanapos de papel. Garfos. Copos e

uma jarra de água. Nada chique.

Eu gostava de ter um ritual simples assim, uma coisa que não envolvia lutar contra monstros, profecias divinas e experiências de quase morte nas profundezas do Mundo Inferior. Pôr a mesa para o jantar pode parecer chato, mas, quando não se tem *nenhum* descanso na vida... o chato começa a ser incrível.

Minha mãe verificou a panela de arroz e pegou uma tigela de tofu marinando na geladeira, cantarolando. Era alguma música do Nirvana, eu acho. "Come As You Are"? Pelo brilho no rosto e nos olhos dela, percebi que estava de bom humor. Ela se mexia como se estivesse flutuando ou prestes a começar a fazer passos de dança. Sorri só de vê-la assim.

Minha mãe tinha perdido tempo demais estressada, em um emprego ruim, com o coração partido por causa de um caso rápido com o deus do mar e sempre preocupada comigo, o filho semideus que começara a ser perseguido por monstros desde que tinha idade para engatinhar.

Agora, ela e Paul levavam uma vida boa juntos. E, se eu ficava meio triste por não ver a hora de ir embora bem quando as coisas estavam melhorando... bom, não era culpa da minha mãe nem do Paul. Eles faziam de tudo para me incluir. Além do mais, eu *queria* ir para a faculdade. Se tivesse que escolher entre estar com Annabeth e... bom, *qualquer coisa*, não havia o que escolher. Minha decisão já estava tomada.

Paul colocou um dente de alho na wok, que chiou e soltou fumaça como um dragão espirrando. (E, sim, eu já vi dragões espirrarem.)

— Acho que estamos prontos, milady — anunciou ele para Annabeth.

— A caminho.

Assim que ela colocou os legumes no óleo, a campainha tocou.

— Eu atendo — falei, e corri para receber a quinta pessoa do jantar.

Assim que abri a porta, Grover Underwood colocou uma cesta de frutas nas minhas mãos.

— Eu trouxe morangos. — O nariz dele farejou algo. — Isso é mexido com tofu?

— Oi para você também — falei.

— Eu amo mexido com tofu!

Grover me ignorou e foi direto para a cozinha, afinal, ele sabe o que é bom.

Meu melhor amigo tinha adotado um visual bem natural, o que diz muito, pois ele é um sátiro, um ser da natureza. Os chifres e o cabelo cacheado estavam

competindo para ver quem conseguia ser mais alto. Até o momento, os chifres estavam ganhando, mas não por muito. As ancas de bode tinham ficado tão peludas que ele parara de usar calças humanas para cobri-las, embora me garantisse que os humanos ainda viam as calças graças à magia de obscurecimento da Névoa. Se alguém olhasse para ele de um jeito estranho, Grover só dizia "Roupa esportiva confortável".

Ele vestia a camiseta laranja de sempre do Acampamento Meio-Sangue e ainda usava tênis feitos especialmente para seus pés, porque cascos são barulhentos e difíceis de serem disfarçados pela Névoa. Acho que a explicação "roupa esportiva confortável com calçados de sapateado" não funcionava muito bem.

Minha mãe abraçou Grover e ficou feliz da vida com a cesta de morangos quando a coloquei na bancada.

— O cheiro está maravilhoso. A sobremesa perfeita! — exclamou ela.

— A última colheita do verão — comentou Grover, triste.

Ele abriu um sorriso fraco, como se estivesse ruminando sobre o fato de aquele ser *meu* último verão no acampamento também. Quando os semideuses se formam no ensino médio, isso se vivermos tanto tempo, a maioria de nós passa a morar no mundo dos mortais. A lógica é que, a essa altura, já estamos fortes para nos defendermos sozinhos e, como não somos mais alvos tão fáceis, os monstros costumam nos deixar em paz. É assim na teoria, pelo menos...

— Agora a gente tem que se preparar para a temporada de cabaças — continuou Grover, com um suspiro. — Não me entenda mal. Eu amo cabaças decorativas, mas elas não são tão gostosas.

Minha mãe deu um tapinha no ombro dele.

— Vamos cuidar para que essas frutinhas não sejam desperdiçadas.

A panela de arroz apitou, e Paul se virou para o fogão e mexeu na wok fumegante uma última vez.

— Quem está com fome?

Tudo fica mais saboroso quando comemos com as pessoas que amamos. Eu me lembro de cada refeição que meus amigos e eu compartilhamos na mesa de jantar a bordo do *Argo II*, mesmo que a gente só se alimentasse de porcarias quando tinha um tempinho entre as batalhas de vida ou morte. Então, em casa, eu tentava saborear cada jantar com minha mãe e o Paul.

Passei a maior parte da infância pulando de internato em internato, então nessa época nunca tive a coisa de "jantar de família". Nas poucas vezes nas quais eu estava em casa, quando minha mãe era casada com o Gabe Cheiroso Ugliano, compartilhar uma refeição era a última coisa que eu queria fazer. A única coisa pior que o fedor do Gabe era o jeito como ele mastigava de boca aberta.

Minha mãe se esforçava ao máximo. Ela fazia de tudo para me proteger, inclusive viver com Gabe, cujo fedor tirava os monstros do meu rastro. Ainda assim... meu passado difícil só me fez apreciar momentos bons mais ainda.

Conversamos sobre a carreira da minha mãe como escritora. Depois de anos sonhando e lutando, o primeiro romance dela seria publicado na primavera. Ela não tinha ganhado muito dinheiro com a negociação, mas pelo menos um editor tinha de fato *pagado* pelo que ela tinha escrito! Minha mãe no momento oscilava entre euforia e ansiedade extrema, contando os segundos para o lançamento.

Também falamos sobre o trabalho de Grover no Conselho dos Anciãos de Casco Fendido, que enviava sátiros para todo o mundo para verificar catástrofes na natureza. O conselho tinha problemas de sobra com que lidar no momento.

Por fim, contei a Grover sobre meu primeiro dia na escola e as três cartas de recomendação que tinha que conseguir dos deuses.

Uma expressão de pânico surgiu no rosto dele, mas meu amigo logo a disfarçou. Ele se sentou mais ereto e tirou arroz do cavanhaque.

— Bom, então vamos fazer essas missões juntos!

Tentei não parecer aliviado demais.

— Grover, você não precisa...

— Você está de brincadeira? — Ele sorriu para Annabeth. — Uma chance de fazer missões, só nós três? Com nos bons e velhos tempos? Os Três Mosqueteiros!

— As Meninas Superpoderosas — sugeriu Annabeth.

— Shrek, Fiona e o Burro — falei.

— Espera aí — disse Grover.

— Por mim, tudo bem — aceitou Annabeth.

Paul propôs um brinde:

— Os monstros não sabem o que os aguarda. Só tomem cuidado, vocês três.

— Ah, vai dar tudo certo — disse Grover, apesar de estar com o olho esquerdo tremendo. — Além do mais, sempre leva um tempo para as notícias se espalharem entre os deuses. Acho que temos algumas semanas até o primeiro pedido chegar!

QUATRO

EU LEVO UM GOSTOSÃO PARA TOMAR SMOOTHIE

O primeiro pedido chegou no dia seguinte.

Pelo menos dessa vez as aulas já haviam acabado. Eu tinha sobrevivido à de matemática, ficado de olhos abertos na aula de inglês, tirado um cochilo na hora que tínhamos livre para estudar por conta própria (melhor aula de todas) e conhecido a equipe de natação no sétimo tempo. O treinador dissera que nossa primeira reunião seria na quinta. Tudo bem, desde que eu me lembrasse de não respirar debaixo d'água, de não nadar em Mach 5 e de não sair da piscina seco da cabeça aos pés. Essas coisas costumavam me fazer parecer um esquisitão.

Foi então que, quando eu estava a caminho de encontrar Annabeth e Grover no Suco Gostoso, fui abordado por um deus.

Eu estava sentado no trem F, e a sombra de alguém se agigantou sobre mim.

— Posso me sentar com você?

Eu soube na hora que estava encrencado. Ninguém no metrô está a fim de conversa, ainda mais com gente que não conhece. Ninguém *nunca* pergunta se pode se sentar com você. As pessoas só se espremem nos lugares que estiverem disponíveis. Além do mais, o vagão estava quase vazio.

O cara na minha frente parecia ter uns vinte anos. Tinha cabelo preto curtinho, olhos castanhos grandes e pele marrom-clara. Estava usando uma calça jeans rasgada, uma camiseta preta grudada e várias peças de ouro: anéis, brincos, um colar, um piercing no nariz e pulseiras. Até os cadarços das botas cintilavam em dourado. Parecia ter saído de uma propaganda de uma butique da Madison Avenue: *Compre nossas joias e você vai ficar parecendo esse cara!*

Senti um cheirinho de colônia, algo parecido com cravo e canela. Fez meus olhos lacrimejarem.

Ele disse mais alguma coisa.

— Quê? — perguntei.

Ele indicou o assento ao meu lado.

— Ah. Hã...

— Obrigado.

O sujeito se sentou em uma nuvem de fragrância doce demais. Olhou para os outros seis passageiros do trem. Estalou os dedos, como se estivesse chamando um cachorro, e as pessoas ficaram paralisadas. Não que desse para perceber a diferença.

— Então. — Ele apoiou os dedos com unhas feitas nos joelhos e abriu um sorrisinho. — Percy Jackson. Que simpático.

— Que deus é você?

Ele fez um muxoxo.

— O que faz você pensar que sou um deus?

— Só um palpite.

— Hunf. E eu tive um trabalho danado para disfarçar. Até vesti *roupas*.

— Eu agradeço o esforço. De verdade.

— Bom, você estragou meu momento de revelação. Eu sou Ganimedes, amado copeiro de Zeus, e preciso da sua ajuda. O que você me diz, Percy Jackson?

O trem parou guinchando na minha estação. Annabeth e Grover estariam esperando.

— Você gosta do Suco Gostoso? — perguntei.

Já tive reuniões de todo tipo com deuses, mas era a primeira vez que eu levava um para uma lanchonete de smoothies. O lugar estava lotado. Ainda bem que Annabeth e Grover tinham conseguido nossa mesa de sempre no canto. Minha namorada fez sinal para mim e pareceu confusa quando viu o cara dourado me acompanhando.

— A gente já fez o pedido — disse ela, quando nos sentamos no banco à frente deles. — Eu não sabia que você ia trazer um amigo.

— Grover! — chamou o atendente no balcão. Como a maioria dos caras que trabalhava no Suco Gostoso, ele era enorme e musculoso, estava usando uma regatinha e tinha um sorriso ofuscante de tão branco. — Tem um Fiji Fro-Yo, um Marinheiro Salgado e um Águia Dourada!

— Uma águia?! Cadê? — berrou Ganimedes, tentando se esconder embaixo da mesa.

Annabeth e Grover trocaram um olhar confuso.

— Eu pego as bebidas — disse Grover, e correu até o balcão.

— Águia Dourada é uma bebida — explicou Annabeth para Ganimedes, que ainda estava encolhido, tremendo.

O deus se empertigou com cautela.

— Eu... eu tenho uns traumas com águias.

— Você deve ser Ganimedes — adivinhou Annabeth.

O deus franziu a testa, e então olhou para a própria camisa.

— Eu estou de crachá? Como você soube?

— Bom, você é lindo.

O comentário pareceu animar o deus, causando o efeito contrário em mim.

— Obrigado — disse ele.

— E Ganimedes era para ser o mais bonito dos deuses. Ganimedes e Afrodite, óbvio.

O deus balançou a cabeça como se estivesse refletindo sobre a comparação.

— Acho que vou permitir.

— Você era mortal. Era tão bonito que Zeus se transformou em águia e pegou você para levá-lo para o Olimpo — lembrou ela.

Ganimedes se encolheu.

— É. Tem muito tempo, mas ainda dói...

Grover reapareceu com uma bandeja de smoothies.

— Eu peguei para você um Poção do Grandão — disse meu amigo para Ganimedes. — Espero que esteja bom. O que eu perdi?

— Ele é um deus — falei.

— Eu *sei*. Ele é Ganimedes.

— Como você...? — Ganimedes se interrompeu. — Deixa pra lá.

— A gente estava prestes a descobrir por que Ganimedes veio me procurar — expliquei.

Grover distribuiu os smoothies. Marinheiro Salgado para mim, óbvio. Só um pouquinho de caramelo salgado com maçã e banana. O Fiji Fro-Yo era para Grover. E o Águia Dourada era para Annabeth: cúrcuma, gengibre, leite de coco e um monte de nutrientes para o cérebro, como se ela precisasse de ajuda nesse departamento.

Compenetrado, Ganimedes mexeu seu Poção do Grandão, olhando de vez em quando para o smoothie de Annabeth, como se a bebida fosse criar garras que o capturariam e levariam para os céus.

— Eu vi seu anúncio no quadro de avisos. Ele... quase pareceu bom demais para ser verdade — admitiu o deus.

— Obrigado?

— E a única coisa que eu tenho que fazer para recompensar é escrever uma carta de recomendação?

Mordi a língua para não fazer vários comentários. *Uma gorjetinha não faria mal. Na verdade, nossa taxa de urgência vai ser cobrada.*

— O acordo é esse. E o que *eu* tenho que fazer?

— *A gente* — corrigiram Grover e Annabeth, ao mesmo tempo.

Ganimedes enfiou o canudo na tampa do copo. Eu odiava aquele som.

— Eu tenho que ter certeza de que isso vai receber o *máximo* da discrição da parte de vocês — disse ele, baixando a voz e olhando ao redor, nervoso, apesar de nenhum cliente estar prestando atenção em nós. — Não podem contar para ninguém. Entenderam?

— Discrição é com a gente mesmo — garantiu Grover, que uma vez, sem enxergar nada, avançar na Medusa usando um par de tênis voadores e gritando a plenos pulmões.

Ganimedes se sentou um pouco mais aprumado.

— O que vocês sabem sobre minhas responsabilidades no Monte Olimpo?

— Você é o copeiro dos deuses — respondeu Annabeth.

— Deve ser um trabalho maneiro — comentou Grover, em um tom sonhador. — Imortalidade, poder divino, e você só precisa servir bebidas?

Ganimedes amarrou a cara.

— É um trabalho horrível.

— É, deve ser horrível. — Grover assentiu. — Ficar... servindo tantas bebidas.

— Quando era só nos banquetes, tudo bem. Mas, agora, noventa por cento dos pedidos são entregas. Ares quer o néctar entregue no campo de batalhas. Afrodite quer o de sempre com gelo picado a mais e duas cerejas ao marasquino entregue em uma sauna em Helsinque em quinze minutos ou menos. Hefesto... nem vou falar de Hefesto. Esse trabalho está me matando.

— Certo. Como podemos ajudar? — perguntei.

Fiquei com medo de o cara passar a parte das entregas para mim, e eu terminar carregando copos pelo mundo.

— Meu símbolo mais importante de trabalho... — disse Ganimedes. — Vocês adivinham o que é?

Achei que devia ser uma pergunta capciosa.

— Como você é o copeiro dos deuses, vou dizer que é... um copo?

— Não um copo qualquer! É o cálice dos deuses! A taça do sabor supremo! O único copo digno do próprio Zeus! E agora...

— Ah. Sumiu, né? — chutou Annabeth.

— Sumiu, não — disse Ganimedes, triste. — Meu copo foi roubado.

CINCO

TODO MUNDO ODEIA GANIMEDES PORQUE ELE É BONITO DEMAIS

Ganimedes escondeu o rosto nas mãos e começou a chorar copiosamente.

Olhei para Annabeth e Grover, que sabiam tanto quanto eu como consolar um deus aos prantos.

Dei tapinhas no ombro dele.

— Calma, calma.

Isso não pareceu ajudar.

Um dos funcionários do Suco Gostoso se aproximou. Seu sorriso murchou.

— O smoothie não está bom, senhor? Eu posso trazer outra coisa.

— Não. — Ganimedes fungou. — É que... — Ele indicou nossas bebidas com um gesto fraco. — Eu não aguento ver tantos copos. É tão recente. É tão, tão recente.

O funcionário contraiu o peitoral, nervoso, e se afastou depressa.

— Sabe — disse Grover —, o pessoal do Acampamento Meio-Sangue faz projetos de artesanato incríveis. Acho que eles conseguiriam fazer um cálice novo para você.

O deus balançou a cabeça.

— Não seria a mesma coisa.

— Ou você pode pesquisar copos descartáveis feitos de material reciclável.

— Grover — repreendeu Annabeth. — Ele quer o copo especial dele.

— Só estou dizendo que copos descartáveis podem ser mais higiênicos. Tantos deuses bebendo no mesmo cálice...?

— Você disse que foi roubado. Você sabe quem pegou? — interrompi.

Ganimedes fechou a cara. Pela primeira vez, vi raiva divina brilhando nos olhos dele: um sinal de que aquele cara tinha mais do que boa aparência e acessórios brilhantes.

— Eu tenho algumas suspeitas. Mas, primeiro, vocês precisam prometer que isso vai ser confidencial. O cálice faz as bebidas terem gosto bom para os deuses. Mas, se um *mortal* o pegasse... um gole lhe concederia a imortalidade.

De repente, meu Marinheiro Salgado não estava mais com um gosto tão especial. Meu primeiro pensamento foi em todas as pessoas aleatórias que poderiam encontrar o copo, tomar um gole e se tornar imortais. A mulher de cara malvada que servia palitos de peixe no refeitório da AHS. O cara que gritava comigo para comprar sorvete sempre que eu passava no Sr. Docinho Feliz na Primeira Avenida. O corretor de Wall Street que sempre furava fila no café e fingia que todos os pedidos eram dele.

Com base nas minhas experiências, a última coisa de que este mundo precisava eram mais deuses.

Meu segundo pensamento foi: por que os deuses ficam perdendo seus itens mágicos? Parecia até um pré-requisito para exercer o trabalho deles: 1) virar um deus; 2) ter um objeto mágico bacana; 3) perder esse objeto; e 4) pedir a um semideus para encontrá-lo. Quem sabe eles gostassem disso, tipo os gatos, que gostam de derrubar coisas de mesas.

Meu pensamento seguinte:

— Se é algo tão poderoso, por que você confiaria na gente para pegar de volta?

Ganimedes me encarou.

— Eu não poderia confiar em mais ninguém! Você já recusou imortalidade uma vez, Percy Jackson.

Ele falou isso como se eu tivesse feito uma coisa inexplicável, tipo pedir pizza de mirtilo. (Se bem que, parando para pensar... talvez ficasse bom.)

E é verdade, eu recusei a imortalidade uma vez. Zeus tinha oferecido me tornar uma divindade menor depois que salvei o Monte Olimpo dos titãs alguns anos antes (podia haver algumas regras e restrições). Mas eu tinha escolhido defender uma mudança sistêmica. Pedi que os deuses parassem de ignorar os filhos semideuses.

Acontece que esta é mais uma semelhança que os deuses têm com os gatos: não são tão bons em aprender coisas novas.

— Tudo bem. Totalmente confidencial — falei para Ganimedes.

— E esses outros? — Ganimedes indicou Grover e Annabeth.

— *Esses outros* sabem guardar segredo. Ficar de boca fechada é sempre uma boa estratégia — garantiu Annabeth.

— Isso aí — concordou Grover.

— Eles são meus melhores amigos. Você pode confiar neles tanto quanto em mim — falei.

E, pensando bem... isso era meio aberto à interpretação, mas Ganimedes relaxou os ombros. Enxugou as lágrimas com os dedos cheios de anéis de ouro.

— Tudo bem. Eu suspeito que alguém no Olimpo esteja tentando me constranger, querendo me fazer ficar mal diante de Zeus. Se ele descobrir que eu perdi o copo... — O deus estremeceu. — Não. Eu tenho que recuperá-lo.

— Você tem inimigos? — perguntei.

Era difícil para mim imaginar como o servidor de bebidas dos deuses poderia deixar as pessoas com raiva.

— Ah, tenho. Hera, por exemplo. Ela me odeia desde o dia em que Zeus me levou para o Olimpo. Zeus sempre ficava me elogiando, entende: como eu era bonito, como eu iluminava o palácio. Não é culpa *minha* se eu tenho pernas mais bonitas que as dela.

Annabeth rangeu os dentes, apreensiva.

— Vamos torcer para não ser Hera.

— Não... — Ganimedes encarou o smoothie. — Não deve ser. Ela acharia que é se rebaixar.

Eu não tinha tanta certeza. Se bagunçar minha vida não era baixo demais para a rainha dos deuses, roubar recipientes de bebida talvez também não fosse.

— Mas tem outros — continuou Ganimedes. — Todo mundo no Olimpo me odeia, na verdade, porque eu sou recém-chegado, um garoto novato transformado em imortal. Me chamam de interesseiro! Dá pra acreditar?

Tentei não olhar para os dez quilos de ouro que ele estava usando.

— Você desconfia de mais alguém em particular?

Ganimedes olhou ao redor, como se um dos atendentes gostosões da loja pudesse ser um espião. Fez sinal para nos aproximarmos.

— Antes de eu ser copeiro, duas outras deusas fizeram meu trabalho. Primeiro, Hebe. Depois, Íris.

Íris, a deusa mensageira, eu conhecia. Todos os semideuses a chamam de tempos em tempos para mandar mensagens pelo arco-íris, nossa versão de videochamadas, mas eu também me lembrava de ter visitado a loja de comida orgânica dela na Califórnia. A experiência deixou uma queimadura de patchouli na minha cara que levou semanas para sarar.

Grover tomou o Fiji Fro-Yo.

— Íris parece bem tranquila para sair roubando cálices.

— Talvez. — Ganimedes franziu a testa. — Mas Hebe...

Ela, eu não conhecia. Hebe tinha um chalé no acampamento, um dos mais novos, mas nunca tinha entrado no meu cartão de bingo de missões.

— A deusa da juventude — comentou Annabeth, talvez ao reparar que eu parecia não ter a menor ideia de quem era. — Mas, Ganimedes, você é eternamente jovem e bonito. Por que ela ia querer constranger você?

— Ah, você não a conhece — respondeu Ganimedes. — No começo, sempre que eu servia bebidas à mesa de banquetes, ela ficava murmurando *derrama, derrama* quando eu passava. Ela é tão imatura.

Grover deu de ombros.

— Bom, se ela é a deusa da juventude...

— Isso não é desculpa! Aquela deusa tem que crescer! — retrucou o cara de vinte e poucos anos de três mil anos de idade.

— Tudo bem. Você tem alguma prova de que ela pegou o copo? — perguntei.

— Prova? — Ele fez um ruído de deboche. — É para isso que eu preciso de *você*. Vocês, heróis, não procuram impressões digitais, analisam DNA, esse tipo de coisa?

— Acho que você está confundindo com o *CSI*. Mas tudo bem, a gente começa com Hebe. Depois verifica Íris.

— Tudo bem. — Ganimedes tomou mais um gole. — Hum. Até que não está ruim. Quando eu for demitido e transformado em mortal de novo, talvez eu possa trabalhar aqui.

— Você seria um ótimo gostosão — admitiu Annabeth. — Há quanto tempo seu cálice está desaparecido?

Ganimedes parou para pensar.

— Um século?

— Um *século*?! — repeti.

— Ou uma semana? — Ganimedes apertou o nariz. — Sempre confundo esses períodos. Não é muito. Até agora, consegui disfarçar com meus pedidos de entrega. Os outros deuses meio que esperam copos para viagem. Mas, se eu não trouxer meu cálice de volta antes do próximo banquete presencial, todo mundo vai notar. Eu vou ser humilhado!

— Quando é o próximo banquete? — perguntou Grover. (Meu amigo gosta de banquetes.)

— Sei lá! — gritou Ganimedes. — Zeus é imprevisível! Ele pode marcar um daqui a vinte anos. Ou amanhã. A questão é que eu preciso do cálice de volta antes que a notícia se espalhe!

Ele se inclinou para a frente, a expressão severa.

— Interroguem essas deusas. Vejam o que sabem. Mas não as *ofendam*. E *não* digam que enviei vocês. E *não* revelem que meu copo foi roubado.

— Vai ser difícil interrogá-las assim. Alguma ideia de onde essas deusas ficam? — perguntou Annabeth.

Eu estava me preparando para ele dizer Polo Norte ou Mongólia Exterior. Se tivesse que perder muitas aulas para realizar uma missão do outro lado do mundo, as cartas de recomendação para a faculdade não fariam a menor diferença. Eu nunca me formaria no ensino médio.

— Elas ficam perto do Monte Olimpo — disse ele, para meu alívio. — Quer dizer, Manhattan. Devem estar por aqui. — Ele fez um gesto vago, como se revistar o lugar inteiro não pudesse ser tão difícil assim. — Faça isso por mim, Percy Jackson, e eu escrevo sua carta!

Não parecia nenhuma grande recompensa. Por outro lado, os deuses costumavam apenas pedir coisas, sem prometer nada em troca. Tipo aquele garoto levado em *A árvore generosa*.

(Falando nisso, *nunca* dê esse livro de aniversário para um sátiro achando que ele vai gostar por se tratar de uma história sobre uma árvore. O sátiro vai começar a chorar e depois vai bater em você. Digo isso por experiência própria.)

— Essa carta de recomendação vai ser *positiva*? E você vai assinar? — perguntei, só para me certificar.

Ganimedes franziu a testa.

— Você é exigente, mas tudo bem! Agora vai, antes que eu esteja arruinado!

Ele desapareceu em uma nuvem de pó cintilante. Como sempre com acontecimentos mágicos, os mortais ao nosso redor não pareceram reparar. Ou talvez tenham achado que ele tinha encontrado o smoothie perfeito e ascendido para a iluminação dos gostosões.

— Bem. — Tomei meu Marinheiro Salgado e examinei o rosto dos meus companheiros em busca de algum sinal de arrependimento. — Isso pode ser divertido. Alguma ideia de por onde começar?

— Infelizmente, não — respondeu Grover. — Mas preciso terminar minha bebida antes, rapidinho. Vamos precisar de todas as nossas forças.

SEIS



AFINAL, ALCAÇUZ

Eis um desafio: tente ter um dia inteiro de aulas (na verdade, só isso já poderia ser o desafio todo) e depois sair em uma missão para encontrar uma deusa, sabendo que, ao voltar para casa, *se* voltar para casa, ainda vai ter que encarar algumas horas de dever de matemática e ciências.

Quando fomos para o centro, eu estava me sentindo meio azedo, e não foi porque meu Marinheiro Salgado estava estragado.

Grover nos levou direto para Times Square, a parte mais barulhenta, lotada e cheia de turistas de Manhattan. Eu tentava evitar o local ao máximo, o que, é óbvio, significava que eu ficava sendo levado para lá, em geral para lutar contra um monstro, falar com um deus ou ficar pendurado de cueca boxer em um outdoor. (Longa história.)

Grover parou na frente de uma loja pela qual eu teria passado direto. Por metade de um quarteirão, todas as vitrines estavam cobertas de papel-alumínio. Geralmente isso acontece quando a loja está fechada ou é bem duvidosa. Estudei a placa eletrônica enorme acima da entrada. Talvez já tivesse passado por lá umas dez vezes, mas nunca havia prestado a menor atenção. Na Times Square, todas as telas luminosas enormes meio que se misturam.

— Não acredito — falei.

Annabeth balançou a cabeça, perplexa.

— Ela chamou *mesmo* o lugar de Hebe Sinistra?

— Pelo jeito, sim. — Grover suspirou.

— E como você sabia deste lugar? — perguntei.

As bochechas dele ficaram vermelhas.

— Eles têm um alcaçuz delicioso aqui. É impossível passar sem sentir o cheiro!

Não dava para ver nada pela vitrine. Eu também não estava sentindo cheiro algum. Por outro lado, não tinha nariz de sátiro para alcaçuz. É tipo erva-dos-gatos para os caras-bode.

— É uma loja de doces, então? — perguntou Annabeth.

— Não, está mais para... — Grover inclinou a cabeça. — É mais fácil eu mostrar.

Eu não sabia se entrar no covil de uma deusa era a melhor ideia do mundo, mas Grover cruzou a porta e fomos atrás. Por causa do alcaçuz, acho.

Dentro... bom, imagine que todos os centros de entretenimento mais bregas dos anos 1990 se juntaram e tiveram um bebê. Essa era a Hebe Sinistra.

Havia fileiras de máquinas de Skee-Ball prontas para um agito. Umas dez plataformas de *Dance Dance Revolution* piscavam e brilhavam, nos convidando a rebolar. Fileiras de todos os fliperamas de que eu já tinha ouvido falar e dezenas de que eu não tinha ouvido falar ocupavam o armazém enorme e pouco iluminado, o que deixava o lugar parecendo um labirinto reluzente. (E *labirinto* é uma palavra que eu nunca uso à toa.)

Ao longe, vi um balcão de doces para que os clientes se servissem num saquinho e depois o pesasse. E ainda tinham cestos enormes com doçuras coloridas. Do outro lado do armazém, havia um café com mesas de piquenique e um palco onde iguanas robóticas tocavam instrumentos musicais.

Havia uma piscina de bolinhas do tamanho de uma casa, uma estrutura de escalar que parecia uma jaula de hamster gigante e uma estação de trocas de bilhetes com bichos de pelúcia gigantescos como prêmio.

O lugar todo cheirava a pizza, pretzel e limpador industrial. E estava *lotado* de famílias.

— Agora eu entendi o *Sinistra* — disse Annabeth, estremecendo.

— Eu já vim algumas vezes. — O rosto de Grover era uma mistura de ansiedade e fome... mas, pensando bem, essa era a expressão habitual dele. — Nunca cheguei ao outro lado.

Olhei para as crianças felizes correndo distraídas e para os pais, que pareciam igualmente animados ao brincar com jogos dos quais eles deviam se lembrar da infância.

— Olha — comentei, dando alguns passos em direção à porta atrás de mim. — Estou sentindo uma energia forte de Cassino Lótus aqui... Tipo um Cassino Lótus de *quinta categoria*, mas mesmo assim...

Eu não precisava explicar o que queria dizer. Anos antes, tínhamos ficado presos em um cassino de Las Vegas que oferecia mil razões para nunca ir embora. Escapamos por pouco.

— Não é uma armadilha — garantiu Grover. — Pelo menos, eu nunca tive nenhuma dificuldade de ir embora. Estas famílias... elas vêm e vão. Não parecem estar presas no tempo.

Ele tinha razão. Não vi ninguém com calça boca de sino nem com cortes de cabelo dos anos 1950, o que era um bom sinal. Uma família passou, todo mundo com os braços cheios de bichos de pelúcia de prêmio, e saiu do edifício sem problema.

— Então... qual é a pegadinha? Sempre tem uma pegadinha — declarou Annabeth.

Assenti. Nunca tinha entrado em um estabelecimento de um deus grego, monstro nem outro ser imortal que não tivesse um lado ruim. Quanto mais interessante o local parecesse, mais perigoso era.

— Não sei — admitiu Grover. — Em geral, compro alcaçuz e vou embora. Sou discreto.

Ele franziu a testa para mim, como se estivesse com medo de eu fazer algo chamativo, tipo botar fogo em tudo. Para ser sincero, isso me magoou. Não porque eu nunca tenha tacado fogo em lugares, explodido coisas e gerado desastres apocalípticos aonde quer que fosse... é só que nada disso me torna *totalmente* irresponsável.

— E você tem certeza de que Hebe está aqui? — perguntei.

— Não, mas... — Grover balançou os ombros. — Sabe aquela sensação que a gente tem quando tem um deus por perto e a gente não consegue ver, mas parece que tem um enxame de besouros rola-bosta na nuca?

— Não exatamente... — respondi.

— Além do mais, *besouros rola-bosta* é bizarramente específico — disse Annabeth.

Grover tirou os insetos de cocô metafóricos da nuca.

— Eu estou com essa sensação agora. A gente pode perguntar para algum funcionário se a Hebe está. Se a gente encontrar algum.

Entramos no fliperama. Mantive a mão ao lado do corpo, pronto para pegar Contracorrente, minha caneta-espada, apesar de não parecer haver muito com o que lutar exceto crianças em idade escolar e chefões de videogame. Eu meio que esperava que as iguanas robôs da banda nos atacassem com baionetas de banjo, mas elas continuaram tocando as músicas programadas.

— Ah, meus deuses! — exclamou Annabeth. — Stackers. Eu não jogo isso desde...

Os pensamentos dela voaram para longe. Minha namorada fazia parte do Acampamento Meio-Sangue desde os sete anos, então devia estar revivendo uma lembrança *muito* antiga. Fazia sentido para mim que ela gostasse de um jogo que era de colocar um bloco em cima do outro. Annabeth amava tudo que tivesse a ver com construção e arquitetura.

Quando nos aproximamos da estação de doces, senti uma pontada no peito. Não por estar com fome, mas porque o cheiro me lembrava muito o antigo local onde minha mãe trabalhava, Doce América. Eu adorava ir lá durante o verão e vê-la ajudar as pessoas a escolher doces. Acho que era um trabalho bem difícil e não pagava muito, mas a minha mãe nunca deixava de fazer as pessoas sorrirem. Todo mundo sempre ia embora feliz, com a mistura certa de doces, o que fazia a minha mãe parecer uma super-heroína para mim.

Óbvio que ela ainda era uma super-heroína para mim por vários motivos. Mas, quando eu tinha sete ou oito anos, ter uma mãe que era a moça dos doces era a coisa mais legal do mundo. Ela trazia amostras quando voltava para casa, e aquele lugar tinha meus doces favoritos: caramelo salgado com mirtilo, azedinhas azuis, azul... bom, tudo. É incrível que minha língua não tenha ficado violeta para sempre.

Grover farejou as fileiras de alcaçuz, que tinham tantas cores que me lembravam as gravatas penduradas no armário de Paul. (O namorado da minha mãe ama usar gravatas diferentes para dar aula. Diz que deixa os alunos bem despertos.)

Um grupo de adultos passou, rindo e lacrimejando, lembrando seus doces e jogos favoritos de antigamente.

— É um buraco de nostalgia. O local vende para as pessoas as infâncias delas — observei.

Annabeth assentiu. Seu olhar percorreu o centro de diversões como se estivesse à procura de ameaças.

— Isso faz sentido, mas muitos lugares vendem nostalgia. Não é necessariamente uma coisa ruim...

Uma funcionária passou, usando uma camisa polo azul vibrante da Hebe Sinistra com um short combinando, mexendo num rolo de tickets de prêmio.

— Com licença, moça. — Annabeth tocou no braço dela, e a funcionária pulou.

— *O que foi?* — disse ela, com rispidez.

Percebi que era uma garota. Tinha cabelo preto cacheado com presilhas cor-de-rosa, um rostinho gorducho de bebê e um crachá que dizia BRILHINHO, GERENTE. Ela devia ter uns nove anos.

— Desculpe. — Brilhinho respirou fundo. — A máquina de fichas quebrou de novo e eu tenho que levar estes bilhetes para... Enfim, como eu posso ajudar?

Eu me perguntei se os deuses tinham leis de trabalho infantil para os negócios mágicos. Se tivessem, a deusa da juventude parecia não acreditar nelas.

— Estamos procurando Hebe... — falei.

— Se tem a ver com reembolso por um jogo quebrado...

— Não tem — garanti.

— Ou com a pizza estar mofada...

— Não é. Eca.

— Depende do mofo — murmurou Grover.

— A gente só precisa falar com a deusa encarregada. É meio urgente — disse Annabeth.

Brilhinho revirou os olhos e cedeu.

— Depois do penhasco de mergulho, à esquerda passando pelo galinheiro.

— Penhasco de mergulho? — perguntei.

— Galinheiro? — perguntou Grover.

— Ela vai estar no karaokê. — Brilhinho franziu o nariz como se isso fosse um fato desagradável da vida. — Não se preocupem. Vocês vão ouvir.

Ela se afastou apressada com o rolo de bilhetes de prêmios.

Olhei para Annabeth e Grover.

— A gente vai mesmo procurar um karaokê... tipo, de propósito?

— Você pode cantar "Shallow" comigo — ofereceu Annabeth.

— Você não vai querer isso — garanti.

— Ah, sei lá. — Ela beliscou meu braço de leve. — Pode ser romântico.

— Eu só vou continuar andando — disse Grover.

Devia ser a escolha mais sábia.

Encontramos o penhasco de mergulho: uma parede de dois andares de pedra falsa de onde você podia pular em uma piscina estranhamente turva. Havia dois garotos pulando sem parar, caindo na água, saindo e correndo para o alto, enquanto os pais estavam perto, absortos em um jogo de *Space Invaders*.

Eu sou filho de Poseidon, mas não pularia naquela piscina nem por todo o dinheiro do mundo. Em qualquer corpo de água onde criancinhas estivessem brincando? Não, obrigado. Ainda assim, anotei onde ficava a piscina, só para o caso de eu precisar de H2O para jogar por aí.

Sou um cara com talentos limitados. Se não puder matar com água, uma espada ou sarcasmo, fico basicamente indefeso. Já venho carregado com uma dose de sarcasmo de prontidão para ser disparado. A caneta-espada está sempre no meu bolso. Agora, eu tinha acesso à água, então estava tão bem-preparado quanto possível.

Passamos pelo galinheiro... que achamos que podia ser apelido para um espaço particular de eventos ou algo assim, tipo onde se faria guerra de travesseiro de penas. Mas não. Era um galinheiro de verdade. No meio do fliperama, havia uma cabana vermelha sobre vigas, com alambrado em volta. No chão ao redor, mais de dez galinhas e uns pintinhos amarelos bicavam ração, faziam aquele ruído que a galinha faz e agiam apenas como galinhas.

— Por quê? — perguntei.

— O animal sagrado de Hebe. Acho que devemos ir em frente — disse Annabeth.

Não discuti. As galinhas estavam nos observando com olhos vidrados, como se pensando *Cara, se a gente ainda fosse dinossauro, faria picadinho de vocês.*

Por fim, encontramos o karaokê. Ficava separado do resto do centro de entretenimento por portas de mogno de correr, o que não impedia a música de passar. Dentro, havia umas seis mesas viradas para um palquinho triste, onde um grupo de gente mais velha cantava uma música com uma vibe meio Woodstock. As luzes do palco pulsavam em um tom amarelo doentio. O sistema de som estalava.

Aquilo não parecia incomodar os *boomers*, que passavam os braços em volta uns dos outros e balançavam as bengalas, as carecas brilhando e cantando sobre paz e luz do sol.

— A gente já pode ir embora? — perguntou Grover.

Annabeth apontou para uma mesa junto à parede mais distante.

— Olha ali.

Sentada à mesa, batendo os pés no ritmo da música, estava uma garota mais ou menos da minha idade. Pelo menos, era o que aparentava. Mas dava para ver que era uma deusa, porque os imortais sempre se fazem perfeitos demais quando aparecem em forma humana: pele incrível, cabelo reluzente, roupas sem amassado e coloridas demais para meros humanos.

A garota usava um minivestido rosa e turquesa e botas brancas de saltinho dos anos 1960, mas conseguia fazer o look parecer muito descolado, e não uma fantasia de Halloween retrô. O cabelo estava preso em um penteado alto. Passou pela minha cabeça que ela estava canalizando uma moda que lembraria aos *boomers* a infância deles.

Nós nos aproximamos da mesa.

— Lady Hebe? — perguntei.

Achei que era a forma mais segura de me dirigir a ela. Estava supondo que seu sobrenome não fosse mesmo Sinistra.

A deusa ergueu um dedo para me impedir de falar, os olhos ainda fixos nos cantores geriátricos.

— Eles não parecem felizes? Tão *jovens* de novo!

Os *boomers* pareciam mesmo felizes. Eu não tinha tanta certeza sobre *jovens*, mas talvez o termo significasse algo diferente naquela época.

— Hã, é. A gente queria saber...

— Por favor, sentem-se.

A deusa balançou a mão, e três cadeiras apareceram do outro lado da mesa.

Então Hebe fez uma das ameaças mais apavorantes que eu já tinha ouvido de uma deusa:

— Vou pedir uma pizza e podemos conversar enquanto os coroas cantam músicas de protesto.

SETE

PARA A SURPRESA DE NINGUÉM, EU OFENDO UMA DEUSA

Foi a pizza que me pegou.

Não estou falando de intoxicação alimentar. Estou falando de nostalgia.

A fatia de muçarela parecia um triângulo de plástico derretido, decorada com três folhinhas murchas de manjericão e servida em um prato de papel mole de tanta gordura. Não tinha intenção de comer, não depois do comentário de Brilhinho sobre mofo, mas o cheiro me levou direto para o terceiro ano do fundamental.

Quarta era o dia da pizza. Eu me lembrei do cheiro de queijo queimado no refeitório do porão, das cadeiras verdes de plástico rachado, das conversas animadas que eu tinha com meus amigos sobre cards, do professor de história que era o monitor do almoço e do sr. Cristo. (Não é brincadeira, esse era o sobrenome dele de verdade. A gente tinha medo de perguntar qual era o nome.)

Agora, ao olhar para a pizza lustrosa de plástico do Hebe Sinistra, eu me senti com oito anos de novo.

— Uau! — exclamei.

Hebe sorriu, como se soubesse exatamente o que eu estava pensando.

— Maravilhoso, né? Se sentir jovem de novo?

Tudo bem, talvez ela não soubesse *exatamente* o que eu estava pensando. O terceiro ano não foi maravilhoso para mim. Nem a pizza. Mas viajar no tempo só por causa de um cheiro foi uma experiência e tanto.

Grover caiu com tudo e devorou a fatia de pizza, o prato de papel e meu guardanapo. Eu tinha aprendido a manter as mãos afastadas quando ele estava no modo pastagem, para que meu amigo não saísse mordendo meus dedos.

Annabeth permaneceu concentrada nos *boomers* do karaokê. Eles estavam cantando uma música lenta e triste sobre para onde tinham ido todas as flores. Eu queria gritar: *Não sei. Por que vocês não vão lá para fora procurar?*

— Que geração fabulosa — elogiou Hebe, admirando os cantores geriátricos. — Mesmo agora, se recusam a aceitar a velhice. — Ela se virou para mim. — E você, Percy Jackson, suponho que tenha vindo pedir um favor. Será que você está começando a se arrepender de ter recusado a imortalidade?

Lá vamos nós, pensei.

Cada vez que minha rejeição à proposta de Zeus vinha à tona, os deuses a tratavam como sinal de burrice... ou pior, como um insulto à bondade divina. Eu não tinha conseguido pensar em um bom jeito de explicar. Tipo, se talvez vocês todos prometessem assumir seus filhos semideuses mais cedo, para que eles não passassem a vida toda sem saber quem eram e de onde vinham, todo mundo sairia no lucro?

Devo ter feito uma cara de quem estava prestes a explodir de sarcasmo, porque Annabeth interveio.

— Ele fez uma escolha altruísta. É por isso que seus filhos ganharam um chalé próprio no Acampamento Meio-Sangue. Você finalmente teve o respeito que merecia.

Hebe estreitou os olhos.

— Talvez. Ainda assim, Percy Jackson, recusar a juventude eterna? Você não pode *querer* envelhecer. Não entende como vai ser horrível?

Não parecia haver resposta certa para isso.

Para ser sincero, eu tinha passado a maior parte da vida desejando *poder* ser mais velho para entrar na faculdade e sair da fase em que os monstros tentavam me matar dia sim, dia não.

Mas eu não queria contradizê-la, então tentei dar uma resposta cautelosa.

— Hum, acho que envelhecer faz parte da vida...

— A pizza está ótima! — interrompeu Grover, provavelmente em uma tentativa de me salvar de ser fulminado pela deusa. — E a música... — Ele franziu a testa para os *boomers*. — Espera aí... Eles estão mesmo ficando mais jovens?

Meu amigo estava certo. As mudanças eram sutis, mas o cabelo deles já não parecia tão branco. As posturas estavam mais eretas. As vozes soavam mais confiantes, embora ainda terríveis.

— Eles vêm aqui para lembrar os velhos tempos. — Hebe indicou os arredores. — A nostalgia é uma porta para a juventude. Só estou mostrando a eles como abri-la.

Senti um arrepio percorrer os ombros. A última coisa de que o mundo precisava era de *boomers* envelhecendo em sentido contrário, tipo *A gente amou tanto monopolizar o planeta da primeira vez que vai fazer de novo!*

— Que... legal da sua parte — disse Grover.

Mas, pelo leve tremor em sua voz, percebi que meu amigo não estava mais gostando daquele lugar, por melhor que fosse o alcaçuz.

Hebe cruzou os tornozelos e colocou os braços no encosto do banco comprido. Com a expressão arrogante, mais parecia uma chefe da máfia que uma adolescente dos anos 1960.

— É por isso que estão aqui? Querem saber o segredo da juventude? Imagino que nenhum de vocês tenha tido infância de verdade, né? Sempre fazendo coisas para os deuses, fugindo de monstros, bancando os *adultos*. — A expressão dela se fechou, como se a palavra a repugnasse. — Nosso torneio de Skee-Ball costuma levar um ou dois anos. Ou você pode trocar bilhetes por vários elixires. Já vou avisando que, se estiver procurando algo extremo, eu não transformo ninguém em bebê. Eles só choram, fazem cocô e vomitam. A verdadeira magia da infância começa por volta dos oito anos.

Annabeth se mexeu na cadeira.

— Não havia crianças pequenas no fliperama. Ninguém com menos de uns oito anos. Sua gerente, Brilhinho...

— Fica no fliperama principal — garantiu Hebe. — Eu sou *sempre* a pessoa mais jovem em qualquer ambiente, sabe, mesmo que seja por poucos meses. Não suporto gente mais jovem que eu. — Ela descartou a ideia, banindo-a da sua presença. — Mas prefiro a adolescência.

— Então você fica em um karaokê. Faz sentido — falei.

Ela assentiu. Tomei uma nota mental de não usar sarcasmo como arma contra a deusa. Era óbvio que ela era imune.

— Agora, se vocês me disserem o quanto querem ser jovens, vou dizer o preço.

— Não — respondi.

De repente, o ar ficou mais frio e mais rançoso que a pizza.

— Não? — repetiu a deusa.

— Não é por isso que estamos aqui.

A expressão de Hebe foi de arrogante para "divina cara de paisagem", o que não era uma coisa boa.

— Então por que vocês estão desperdiçando meu tempo infinito?

— A gente está procurando uma informação — comentou Annabeth.

— Sobre os deuses. *Um* deus. Digamos. Sei lá... Ganimedes, por exemplo? — acrescentou Grover.

Fiquei tentado a enfiar o dispensador de guardanapos na boca do meu amigo, mas era tarde demais.

Hebe se inclinou para a frente. As unhas dela estavam pintadas de amarelo marca-texto.

— E por que vocês querem saber dele?

Os *boomers* terminaram a música. Depois de comemorarem com abraços e outros cumprimentos, eles devolveram os microfones ao lugar e saíram do palco para voltar para o fliperama. Coisa típica de *boomer*: se divertir e ir embora antes que tudo dê errado.

Grover ficou inquieto sob o olhar da deusa. Um pedaço de guardanapo tinha ficado grudado no cavanhaque dele, como se fosse um fantasminha.

— A gente só está conduzindo uma breve pesquisa de opinião...

— Ele mandou vocês aqui — adivinhou a deusa.

Quanto mais tempo Hebe passava com a gente, mais jovem parecia. Se eu a tivesse visto na AHS, acharia que era do primeiro ano ou talvez até do nono do fundamental II, uma pirralha colorida com aparência vingativa.

— Por que Ganimedes faria isso? — acrescentou ela.

Annabeth ergueu as mãos em um gesto de rendição.

— Não é bem que ele tenha nos enviado...

— Ele anda *mesmo* meio nervoso nos últimos tempos — refletiu Hebe. — Mas não enviaria um grupo de heróis, a menos que... — Ela sorriu. — A menos que tenha perdido alguma coisa. Ah, não é possível. Ele perdeu o cálice dos deuses?

Hebe riu com tanto gosto que comecei a relaxar. Se achava isso engraçado, talvez fosse um bom sinal. Eu gostava mais de deusas felizes do que de deusas zangadas.

Dei de ombros.

— A gente não pode confirmar nem negar...

— Que coisa maravilhosa! — Ela riu. — Aquele bruxinho arrogante está *muito* encrencado! E mandou vocês para me interrogarem porque... — Todo o humor sumiu do rosto dela. — Ah, entendi.

— A gente só queria informações básicas — falei, depressa. — Sabe como é, tipo quem poderia ter motivo para...

— Roubar o cálice — concluiu ela.

Annabeth balançou a cabeça.

— A gente não está dando a entender...

— Vocês acham que eu roubei! Vocês vieram me acusar!

— Também não é assim! — gritou Grover. — Eu... eu vim pelo alcaçuz!

Hebe se levantou. O vestido girava com luz rosa e azul.

— Heróis *me* acusando de roubo! A única coisa que já roubei foi tempo das Parcas para que os mortais pudessem apreciar vidas mais longas! Não estou nem aí para... para o *copo daquele usurpador*! Acham que eu ia querer meu antigo emprego de volta, servindo mesas no Monte Olimpo, quando eu tenho meu próprio estabelecimento aqui, com toda a pizza, karaokê e carrinhos bate-bate que eu possa desejar?

Isso me pareceu mais uma pergunta capciosa. Num momento de completa idiotice, tentei responder.

— Você tem razão. Óbvio que é bobagem. Mas será que você sabe de alguém que poderia ter roubado? Ou talvez deixasse a gente dar uma olhada por aí para poder relatar que com toda a certeza não está aqui...

— CHEGA! — gritou Hebe, e então abriu as mãos. — O que você disse antes, Percy Jackson? *Envelhecer faz parte da vida?* Bom, talvez você devesse começar esse processo de novo. Quem sabe desta vez faça as coisas *direito* e aprenda a ter bons modos!

A deusa explodiu em uma nuvem de purpurina arco-íris que me derrubou da cadeira.

OITO

EU QUERO MINHA MÃE

Se a nostalgia era a porta para a juventude, eu sentia que Hebe a tinha escancarado e me chutado para fora.

Meu corpo todo doía.

Músculos da barriga e das costas que eu nem sabia que existiam reclamavam. Meu cérebro latejava como se fosse grande demais para o crânio.

Estava caído no chão, o carpete grudento e áspero encostando nos braços. Quando me sentei, me senti ao mesmo tempo arrastado e leve demais, como se tivesse recebido uma transfusão de hélio líquido. Annabeth estava caída à esquerda, começando a se mexer. Grover estava de bruços a uma curta distância, roncando no tapete.

Estávamos vivos. Não tínhamos sido transformados em purpurina nem em bilhetes de fliperama. Hebe tinha sumido. Mas algo estava errado. Tive a impressão de que minhas mãos estavam desajeitadas. As pernas das calças, longas demais. As barras, amontoadas nos tornozelos.

Só entendi o que tinha acontecido quando Annabeth grunhiu e se sentou. Ela também estava sobrando nas roupas grandes demais. O rosto da minha namorada... bom, olha, eu reconheceria aquele rosto em qualquer lugar. Amo o rosto dela. Mas era uma versão que eu nunca tinha visto, exceto em algumas fotos velhas e visões de sonhos.

Era Annabeth com a aparência que tinha logo depois de chegar ao Acampamento Meio-Sangue. Havia regredido para uns oito anos de idade.

Ela massageou a cabeça e se virou para mim, arregalou os olhos e soltou um xingamento que soou estranho saindo da boca de uma pessoa daquela idade.

— Hebe nos *rejuvenesceu*.

— BLAAAAAHHHH!

Grover se sentou e massageou a cabeça. Os chifres tinham encolhido até virarem cotocos. O cavanhaque havia desaparecido. Os pés e sapatos falsos, rolado para longe dos cascos de repente pequeninos, e a camiseta era tão grande que parecia uma camisola.

— Não estou me sentindo muito bem. — Ele tirou um pedaço de queijo do rosto, olhou para os cascos e gemeu. — Ah, não. Não quero ser criança de novo!

Eu não sabia se ele estava falando do tipo humano ou do tipo bode... talvez de ambos. Lembrei que Grover havia me contado que sátiros amadurecem no dobro do tempo dos seres humanos. O que significava... multiplica por dois, sobe um, divide por... ah, deixa pra lá. A matemática ia ficar para o dever de casa. Se eu voltasse para casa um dia.

— Será que a gente vai voltar ao normal se sair daqui? — sugeri.

Annabeth se levantou, trêmula. Era estranho vê-la como criança. Tive um medo irracional de ela gritar *Que nojo! Garoto perebento!* e sair correndo para longe de mim.

Mas ela só comentou, cheia de dúvida:

— Vale tentar.

Andamos pelo centro de entretenimento. Quando passamos pelo galinheiro, as galinhas nos observaram com interesse renovado. Eu nem sabia que era *possível* aves terem cara de interessada, mas todas inclinaram as cabeças, cacarejaram e bateram as asas. Uma em particular, menor e com pelos rosa em volta dos olhos e do bico, nos seguiu ao longo do alambrado, andando toda empertigada e chilreando.

— Nossa, que grosseria — disse Grover.

— O quê?

— Ela está ameaçando arrancar a carne dos nossos ossos.

Olhei nervoso para a galinha.

— Beleza, pequena assassina. Calma. A gente já está indo embora.

De repente, Grover se virou para mim, abaixou a cabeça e bateu no meu peito com tanta força que dei um passo para trás.

— Ai! Cara, pra que isso?

— Desculpa, desculpa! — Grover massageou os chifres. — Eu... eu preciso brincar. Estou praticando domínio social no bando.

Ele deu mais uma cabeçada no meu peito.

— Não sou muito fã disso — falei.

— Eu não sou muito fã de nada disso. Vamos logo — disse Annabeth.

Nenhum dos outros clientes prestou atenção em nós. Acho que éramos só mais três crianças na multidão. Procurei Brilhinho ou qualquer outra pessoa de uniforme, mas não vi ninguém. Tentei manter o foco em encontrar a saída, porém todas as luzes piscando e os barulhos chamavam minha atenção, me tentando a experimentar os jogos.

É difícil ter TDAH, mas lembrei como foi bem *mais difícil* quando eu era novo, antes de aprender a canalizar meu foco, controlar minha agitação ou, para todos os fins práticos, fazer meu próprio corpo funcionar como quero.

Ter oito anos de novo foi apavorante. A perspectiva de que eu talvez tivesse que passar por todos aqueles anos mais uma vez... Senti as lágrimas nos olhos. Queria minha mãe. Tentei ao máximo afastar o sentimento de pânico. *A saída. Encontre a saída.*

Ninguém fez algo para nos impedir. Ninguém tinha passado correntes nas portas. Só saímos para o sol da tarde na Times Square...

E continuamos criancinhas.

Segurei o braço de Grover para que ele não desse uma cabeçada em um artista de rua com fantasia do Mickey Mouse.

— E agora? — perguntou Annabeth, a voz tensa. — A gente não pode... voltar para casa assim.

Quando *minha namorada* pede conselho, sei que a situação está bem ruim. Annabeth é sempre a pessoa que tem um plano. Além disso, a casa dela era um alojamento na EDNY. Não podia aparecer lá nove anos mais jovem.

— Vai ficar tudo bem — falei.

Ela me olhou de cara feia.

— Você acha, é? Como você é burro!

Ela botou as palmas das mãos nas têmporas.

— Desculpa, Percy... Eu... eu não consigo pensar direito. Acho que Hebe mudou mais que nossa aparência.

Eu entendia. Havia muito tempo que não me sentia tão em pânico; parecia que eu tinha comido uma mistura de açúcar e vidro e seria cortado em pedacinhos ou me desmancharia por dentro.

— Não vou passar por esses nove anos de novo. Vamos voltar lá para dentro e procurar Hebe — falei.

— E depois? — Grover baliu. — Ela pode transformar a gente em bebê!

— Para! — exclamou Annabeth.

— Para *você*, sua malvada!

— Você que é!

— Você que é!

— Pessoal! — Segurei os braços dos dois e os separei. — A gente consegue resolver isso. Para dentro.

Eu estava tentando ser o sensato. Com certeza, um sinal do apocalipse. Levei os dois para dentro do Hebe Sinistra, que era o último lugar onde eu queria estar.

Quase na mesma hora, demos de cara com Brilhinho, que parecia muito mais animada sem o rolo de bilhetes de prêmio.

— Oi, bem-vindos ao Hebe Sinistra! — cumprimentou ela. — Vocês sabem andar por aqui?

— A gente estava aqui agorinha mesmo. Só que éramos mais velhos — falei.

— Isso se aplica a muita gente... — Ela olhou para nós com mais atenção. — Mais velhos quanto? Cinquenta? Oitenta?

— Sério? — disse Annabeth.

— A gente perguntou para você onde Hebe estava. Você nos mandou ir até o karaokê — lembrou Grover.

— Ah, certo. Vocês três. Tudo bem, divirtam-se — disse Brilhinho.

— Espera! A gente precisa ver a Hebe de novo! — pediu Grover.

Brilhinho arqueou as sobrancelhas.

— Vocês por acaso querem ficar *mais jovens*? Quando Hebe te abençoa, você não pode virar um ganancioso. Eu tenho sessenta e cinco anos. Só depois de meses trabalhando aqui foi que fiquei jovem assim de novo!

Óbvio que Brilhinho era outra *boomer*, só que uma *boomer* de nove anos.

— A gente não quer ficar mais jovem, só queremos que Hebe nos faça voltar ao normal — expliquei.

Brilhinho fez cara feia.

— Esperem... Vocês querem fazer uma *reclamação de idade*?

Não gostei do jeito como aquela gerente criança/*boomer* estava me olhando, como se fosse me enterrar em cupons de duas pizzas pelo preço de uma.

— Bom, é que... acho que houve um mal-entendido. A gente gostaria...

— Vocês gostariam de reclamar. — Brilhinho tirou um megafone do cinto e anunciou para todo o fliperama: — Nós temos uma reclamação de idade!

A multidão explodiu em gritos, berros e assovios. Muitos sorriram para nós de um jeito malicioso, como se estivessem esperando um grande espetáculo.

— Hã... — falei.

— Soltem os predadores! Que a caçada comece! — gritou Brilhinho.

Sinos tocaram. Apostas foram feitas. Alguns clientes especularam sobre quem cairia primeiro: eu, Annabeth ou Grover. Não parecia que as chances estavam a meu favor.

Meus batimentos cardíacos aceleraram, mas, ao observar o aposento, não consegui ver nenhum predador sedento por sangue.

— A gente só quer falar com a Hebe! — insisti.

Brilhinho apontou o megafone para minha cara e quase fez minhas sobrancelhas saírem voando.

— Talvez você fale se sobreviver à corrida. Divirtam-se! — Ela abaixou o megafone e saiu andando.

De algum lugar das profundezas do fliperama, alguém gritou. Uma cadeira saiu voando. Uma máquina de pinball foi derrubada.

Annabeth sacou a faca, que parecia maior na sua mão pequena.

Grover deu um gritinho.

— Lá vem! Estou sentindo o cheiro delas!

— Cheiro de quê? Não estou vendo... — comecei.

Mas aí, eu vi. As galinhas estavam em disparada pelo fliperama. Em geral, eu não usaria *em disparada* para descrever um comportamento aviário, mas aquelas aves eram o próprio caos com penas. Dezenas subiram nos jogos e derrubaram móveis, rasgando estofamento com as garras e os bicos. Algumas voaram sobre a cabeça dos clientes, estragando penteados. Outras arrancaram cachorros-quentes das mãos das pessoas.

Os clientes do Hebe Sinistra não pareceram se importar. Gritaram de prazer e correram do galinhapocalipse como as multidões nos eventos com touros na Espanha, acho que pensando: *Esses animais podem me matar, mas pelo menos eu vou morrer de um jeito bem maneiro!*

As galinhas vieram direto para cima da gente, com violência nos olhinhos brilhantes.

Peguei minha caneta esferográfica.

— As galinhas querem confusão? Então vão ter.

Essa deve ter sido a fala mais heroica da minha vida.

Mas o mais constrangedor foi que, quando abri Contracorrente, ela continuou sendo uma caneta. Nenhuma espada surgiu na minha mão.

— Mas o quê... Por quê? — gritei com a caneta, o que não ajudou em nada a perpetuar minha aura heroica.

— Talvez não funcione com crianças. Você está muito novinho agora — sugeriu Grover.

— Você quer dizer que a caneta tem uma *tampa à prova de criança*?

— Ei, pessoal? — disse Annabeth, embainhando a faca. — Discutam depois. Agora, eu tenho um plano diferente: CORRAM!

NOVE

AS GALINHAS ARRANCAM SANGUE

Se você nunca precisou correr por um fliperama, perseguido por galinhas... quer trocar de vida um pouquinho? Sério, pode ficar com a minha.

As aves eram pequenas, mas velozes, cruéis e com uma força surpreendente. Elas se espalharam pelo ambiente em uma onda de penas e garras, destroçando a mobília, enxotando os clientes e pontuando alto nas máquinas de *Dance Dance Revolution*. O tempo todo, os olhos que não piscavam permaneceram fixos em nós, com os bicos e garras brilhando como aço polido.

Eu tinha ouvido histórias de pessoas fazendo brigas de galo, botando lâminas nas patas das aves para aumentar o dano (porque as pessoas fazem coisas horríveis), só que aquelas galinhas em específico eram ainda mais assustadoras. Eram máquinas de matar por natureza e pareciam gostar do trabalho.

Minhas pernas de oito anos não eram boas para a fuga. Eu nunca tinha sido bom de corrida, e estava ficando para trás de Annabeth e Grover.

— Anda! — gritou Annabeth, como se eu não tivesse pensado nisso. — Aqui!

Ela correu em direção a um brinquedo tipos os de parquinho, com estrutura para subir, escorregas e grandes tubos de plástico.

Queria perguntar qual era o plano dela, mas já estava sem fôlego.

— Pessoal, peguem aquela mesa! — Ela apontou para uma mesa alta, do tipo em que se fica em pé em volta em uma festa chique.

Levei só um segundo para entender por que minha namorada queria aquele móvel específico. Àquela altura, já tínhamos vivido aventuras suficientes juntos a ponto de eu normalmente estar só poucos segundos atrasado na linha de raciocínio de Annabeth, em vez de alguns dias.

Grover pegou o tampo. Segurei a base. Era pesada, e eu não era tão forte quanto galinhas ferozes, mas conseguimos puxar a mesa até a entrada do brinquedo. Annabeth mergulhou no túnel primeiro, depois Grover e eu fomos atrás, puxando a base da mesa junto, como se estivéssemos enfiando uma rolha em uma garrafa. O tampo circular foi do tamanho certo para bloquear a entrada, sem deixar espaço para as galinhas.

Um momento depois, o bando se chocou com o brinquedo, fazendo as estruturas de plástico tremerem. As galinhas grasnaram de fúria. Mas, por enquanto, estávamos seguros.

— Quanto tempo até elas descobrirem que tem outras entradas para o tubo? — perguntei.

— Não muito — respondeu Annabeth.

Seus olhos arderam com intensidade. Notei que estava com medo, mas também sabia que ela *vivia* para aquele tipo de coisa. Annabeth atingia seu apogeu quando estava pensando em como sair de uma situação impossível.

O que era bom, porque a gente costumava passar por muitas assim.

— Por que galinhas? Tantos animais por aí... — resmunguei.

— Você preferiria onças? — retrucou ela.

— É por causa dos templos da Hebe — disse Grover, mordendo o dedo. — As sacerdotisas sempre têm galinhas e frangos. Os galos ficavam no templo de Hércules. As aves só se juntavam no dia sagrado de Hebe.

— Ah, certo. Hebe se casou com Hércules quando ele se tornou deus. — Annabeth estremeceu. — Eu quase sinto pena dela.

— Espera aí. Grover, como você sabe sobre essa história das galinhas e dos galos? — indaguei.

— Da creche — respondeu ele, infeliz. — Hebe patrocina creches para jovens sátiros. A gente cantava "Feliz Galinha Sagrada" todo dia de manhã.

De repente, eu tinha uma nova teoria sobre por que sátiros envelheciam mais rápido que humanos, mas decidi que esse talvez não fosse o momento para falar disso.

— Você é membro do Conselho dos Anciãos de Casco Fendido. Não pode pedir para as galinhas se afastarem? — perguntei.

— Eu posso tentar. — Ele baliu alguma coisa no bodês.

As galinhas se chocaram na estrutura com mais força ainda. Um bico duro perfurou o plástico entre minhas pernas.

— Acho que isso é um não — concluiu Grover.

— O dia sagrado de Hebe. Pintinhos... — refletiu Annabeth.

Fiquei confuso.

— O que você está pensando? Algum tipo de distração? Eu não tenho galos à mão.

— Não, mas tinha pintos naquele galinheiro...

— E daí? — gritei, quando um segundo bico quase fez um piercing na minha coxa.

— A gente precisa voltar para o galinheiro. E pegar um pinto.

— Tem galinhas assassinas perseguindo a gente, e você quer correr até o galinheiro delas e roubar os bebês? — perguntou Grover.

— Isso. E daí voltar a fugir. — Annabeth levantou a mão, na defensiva. — Percy, eu sei que você vai dizer que é uma péssima ideia...

— É uma péssima ideia.

— ... mas vocês precisam confiar em mim. Vamos logo.

Ela desapareceu mais fundo no tubo. Resmunguei baixinho e fui atrás. Por mais que odiasse a ideia, não tinha nenhuma outra... e eu *confiava* naquela garota.

O túnel se inclinou para cima até estarmos engatinhando logo abaixo do teto. Olhei por uma das janelinhas de acrílico e vi a maioria do bando correndo de um lado para o outro no chão, cacarejando furiosamente. Algumas aves mais espertas tinham percebido que, ei, elas tinham asas! Algumas voaram e verificaram o tubo. Outras corriam na parte de cima, bicando o plástico, mas até o momento não tinham descoberto como nos alcançar.

Paramos em um T.

— Grover, vai para a esquerda — instruiu Annabeth. — Distraia o bando. Percy e eu vamos para a direita, vamos correr para o galinheiro. A gente se reencontra no karaokê.

— Eu posso dizer que isso também é uma péssima ideia? — perguntou Grover.

— Dê o seu melhor — incentivou Annabeth. — Dos três, você é quem corre mais rápido. Também é o único que fala galinhês.

— Na verdade, galinhês não é um idioma em si, embora muitos dialetos de animais pareçam galinhês...

— Cara, só grita com elas — interrompi. — Você conhece algum insulto a galinhas?

— Este é um ambiente criado para famílias e entretenimento de crianças!

— Onde estão tentando nos matar por reclamar.

— Tem razão. Vou insultar as galinhas — disse Grover.

Ele passou por mim e engatinhou pelo lado esquerdo do túnel, os cascos se movendo como pistões fendidos.

— Vamos — disse Annabeth, com sua melhor voz de líder.

Então seguimos pelo tubo da direita.

Descemos por um tubo inclinado e caímos em uma piscina de bolinhas, o que não ajudou muito em nosso plano de fazer uma escapada rápida. Felizmente, as galinhas estavam ocupadas. No lado oposto da estrutura de brinquedo, Grover tinha saído em toda a sua glória insultante e estava correndo no meio das máquinas de Skee-Ball, jogando as bolas de madeira para trás, fazendo as galinhas tropeçarem e desviarem. Eu me lembrei de um mito sobre uma mulher jogando maçãs de ouro para trás para atrapalhar homens que a estavam perseguindo. Bolas de Skee-Ball também pareciam funcionar.

— SQUACK! — gritou Grover. — CÓ! CÓ!

A julgar pelo quanto isso enfureceu o bando, deve ter sido um comentário ofensivo sobre as mães das galinhas. Grover desapareceu no fliperama, seguido por boa parte da multidão galinácea.

— Continua — encorajou Annabeth.

Ela seguiu pela piscina de bolinhas, com as mãos acima da cabeça como se não quisesse que seu rifle inexistente ficasse molhado. Enquanto isso, mantive a caneta à mão, que acho que teria sido superútil se a galinhas tivessem decidido que queriam um autógrafo.

— Seja lá o que você vai fazer, não machuque as galinhas. Ainda são os animais sagrados de Hebe — avisou Annabeth.

— É minha prioridade. Não machucar as galinhas — murmurei.

— Estou falando sério. Isso só vai dar certo se não deixarmos Hebe com mais raiva ainda.

Eu não sabia qual era o plano de Annabeth, nem como funcionaria, mas pode arquivar isso na pasta "Eu não tinha ideias melhores", que já está bem cheia.

Annabeth saiu da piscina de bolas e me ofereceu a mão. Eu gostaria de dizer que saí de forma graciosa. Mas não foi o caso. Sacudi umas dez bolinhas de plástico da barra enorme da calça e raspei um cheeseburger pela metade da sola do sapato. Fiquei pensando no que mais poderia estar virando lentamente combustível fóssil no fundo da piscina de bolinhas... quem sabe um bando de semideuses que tinha ousado fazer reclamações de idade.

— Galinheiro — disse Annabeth, e saiu correndo.

Mesmo com oito anos, ela era mais determinada do que eu jamais tinha conseguido ser, o que poderia ter me incomodado se eu tivesse energia mental para me focar nisso.

Encontramos os pintinhos no galinheiro, onde os tínhamos deixado. Não pareciam felizes de estarem perdendo a caçada. Quando Brilhinho soltou os predadores, parecia que tinha acionado um controle que descia o alambrado para a exata metade, altura suficiente para as galinhas adultas pularem, mas alto demais para os pintinhos. Acho que essa era a versão de Hebe para aquelas plaquinhas de montanha-russa: VOCÊ PRECISA TER ESTA ALTURA PARA ASSASSINAR NOSSOS CLIENTES!

Annabeth observou os pintos, que estavam correndo em círculos, pisoteando a palha e lançando insultos intraduzíveis na nossa direção. A pinta que eu tinha notado antes, com pelos rosa no rosto, parecia particularmente zangada, pois cacarejava a plenos pulmões.

— Espero conseguir pegar um pintinho — murmurou Annabeth, mais para si mesma do que para mim.

Antes que eu pudesse dizer *Para uma garota inteligente, isso não parece uma decisão inteligente*, ela enfiou a mão no galinheiro.

— AAAI!

A Assassina Mirim tinha agarrado o dedo de Annabeth, que puxou a mão e sacudiu o pintinho fofinho como uma meia com energia estática. A Assassina Mirim se recusou a soltar.

— Lembra de não machucar ela — falei.

— Está ajudando muito — resmungou Annabeth.

Uma gota de sangue escorreu de seu dedo, mas ela colocou a mão livre em volta do pinto, segurando-o contra o peito para que não fugisse, acho que na esperança de que um dia se cansasse do gosto de carne humana.

— Vamos para o karaokê.

— Uma pintinha basta? — perguntei.

— Se você estiver com inveja, pode ficar com esta.

— Ela até que é fofa para uma galinha assassina.

Do outro lado do fliperama, houve um rugido repentino de clientes gritando, galinhas berrando có! có! e um sátiro em pânico gritando:

— Chegando!

Como eu tinha esquecido rápido o bando de galinhas sagradas que queriam nos destroçar.

Annabeth e eu corremos para o karaokê, embora minhas pernas mais jovens não me permitissem ir muito rápido. Nem tive tempo e energia de fazer a piscina explodir quando passei.

Grover chegou ao local na mesma hora que a gente. Ele estava com penas presas no pelo e as costas da camisa rasgadas, como se tivesse rolado em um colchão muito perigoso.

— Isso foi tão divertido — comentou ele, ofegante.

— Abre a porta! — exclamou Annabeth.

Grover e eu pegamos os painéis de mogno e começamos a deslizá-los para que ficassem unidos. Por que o karaokê tinha uma divisória própria, eu não sabia; talvez para isolar o resto do estabelecimento da música ou para criar um espaço privado para festas de aniversário ou sessões íntimas de interrogatório.

Assim que fechamos a porta, o bando se chocou nela.

As galinhas cocoricaram em fúria. Os painéis de mogno tremeram e rangeram. Eu não conseguia imaginar que aquilo aguentaria por muito tempo a um ataque galináceo implacável.

— E agora? — perguntou Grover, sem ar.

Meu amigo estava tão jovem e apavorado que me senti mal por botar uma criança como ele naquela situação. Mas aí lembrei que eu também era uma criança.

— Agora vem a parte difícil — disse Annabeth.

— Aquela foi a parte *fácil*? — perguntei, incrédulo.

Ela fez uma careta quando tirou a Assassina Mirim do dedo e colocou no chão.

A Assassina Mirim eriçou as penas manchadas de sangue. Concentrou-se em nós com os olhos pretos brilhantes, piou de um jeito arrogante como quem diz *É, melhor mesmo vocês me botarem no chão* e saiu andando, bicando com satisfação migalhas de pizza no carpete.

Annabeth enrolou um guardanapo no dedo machucado.

— Este karaokê é o templo de Hebe, né? O santuário dela?

Não costumo associar essas palavras a karaokês, mas assenti.

— E?

— Nos dias sagrados de Hebe, suplicantes iam ao altar dela — continuou Annabeth.

— Isso mesmo. Eles pediam perdão, e Hebe lhes dava abrigo — contou Grover.

— Mas hoje não é dia sagrado dela, é? A gente não pode estar com essa sorte toda — falei.

— Provavelmente não. Mas temos que tentar — concluiu Annabeth.

A porta tremeu e ficou curvada para dentro sob o peso das galinhas do mal.

— Grover — chamou Annabeth —, faça o que puder para formar uma barricada na porta. Percy e eu vamos procurar a música certa.

— Música? Você não está pensando em um dueto de "Shallow", né? — questionei.

— Não, uma música de *desculpas*, Cabeça de Alga! A gente pede perdão para Hebe. Quando ela aparecer, pedimos abrigo e uma segunda chance.

— E se ela recusar?

Annabeth olhou para a Assassina Mirim.

— Aí eu espero que o Plano Pintinha funcione. Senão, estamos mortos.

DEZ

MEU CANTO PIORA AS COISAS, O QUE SURPREENDE TODO MUNDO

Tem como não amar as conversas motivacionais de Annabeth?

Sempre se resumem a

Se A = B => tudo bem; se A ≠ B => morte.

Eu não sabia por que tínhamos sequestrado a Assassina Mirim, nem o que Annabeth planejava fazer com ela, mas esperava que não tivéssemos que recorrer ao Plano Pintinha. Para meu azar, isso significava que eu tinha que botar todas as esperanças no Plano Percy Canta, que parecia ter a mesma probabilidade de levar à nossa morte.

Enquanto Grover empilhava móveis na frente das portas, Annabeth e eu corremos para o palco e ligamos a máquina de karaokê. (Olha aí uma frase que eu nunca achei que falaria.) A Assassina Mirim estava à vontade, procurando embaixo das mesas por migalhas, pizza mofada ou dedos frescos para bicar.

Annabeth olhou de cara feia para a televisão.

— Tem uma função de busca nisso? Será que não dá para fazer uma referência cruzada de *desculpas* e *perdão*?

— "Sorry Not Sorry" — sugeri.

— Percy...

— Tudo bem, tudo bem. — Quebrei a cabeça tentando me lembrar de alguma opção. — Qual é a música em que aquele cara diz uma coisa tipo "Eu não pretendia magoar você nem fazer você chorar"?

— A gente não fez a Hebe chorar... Ah, espera, você está falando da música do John Lennon, "Jealous Guy"?

— Acho que é essa.

— Você acabou de chamar o John Lennon de "aquele cara"?

— Sei lá. Vê se tem essa música!

As galinhas estavam na porta, perfurando o mogno com buracos do tamanho de bicos e se jogando contra o painel, que começava a balançar perigosamente. Grover bufou e ofegou enquanto arrastava mesas para bloquear a entrada, mas havia um limite para o que um sátiro pré-adolescente conseguia fazer. Eu estava prestes a ir ajudar quando Annabeth comemorou:

— Achei!

Ela apertou um botão, e os primeiros acordes de "Jealous Guy" começaram a tocar.

Não sabia se me sentia aliviado ou desesperado. Tinha que cantar a música, e não sei cantar.

— Você pode começar? — pedi a Annabeth.

— Nem pensar — disse ela. — Foi você que deixou a Hebe com raiva!

— Eu? Fomos nós três!

— Noventa por cento você.

— Mas só noventa por cento! Eu estou melhorando!

Grover empurrou outra mesa contra a porta.

— Aumenta a música! Nós dois ajudamos! — ofereceu ele.

A tela começou a mostrar a letra, e Annabeth me entregou o microfone. (Essa é outra frase que eu nunca achei que fosse dizer.)

Eu me lembro de ouvir aquela música quando era pequeno. Minha mãe ouvia o tempo todo, embora a fizesse chorar. Odeio vê-la chorar, e foi por isso que a canção ficou grudada na minha mente.

Pensando agora, não sei se a música a fazia se lembrar de Poseidon ou se minha mãe tocava como um "fica a dica" para o meu primeiro padrasto, tipo *Talvez você devesse pedir desculpas por ser você.* Se o motivo foi esse, Gabe Cheiroso não captou a mensagem.

A música começou devagar, como uma canção funérea. Assim que comecei a murmurar os primeiros versos, as galinhas se chocaram na porta com ainda mais força. Sem dúvida, perceberam que eu tinha que ser impedido a todo custo antes que

uma música muito boa fosse torturada até a morte. Minha voz fina de oito anos não ajudou em nada. Essa era mais uma coisa que não me fazia falta do fundamental I.

Annabeth "ajudou" (aspas totalmente sarcásticas) cantando completamente fora do ritmo. É assim que você sabe que encontrou o amor verdadeiro: quando sua amada é tão ruim no canto quanto você.

Quando chegou no refrão, gritei:

— Essa é pra você, Hebe!

(Eu também gostaria de observar que, quando digitei *refrão* agora, o corretor mudou para *maldição*, o que me parece certo.)

— ... *hurt you* — murmurei. — *Cry. Jealous*. Oh, yeah!

Nossa amiga Assassina Mirim correu para debaixo da mesa do canto para se esconder. Ela me espiou com uma expressão ofendida, como quem está pensando: *Eu só tenho dois dias de idade e cantaria melhor que isso*.

Na segunda estrofe, Annabeth estava mais empolgada. Passou o braço por meus ombros e gritou que também só era um cara ciumento. O entusiasmo dela melhorou a música em uns cinco por cento negativos.

Por fim, quando entramos no segundo refrão/maldição, um redemoinho de purpurina e bilhetes de prêmio se materializou no meio da pista de dança. Hebe apareceu, com os dedos enfiados nas orelhas.

— Parem! Parem agora!

A máquina de karaokê morreu. A Assassina Mirim voltou para debaixo da mesa. A porta parou de tremer quando o exército de galinhas interrompeu o ataque.

— Ó grande e extremamente jovem Hebe — exclamei —, nós lamentamos...

— Principalmente o Percy — complementou Annabeth.

— Eu lamento noventa por cento! Por favor, nos perdoe!

Hebe fechou a cara.

— Se a música era para ser um pedido de desculpas, ele devia ser dedicado a John Lennon.

— Por favor, nos proteja das suas galinhas furiosas! — suplicou Grover da porta.

— E, por favor, nos devolva nossas idades! — completou Annabeth.

— Opa, opa, opa! — Hebe juntou as mãos em T em um sinal de tempo. — Primeiro vocês profanam minha máquina de karaokê, depois me enchem de pedidos? Por que eu deveria devolver a idade de vocês?

— Porque... — Eu hesitei. — Porque você é generosa e boa, além de superjovem.

— Estamos suplicando no seu altar — explicou Annabeth.

— No seu mais sagrado dos palcos sagrados de karaokê! O mais sagrado local de discoteca! — exclamou Grover.

Hebe o encarou.

— Exagerei? — perguntou meu amigo. — A gente só quer ir embora daqui em paz, com nossa idade normal... para podermos espalhar a notícia sobre as maravilhas e os terrores do Hebe Sinistra!

— E com alguma informação sobre o cálice dos deuses, por favor — acrescentei.

Annabeth me deu um chute na canela, mas era tarde demais.

A deusa mostrou os dentes.

— Olha aí de novo. Essa insolência. Essa calúnia. Talvez eu não tenha rejuvenescido vocês o suficiente.

— Perdoe-o! — gritou Annabeth.

Reparei que o olhar dela ficava se desviando para a mesa do canto, onde a Assassina Mirim estava escondida. Se Annabeth estava esperando a pintinha lançar um ataque sorrateiro contra a deusa, eu não estava gostando das nossas chances.

— Nós nunca tentaríamos *fazer hora e desperdiçar seu tempo*! — acrescentou Annabeth.

Essa última parte era para mim. Mesmo com oito anos, mesmo não sendo lá a pessoa mais inteligente, eu sabia. Annabeth estava enrolando para ganhar tempo. Mas por quê?

— É verdade! Relógios são ruins! — exclamei.

O penteado de Hebe parecia estar se apertando, como se formando um elmo protetor contra lesões traumáticas, tipo ouvir a gente falar. Era imaginação minha ou ela também estava ficando mais baixa?

— Você está falando absurdos — comentou ela.

— É verdade — concordou Annabeth. — Ele faz muito isso! É por isso que você tem que perdoá-lo.

— Tenho que o quê?

— Deve! Pode. Poderia se assim desejasse. Por favor, ó deusa!

Hebe bateu o pé no chão com a bota branca, que agora ia até os quadris, como aquelas de entrar em pântanos.

— Vocês são todos tão... tão melequentos!

A deusa estava encolhendo diante dos nossos olhos. O minivestido se tornou um vestido longo, a barra estampada se apinhando em volta dos tornozelos. As bochechas ficaram preenchidas com gordura de bebê.

— O que está acontecendo? — Ela sacudiu os punhos pequenininhos. — Não estou gostando!

Parecia mais nova do que nós, com talvez uns sete anos. Os olhos mantiveram o brilho de fúria, mas a voz tinha um ruído de quem acabou de sugar gás hélio que tornava difícil levá-la a sério.

— Não me olhe assim! — choramingou ela, o lábio inferior tremendo. — Você está sendo um bobão!

Mas não pude deixar de observá-la. A deusa encolheu até o tamanho de alguém do jardim de infância e depois se transformou em um bebê que acabou de aprender a andar. Até a Assassina Mirim saiu do esconderijo para espiar.

Foi então que entendi o Plano Pintinha.

Hebe sempre tinha que ser a mais jovem presente. Os poderes dela estavam reagindo à presença da pintinha. Como deusa, deveria ter sido capaz de deter o processo, mas acho que aquilo a pegou de surpresa. Ou talvez se tornar mais velha simplesmente fosse contra sua natureza.

Ela caiu, sem conseguir andar. Em seguida, engatinhou na minha direção como se quisesse segurar meu tornozelo, mas caiu de lado, se remexendo, e começou a chorar. A deusa da juventude havia virado a criança mais jovem do salão: uma recém-nascida mal-humorada com a cara vermelha.

— O que acabou de acontecer? — perguntou Grover.

Annabeth se aproximou, pegou a bebê e a enrolou no vestido de Hebe.

— A Assassina Mirim deu carteirada de mais jovem do que Hebe. — Annabeth fez cócegas no queixo da deusa. — Mas você é tão *fofinha*.

Hebe se remexeu e grunhiu. Tentou morder o dedo de Annabeth, só que não tinha dentes.

— Agora, espera — disse minha namorada para a bebê. — Eu sei que você está agitada, mas não está fazendo uma reclamação de idade, né? As galinhas não iam gostar disso.

A bebê Hebe ficou imóvel.

— Ótimo. O que eu sugiro é o seguinte: a gente concorda que algumas idades jovens são jovens *demais*. Aí, retiramos a Assassina Mirim do salão para você conseguir envelhecer pelo menos até o fundamental I. Aí você aceita nosso pedido de desculpas, nos faz voltar às nossas idades normais, nos diz o que souber sobre o cálice dos deuses e cada um segue seu caminho. Balbucie uma vez para dizer que topou. Faça cocô para rejeitar a ideia.

Eu nunca quis tanto ouvir um *sim* na vida.

Hebe balbuciou. Podia ter sido só um ruído aleatório, mas Annabeth pareceu aceitar a palavra da deusa.

— Grover, você pode pedir à Assassina Mirim para voltar ao cercadinho, por favor?

Grover fez uns ruídos de balido. A Assassina Mirim nos olhou, quem sabe querendo dizer *Obrigada pelo agito, pelas migalhas e pelo sangue*, foi até a porta e saiu por um dos buracos que as galinhas tinham feito com o bico.

A julgar pelos cacarejos lá fora, todo mundo recebeu a pintinha como uma heroína conquistadora. Os barulhos foram ficando mais baixos conforme elas seguiam para o galinheiro. Acho que a Assassina Mirim tinha espalhado a notícia de que tínhamos combinado um cessar-fogo.

Na mesma hora, Hebe começou a crescer. Annabeth a colocou depressa no chão. Observamos a bebê crescer até se tornar alguém no jardim de infância, depois no quinto ano, e por fim na adolescente mais furiosa que eu já tinha visto.

— Vocês três...

— Nós pedimos desculpas, Grande Hebe. E pedimos abrigo — disse Annabeth.

— E informações — acrescentei.

Minha namorada me deu uma cotovelada.

— Por favor — complementei.

A deusa estava furiosa. Estalou os dedos, e de repente estávamos com nossas idades normais de novo.

— Vocês têm sorte de eu gostar do John Lennon — murmurou ela. — Sentem-se, e vou contar o que eu sei. Mas vocês não vão gostar.

ONZE

A GENTE GANHA ZERO BILHETES DE PRÊMIO

— Vocês têm que ir à feira de produtores da região — disse Hebe, como se estivesse nos enviando para uma maratona hedionda de provas de admissão na faculdade.

Estávamos sentados à mesa de novo, apreciando uma segunda leva de pizza. Dessa vez, eu estava comendo, porque era adolescente de novo. Além do mais, não havia *boomers* cantando músicas de protesto, o que ajudou a digestão.

Grover engoliu um pedaço do prato de papel oleoso.

— O que tem de tão ruim na feira de produtores da região?

A deusa franziu o nariz.

— Íris botou na cabeça que a loja orgânica na Califórnia não era suficiente. Agora, quer compartilhar as mercadorias dela com o mundo todo! Vocês vão encontrá-la vendendo cristais, incenso e só Zeus sabe o que mais neste sábado, na frente do Lincoln Center.

Fiquei aliviado. Mais uma missão aqui por perto? E em um sábado? Isso significava que eu talvez conseguisse passar o resto da semana resolvendo as coisas da escola, o que não era divertido, mas pelo menos era melhor que atravessar o país para uma feira de produtores locais nos cafundós de Idaho.

Mas Annabeth estreitou os olhos. Observou Hebe como se a deusa estivesse prestes a nos atacar com glitter de novo.

— Você acha que Íris pegou o cálice, então?

Hebe deu de ombros.

— Isso quem vai determinar são *vocês*. Só posso dizer que não fui eu, e que Íris é a única outra pessoa que já foi copeira divina. Talvez, por trás daquela fachada de

arco-íris de paz e amor, ela odeie Ganimedes mais do que deixa transparecer.

— Eu já conheci Íris. Ela não pareceu rancorosa — falei.

— E eu pareço? — retrucou Hebe.

Fiquei de bico fechado. Às vezes, eu aprendo.

— Obrigada pela sua orientação, Grande Hebe — disse Annabeth. — Pedimos sua permissão para sair daqui em paz.

— Hunf. — A deusa cruzou os braços. — Muito bem. Mas nada de bilhetes de prêmio para vocês.

Grover pigarreou, como se faz depois de comer pratos de papel oleosos.

— E, hã... você não vai contar para ninguém sobre a situação do cálice?

Hebe fez um ruído debochado.

— Óbvio que não. Mal posso esperar para ver Ganimedes se dar mal no próximo banquete e virar cinzas por uma explosão do raio de Zeus. Mas anotem minhas palavras: se ofenderem Íris como me ofenderam, *não* vão escapar tão fácil. Vão desejar terem continuado crianças.

Quando vimos Hebe pela última vez, ela estava recebendo um grupo de millenials que queria reviver os anos 1990 pela magia de um karaokê das Spice Girls. Eu esperava que todos saíssem de lá vivos.

Ao andar pelo fliperama, senti funcionários, clientes e galinhas nos observarem. Tive medo de ser transformado em criancinha a qualquer segundo.

Mas conseguimos voltar à Times Square. Nunca tinha sentido tanta felicidade ao ver as multidões de turistas, e na altura dos olhos deles, não das bundas.

Na estação do metrô, Annabeth, Grover e eu nos separamos. Ninguém falou muito. Estávamos abalados pela tarde de infância, galinhas e terror. Mas eu não estava muito preocupado. Já tínhamos passado por transtorno de estresse pós-aventura juntos muitas vezes, e eu sabia que a gente se recuperaria. Annabeth seguiu para a EDNY. Grover pegou o lirr para o Acampamento Meio-Sangue. Eu andei até o Upper East Side porque precisava de ar fresco. De vez em quando, olhava para as mãos, lembrava como tinham ficado pequenas e como havia me sentido impotente por não poder usar minha espada. Por dentro, ainda me sentia com oito anos, prestes a chorar.

Naquela noite, procrastinei para fazer o dever de casa. Uma grande surpresa, eu sei.

Eu me sentei na saída de incêndio e balancei as pernas acima da viela. Senti a ansiedade vibrando pelas veias. Meu estado normal já era predisposto à agitação, mas agora estava pior. Tinha participado de tantas missões em que havia muito mais em jogo... missões em que, se eu falhasse, cidades queimariam, o mundo explodiria, calças boca de sino voltariam à moda. Aquela era apenas recuperar o copo de um deus. Ainda assim, parecia tão arriscado quanto as outras coisas que eu já tinha feito.

Talvez fosse porque eu estava muito perto de me formar e, com sorte, começar uma vida nova na Califórnia. Faltavam apenas alguns passos, mas o chão começava a rachar sob meus pés. Eu não achava que o mundo iria sustentar meu peso por muito mais tempo.

— Ei — disse minha mãe.

Olhei para trás e a vi pulando a janela.

— Precisa de ajuda? — perguntei, já me levantando.

Eu não sabia direito por que havia ficado preocupado. Ela já pulara aquela janela cem vezes, mas, naquela noite, foi estranho... talvez porque todo o meu futuro parecesse frágil.

Ela fez sinal para que eu continuasse sentado.

— Eu estou bem. Só achei que você precisava de companhia.

Minha mãe se sentou ao meu lado, com as costas na parede de tijolos. Os fios grisalhos no cabelo dela brilhavam como veios de prata.

O mais estranho era que eu havia ganhado a primeira mecha grisalha antes da minha mãe, graças a certo titã chamado Atlas, mas ficava melhor nela. Não parecia mais velha e, sim, mais majestosa. Lembrei que, muito tempo atrás, Poseidon a havia comparado a uma princesa... e não às que se encaixavam no estereótipo da donzela em perigo. Ele se referia às princesas guerreiras da Grécia Antiga, que eram implacáveis e sabiam manejar uma espada de bronze.

Minha mãe tinha esse tipo de força. Também era gentil a ponto de perceber que eu estava sofrendo e pular a janela para ficar comigo.

Por um tempo, ficamos em um silêncio confortável, vendo dezenas de vinhetas de vida urbana nas janelas iluminadas da região. Uma família preparava o jantar, rindo e atirando fios de espaguete uns nos outros. Um idoso estava curvado, sentado em uma cadeira, com o rosto banhado de luz azul de uma tela de televisão. Duas crianças pulavam em uma cama, batendo uma na outra com travesseiros.

Eu amo Nova York porque dá para ver todas essas vidas lado a lado, como uma colcha de retalhos infinita de diferentes telas de videogame convidando você a apertar o play e entrar em uma nova realidade. Eu me perguntei se alguém já tinha pensado em entrar na minha vida.

— Como era quando eu era pequeno? — perguntei.

Minha mãe ficou tensa, como se fosse uma pergunta capciosa.

— Por que a pergunta?

— Eu fiquei com oito anos hoje.

Em geral, não conto os detalhes das missões para minha mãe. Não gosto de preocupá-la mais que o necessário. Ela já sabe como a vida de um semideus é perigosa. Mas, naquela noite, relatei a tarde com todos os detalhes sinistros.

— Quanta coisa. Eu sempre gostei de "Jealous Guy", mas mesmo assim...

Assenti, com um nó na garganta.

— Mas você conseguiu — disse ela. — Você sempre consegue.

— Acho que sim... Mas pareceu que todo o meu progresso, todos os anos envelhecendo e aprendendo a sobreviver... Hebe tirou tudo aquilo com um estalar de dedos. Eu virei uma criancinha indefesa de novo.

— Você é muitas coisas, Percy. Mas *indefeso* não. — Ela botou a mão no meu ombro. — Quando era pequeno... sempre que ficava com medo, às vezes até dava para trás por um segundo, mas depois marchava direto até o que estava assustando você. Encarava até a coisa ir embora ou você entender. Pensar em você como criança pequena me deixa...

— Enjoada?

Ela riu.

— Me deixa *esperançosa*. Você continua seguindo em frente. Se transformou em um excelente jovem, e eu tenho orgulho de você.

O nó na minha garganta estava do tamanho de um kiwi.

— Não tem problema duvidar de si mesmo — acrescentou minha mãe. — Isso é completamente normal.

— Até para os semideuses?

— Para eles em especial. — Ela me puxou para perto e beijou minha cabeça, como fazia quando eu tinha oito anos mesmo. — Além do mais, você tem que lavar a louça.

Dei um sorrisinho.

— Todo esse papo fofo foi só para eu lavar a louça?

— Não *só*. Agora me dá uma mãozinha, por favor. Me sentar é fácil, mas me levantar, nem tanto.

Eu lavei a louça. Porque acho que os semideuses fazem o que têm que fazer.

Deixei Paul e minha mãe na sala, aconchegados no sofá, ouvindo um vinil de jazz dele. Os dois me agradeceram e me desejaram boa-noite.

Mas eu fiquei acordado. Terminei os deveres de casa. Não sei como, mas arrumei forças para enfrentar álgebra avançada. Até escrevi uma redação, apesar de as palavras nadarem na frente dos meus olhos e metade devesse estar com erros de ortografia.

Naquela noite, dormi melhor do que dormia havia muito tempo.

DOZE

GANIMEDES ME ARRUMA UM REFIL

Depois disso, passei três dias sem nenhuma interferência sobrenatural.

Uau. Que luxo.

Fiz meus deveres com dificuldade. Encontrei Grover e Annabeth todas as tardes para tomar um suco ou passear no Central Park. Tenho que dizer que essa parte foi bem gostosa.

Na quinta, tive minha primeira reunião com a equipe de natação e consegui ser impressionante, mas não demais. Não conjurei uma onda gigante no lado fundo nem nada.

Quase esqueci que o fim de semana estava chegando e, com ele, a feira dos produtores locais. Só lembrei na sexta, na hora do almoço.

A AHS funciona no sistema de campus fechado. Todo mundo tem que comer junto no refeitório. Óbvio que muitos formandos saem de fininho na hora do almoço, mas eu fiquei lá, respeitando as regras, porque não queria correr o risco de ser expulso tão no começo do ano. É uma escola pequena, e é fácil notar quando alguém falta.

Estava sentado sozinho, comendo um sanduíche de creme de amendoim e banana (ei, eu que fiz, uma das minhas melhores receitas), tentando ler um conto sobre um cara que gostava de abrir latas, não sei por quê. Aí, alguém se aproximou de mim e disse:

— Tome. Um refil.

Ganimedes serviu algo de uma jarra grande de vidro na minha lata de refrigerante, que estava só pela metade. Fez isso com concentração e precisão total,

sem derramar uma gota, embora o líquido com certeza *não* fosse o que já estava na lata.

— Hã, obrigado? — falei, o que não foi fácil de fazer com a boca cheia de creme de amendoim.

— De nada. — Ganimedes assentiu com formalidade, como se fôssemos dois embaixadores trocando presentes oficiais. — Quero uma atualização sobre a missão... mas já volto.

Tive tempo de terminar meu sanduíche enquanto o deus circulava pelo salão enchendo as bebidas dos alunos sem pedir permissão. Alguns o olharam com uma cara estranha, mas a maioria nem notou. Isso era esquisito, considerando que Ganimedes estava usando um quíton grego, sandálias de amarrar e mais nada. Ainda bem que existe a Névoa para obscurecer as mentes mortais, acho... ou talvez os alunos tenham achado que ele estava fazendo um projeto para a aula de teatro.

Ganimedes voltou e se sentou à minha frente.

— Então.

— O que você está servindo? — perguntei. — Você não vai transformar o corpo estudantil todo em imortal, né?

Ele suspirou.

— Lógico que não, Percy Jackson. Eu falei, é o *cálice* que tem a magia.

— Isso não é néctar na sua jarra? Porque os mortais pegam fogo se tomarem isso.

— O que faz você pensar que é néctar?

— Bom... é azul e está brilhando.

Ganimedes franziu a testa para a jarra.

— Acho que está. Não, é só a bebida olimpiana padrão número cinco. Refresca e reanima, e tem o gosto que você desejar. Não vai deixar ninguém imortal nem fazer com que entre em combustão espontânea. Experimente.

Eu me perguntei o que tinha acontecido com as bebidas olimpianas um a quatro. Mas Ganimedes estava me encarando, e ofendê-lo não me ajudaria com a carta de recomendação. Tomei um gole. Tinha gosto de refrigerante de limão normal, o mesmo que eu estava tomando antes, só que mais cheio de energia e mais gelado. No refeitório, não havia ninguém pegando fogo nem brilhando.

— Está ótimo. Obrigado.

Ganimedes deu de ombros.

— É importante se hidratar. Agora, sobre meu cálice...

Eu o atualizei sobre os acontecimentos recentes.

Quando terminei, o deus franziu as sobrancelhas majestosamente esculpidas. Tive a impressão de que não estava feliz, como se pudesse marcar *um pouco satisfeito* em vez de *extremamente satisfeito* no meu formulário de recomendação.

— E você confia no que Hebe disse? — perguntou ele.

— Eu nunca... — Parei de falar. Ia dizer *Eu nunca confio em um deus*, mas não teria caído bem com um... deus. — Eu nunca tenho cem por cento de certeza, mas acho que Hebe não pegou seu copo.

— E se ela decidir contar para todo mundo?

— Ela não vai contar. Pelo menos... até seu próximo banquete. Disse que preferia ver você se dar mal na frente de todos os deuses.

Não acrescentei a parte do *virar cinzas por uma explosão do raio de Zeus*.

A expressão de Ganimedes ficou sombria, exatamente como imaginei que fosse o gosto da bebida olimpiana número dois.

— Isso é a cara de Hebe. E essa feira de projetores...

— Feira de produtores.

— Essa feira de produtores acontece amanhã.

— Isso.

— Seu plano?

— Falar com Íris. Encontrar seu copo. Não ser transformado em arco-íris.

Ele assentiu.

— Isso é sensato. Mas, se ela não estiver com o cálice...

— Vamos nos preocupar com isso amanhã.

Ganimedes se mexeu no assento.

— Me perdoe, raramente envio semideuses em missões. Esta é a parte em que eu ameaço sua vida se você fracassar?

— Não. Isso vem depois.

— Hum. Tudo bem. Mas não me decepcione, Percy Jackson. Minha reputação depende disso. E sua carreira universitária!

Ele se levantou e voltou a andar por aí de lençol enrolado para servir mais refrigerante divino.

Sobrevivi ao resto do dia. Tenho que admitir que me senti refrescado e hidratado. À noite, depois do jantar, fiquei sentado na cama conversando com

Annabeth. Ela não estava lá de verdade, mas do outro lado da cidade, no quarto do alojamento. A gente mantinha contato graças à tecnologia de ponta das mensagens de Íris.

Semideuses não usam celulares porque atraem monstros. Nunca entendi direito por quê. Só é algo tão típico das nossas vidas que sempre aceitei, tipo *Lógico que atraem*. O jeito mais fácil de identificar um semideus é entregando um celular para a pessoa. Se ela tiver menos de dezoito anos e não tiver ideia do que fazer com o aparelho, muito provavelmente se trata de um semideus. Quando os monstros aparecerem e a comerem, você vai ter cem por cento de certeza.

Em vez de celular, eu tinha uma lanterna, um umidificador e uma tigela de dracmas de ouro. É só apontar a luz na direção do vapor para criar um arco-íris. Atire uma moeda nele, realize uma oração e *voilà*: surge uma Annabeth holográfica cintilante sentada ao seu lado. Ela tinha um dispositivo similar, mas só podíamos falar assim quando a colega de quarto dela saía. Annabeth havia dito para a garota que o umidificador era para alergia. Só não disse que a alergia era a celulares.

Estava deitada na cama, apoiada em um cotovelo, com uma pilha de livros de arquitetura na frente. As gotas de vapor entre nós cintilavam como fogos de artifício.

— Amanhã, então... Eu tenho um plano — disse ela.

Isso não era surpresa. Annabeth sempre tinha um plano. Era uma característica que tinha herdado de Atena, mas minha namorada a levava a um novo nível. Eu não estava reclamando. Se ela não fosse assim, eu estaria sem saber o que fazer no ano seguinte. Quem sabe já teria desistido e arrumado um emprego no Donuts Monstro.

— Me conta — falei.

— Bom...

Ela colocou a adaga em cima do livro para marcar onde tinha parado. Eu também não sabia o que a colega de quarto achava da faca.

— Estava pensando que talvez fosse mais fácil arrumar alguém para nos apresentar para Íris — explicou ela.

— Mas eu já a conheço.

Annabeth arqueou uma sobrancelha. Entendi o que queria dizer: ter conhecido um deus não era garantia de que ele ia se lembrar de você e tratá-lo bem. Eu tinha ouvido deuses resmungarem que todos nós, mortais, somos iguais para eles... tipo um cardume de sardinhas.

— Quem você tem em mente? — perguntei.

— A gente não tem muitas opções, mas eu pensei em um filho da Íris.

— Butch está em casa, em Minnesota... — Repassei mentalmente a lista de semideuses que eu conhecia do Acampamento Meio-Sangue. — E faz um ano que não tem ninguém morando no chalé de Íris.

— Não. Mas *tem* uma filha que mora aqui. No Soho — comentou Annabeth.

Um nó se formou na boca do meu estômago, e a bebida número cinco de Ganimedes começou a pesar até minhas pernas.

— Você não pode estar falando sério.

— Ela já concordou em se encontrar com a gente na feira.

Eu me perguntei como Annabeth tinha conseguido. Deve ter prometido alguns favores. Dinheiro. Primogênitos. Alguma coisa.

— Mas... — Procurei algum argumento que pudesse fazer Annabeth mudar de ideia. — A maioria das missões não tem que ser de três pessoas? Ter uma quarta não daria azar?

— Ela não vai se juntar à missão. Só vai nos apresentar à mãe e, com sorte, convencer Íris a pegar leve quando a gente contar... bom, que desconfia que ela seja uma ladra de cálices.

Eu estremeci.

— Ou ela pode piorar tudo. Lembra o que aconteceu na última fogueira?

Annabeth riu.

— Eu achei engraçado. Calma, Cabeça de Alga. Está tudo sob controle.

— Hum.

— Não me venha com *hum*. — Ela olhou para trás. — Minha colega de quarto está chegando. Tenho que ir. Te amo.

— Eu também. Mas não amei seu plano.

— Termina seus deveres.

— Sim, senhora.

Ela assentiu, satisfeita, e jogou um beijo. A conexão de Íris se dissipou em gotículas de água aleatórias.

Olhei para a pilha de deveres de casa para o fim de semana e gemi. Mais uma redação de inglês para escrever... dessa vez, sobre aquela cara que gostava de abrir latas. E matemática, ciências e dois capítulos de história. *E* nós tínhamos que enfrentar Íris e a filha dela no dia seguinte. Eu me perguntei se era tarde para me candidatar ao turno da noite no Donuts Monstro.

TREZE

PROCURAMOS COISAS MORTAS NA FEIRA DE PRODUTORES

Grover ficou animadíssimo.

— A *Blanche* vai! — Ele bateu nos chifres de bode como quem quer ter certeza de que não estão tortos. — Eu estou bonito?

Grover estava usando uma bermuda cargo e tênis por cima dos cascos, apenas o suficiente para disfarçar, para que os humanos pensassem *Esse garoto precisa raspar as pernas*, e não *Esse garoto é metade bode*. A camisa da vez era um suéter verde de tricô com desenhos pequenos de árvores que eu tinha quase certeza de que as dríades tinham feito para ele no Dia da Árvore.

— Você está ótimo — elogiei.

— Além do mais, Grover, é a *Blanche*. Ela não é sua namorada — repreendeu Annabeth.

Grover tinha uma namorada, Juníper, que não teria ficado feliz de vê-lo agindo com tanta animação.

— Não, eu sei. — Ele corou até as raízes do cavanhaque. — É só que ela é uma artista incrível.

— Não me venha de novo com essa — murmurei.

— Ela é tão *legal*!

— Estamos falando da mesma Blanche? — perguntei.

— Silêncio, vocês dois. — Annabeth olhou para a Broadway. — Ela está vindo.

Blanche, filha de Íris, usava um sobretudo da cor da noite, uma calça jeans e coturnos, tudo combinando com a maquiagem, que fazia os olhos cintilarem como

diamantes pretos. A cabeça era raspada, exceto por um coque platinado no topo. No pescoço, havia uma câmera Nikon do tamanho de uma caixa de sapatos.

— Uau — disse ela, olhando em volta. — Uptown.

Ela semicerrou os olhos como se achasse o Upper West Side iluminado demais, aberto demais, barulhento demais, tudo demais. Por morar no Soho, era provável que precisasse de um carimbo no passaporte para ir longe assim.

— Muita coisa para fotografar! — disse Grover, se apoiando de forma não muito casual em uma caixa de correio para oferecer um ângulo de seu perfil à garota.

Blanche pareceu mais interessada na arvorezinha doente no canteiro.

— Isso está morrendo. Que legal. — Ela tirou a capa da lente e começou a testar o foco.

Annabeth e eu nos entreolhamos.

Sério?, perguntei a ela mentalmente.

Calma. Ela me encarou.

Eu tinha ouvido que Blanche tinha uma exposição solo em uma galeria de Tribeca no momento. As fotografias dela de folhas secas, cotocos podres de árvores e animais mortos atropelados, todas em preto e branco, eram vendidas por uns mil dólares cada. A garota era o Ansel Adams da natureza-morta. E depois da nossa última fogueira, Grover tinha ficado tão impressionado que tinha decidido que queria que ela tirasse um retrato dele como presente para Juníper.

O que aconteceu na nossa última fogueira?

Histórias de fantasmas. Era tradição. Para a surpresa de todo mundo, Blanche tinha se oferecido para contar a última da noite. Na frente de sessenta ou setenta campistas e segurando uma lanterna embaixo do rosto para provocar o máximo de pavor, Blanche havia contado uma história sobre um semideus que morrera anos antes; um filho de Morbus, o deus das doenças. Supostamente, ninguém gostava desse garoto porque, bom, doenças. Acabou morrendo por causa de uma peste horrível, mas antes botou uma maldição no acampamento dizendo que qualquer um que andasse sobre o túmulo dele perderia toda a cor, desenvolveria uma doença dolorosa de apodrecimento e se despedaçaria até sumir. Os campistas queimaram o corpo dele e espalharam as cinzas na esperança de evitar a maldição.

— Mas não adiantou — dissera Blanche. — Porque o lugar onde ele foi queimado contava como túmulo dele. E esse local... é bem aqui!

Ela desligou a lanterna. Nós olhamos em volta, sobressaltados e com a visão um pouco prejudicada, e percebemos que nossas cores tinham sumido. O grupo todo estava monocromático, como desenhos antigos em preto e branco.

Houve uma gritaria. Choro e correria. E isso foi só eu. Alguns outros semideuses ficaram *realmente* surtados, o que não é bom quando se está em uma multidão de jovens armados com espadas.

Enquanto isso, Blanche tirou fotos nossas, o flash da Nikon fazendo um efeito de luz estroboscópica que só aumentou o pânico.

Por fim, nosso diretor de atividades, Quíron, conseguiu restaurar a ordem. Explicou que Blanche tinha apenas puxado todas as cores para ela, um truque que alguns filhos de Íris eram capazes de fazer. O efeito monocromático passaria e não, nós não morreríamos. Ele olhou de cara feia para a garota e pediu que se desculpasse. Ela só agradeceu pela noite divertida e saiu andando pela escuridão. Por algum motivo, isso a transformou em uma gênia artística aos olhos de Grover.

Agora, Annabeth contava com ela para nos ajudar.

— Obrigada por vir — disse minha namorada.

— Ah. — Blanche tirou mais uma fotografia. — Você fez uma proposta que eu não podia recusar. Vamos encontrar minha mamãezinha querida.

Olhei para Annabeth me perguntando o que ela tinha prometido a Blanche e se envolvia vender nossos órgãos internos. Annabeth só abriu um sorrisinho. Seguimos a garota para o caos da feira de produtores.

O dia estava ensolarado e brando, e a multidão estava na rua em peso. Clientes andavam entre fileiras de barracas de hortifrutigranjeiros, remexendo em cestas de frutas silvestres e alcachofras. A praça cheirava a tomate quente e cebola. Havia gente vendendo leite, ovos, queijo, mel, tudo de fazendas da região. Era surreal ter tanta coisa fresca no meio de Manhattan, mas acho que era parte do apelo. O nariz de Grover tremeu quando passamos pelas verduras. Fiquei feliz por ele não ser filho de Hermes, porque tinha certeza de que havia ficado tentado a afanar umas rutabagas.

Ele andou ao lado de Blanche, tentando engatar uma conversa. De vez em quando, entrava na linha de visão da garota, fazia poses em ângulos dramáticos e se curvava sobre mesas de legumes como um cantor de lounge em um piano. Ela só o ignorava e parava de vez em quando para fotografar um dente-de-leão morrendo ou uma erva daninha crescendo nas rachaduras do asfalto.

— Relaxa. Você está trincando os dentes — disse Annabeth.

— Não estou — falei, mas estava, sim.

Ela segurou minha mão.

— Aproveita o dia. Talvez mais tarde eu deixe você pagar meu almoço.

— Isso não faz com que eu me sinta melhor — retruquei, embora fizesse, sim.

Quando avançamos mais pela feira, o pessoal começou a oferecer coisas que não tinham tanto a ver com fazendas. Um artesão de couro vendia bolsas feitas à mão, carteiras e bainhas para facas. (Há um mercado grande para bainhas de faca na cidade?) Um fabricante de sabonetes anunciava sabonetes livre de crueldade, porque nada é pior do que tomar banho com um sabonete cruel. Um fabricante de incensos exibia mil tipos diferentes de coisas cheirosas para queimar.

Eu estava começando a entender por que uma deusa podia querer ficar em uma feira de produtores. Deuses amavam oferendas queimadas. Podiam viver de fragrâncias da forma como eu podia viver da pasta de sete camadas da minha mãe. E aquela feira de produtores era uma comunhão de cheiros.

Blanche parou de repente.

— Ali está minha mãe.

Ela apontou para a frente, depois de um vendedor de toalhas de linho e um display de suportes de plantas de macramê.

E ali estava Íris.

Ela era como eu lembrava. O que não me surpreendeu. Os deuses podem mudar a aparência como os mortais mudam de roupa. Naquele dia, Íris era uma mulher gorducha com ares de avó com cabelo grisalho comprido e uma túnica florida roxa e branca decorada com... bem, íris, a planta.

Algo na presença da deusa deixou os pelos dos meus braços arrepiados. Meus instintos de sobrevivência estavam gritando *Fuja! Ela vai oferecer granola para você!*

A barraca dela era decorada com milhares de cristais, alguns pendurados em cordas bordadas, alguns presos em suportes de bronze. Todos reluziam à luz do sol e criavam uma confusão de vários arco-íris por toda a feira. Imaginei-os contendo mensagens de Íris e se misturando conforme as missões erradas eram distribuídas aos semideuses errados... o que poderia explicar muita coisa. Talvez minha carreira toda tivesse sido uma série de ligações de Íris acidentais.

— Só relaxem. Deixem que eu falo — disse Blanche.

— Desde que eu fique bonito — respondeu Grover, virando o rosto para o sol na sua melhor imitação de uma flor selvagem morrendo.

Blanche não deu atenção, apenas andou até a barraca com a gente em seu encalço.

Os olhos de Íris se iluminaram quando nos aproximamos.

— Minha querida, que linda surpresa! E você trouxe... amigos!

Ela disse a palavra *amigos* como se fosse totalmente ilógica ao se tratar da filha, como *sandálias de lagosta*.

— São campistas. Queriam conhecer você — explicou Blanche.

Íris nos encarou. Seus olhos eram multicoloridos, como em um caleidoscópio. Sorri e tentei parecer simpático, mas não sabia se ela tinha me reconhecido.

— Que maravilha — disse a deusa, indiferente. Ela fez uma cara nada satisfeita ao examinar a filha. — E estou vendo que você ainda está toda vestida de preto. Não gostou do lenço que eu mandei?

— Gostei, era lindo. Os beija-flores cor-de-rosa faziam muito meu estilo.

Íris fez uma careta.

— E acho... — A deusa indicou a câmera. — Acho que você ainda não começou a usar filme colorido, né?

— Preto e branco é melhor.

A deusa parecia estar tentando sorrir enquanto alguém girava uma adaga na barriga dela.

— Entendo.

Eu estava começando a duvidar do plano de Annabeth. Parecia que estávamos prestes a ser arrastados para um drama entre mãe e filha que *não* ajudaria em nada na missão. Imaginei ser amaldiçoado por Íris e deixar a feira com o cabelo azul para sempre e a pele decorada com beija-flores cor-de-rosa.

— Então — continuou Blanche —, você disse que ficaria feliz em me fazer um favor, né?

Íris arregalou os olhos.

— Sim, óbvio, minha querida! Um vestido novo? Uma câmera melhor? Uma viagem para ver a Aurora Boreal?

A deusa pareceu estranhamente desesperada para agradar. Pensei que Blanche tinha encontrado uma nova estratégia para conseguir a atenção de um pai ou mãe divino: total indiferença. Íris sofria ao ver a filha tão obcecada com coisas monocromáticas.

Eu me perguntei se aquela abordagem funcionaria no meu caso. Se eu me mudasse para o deserto do Saara e fingisse odiar água, será que Poseidon começaria

a me mandar presentes? Aquários, piscinas, livretos de cruzeiros...?

Que nada, não mandaria, não.

— Eu quero que você escute o que eles têm a dizer — respondeu Blanche, apontando com o polegar na nossa direção. — Vai parecer que estão acusando você de roubo.

Íris ficou perigosamente imóvel.

— Como é?

— Mas só querem informações. Não frita os coitados, ok? Nada de maldições. Só... tenta ajudar, tudo bem? É esse o favor.

Íris nos observou com mais atenção. Tentei parecer indigno de ser frito.

Por fim, a deusa suspirou.

— Muito bem, querida. Por *você*. — A voz dela assumiu um tom mais doce e um pouco suplicante. — E aí será que a gente pode fazer alguma coisa juntas? Maratonar *WandaVision* talvez?

— Parece ótimo, mãe. Eu mando uma mensagem. — Blanche se virou para nós. — Estou indo. Boa sorte. E se lembra do nosso acordo.

Annabeth assentiu.

— Grover vai estar lá.

Meu amigo deu um gritinho.

— Onde?

— No meu estúdio. — A garota entregou a ele um cartão. — Semana que vem. Para uma série de fotos. Ando tentando chamar você há muito tempo, mas você sempre banca o difícil.

O queixo de Grover despencou. Blanche saiu andando pela feira, sem dúvida à procura de plantas doentes e ratos mortos para imortalizar com suas lentes.

— Então — disse Íris para nós —, vamos ouvir o que vocês supostamente acham que eu roubei. E eu vou fazer o possível para ajudar... ou pelo menos para não matar os três.

QUATORZE

ÍRIS ME DÁ UMA VARETA

Imagine uma pessoa animada: eu.

Contamos à deusa sobre nossas aventuras até ali. Tenho que admitir uma coisa sobre Íris: era boa ouvinte. Os deuses costumam ser bastante impacientes com problemas mortais, mas acho que, como Íris era uma mensageira, tinha aprendido a prestar atenção ao que as pessoas diziam.

Quando mencionei o cálice desaparecido de Ganimedes, ela fez uma careta, como se estivesse com um fragmento de cristal enfiado em um lugar desconfortável. Quando descrevemos o que aconteceu no Hebe Sinistra, Íris fechou os olhos e suspirou, como quem diz *Deuses, deem-me paciência*. Só que ela era um dos deuses, lógico, e eu não sabia se rezar para si mesma funcionava.

— É óbvio que não achamos que você pegou o cálice. Seria bobagem — concluiu Annabeth.

— Se bem que, *se* você pegou, nós adoraríamos levar de volta — complementou Grover.

Annabeth o olhou, furiosa, mas meu amigo não pareceu notar. Estava com um brilho fotogênico, como se, agora que era modelo de Blanche, fosse invulnerável.

— Mas claro que você não pegou. Pegou? — perguntei.

Não pretendia botar o ponto de interrogação no final. Foi meio que involuntário.

Íris estreitou os olhos. Passou os dedos pelos pingentes de cristal expostos, gerando explosões novas de luz colorida dançando pela feira. Tive a sensação incômoda de que, só com um pensamento, ela podia transformar todos aqueles raios em lasers e fazer picadinho da gente.

— Vocês têm alguma ideia de como o trabalho de um copeiro é ingrato? — perguntou ela.

Lembrei-me de Ganimedes andando de forma obsessiva pelo refeitório da escola, enchendo os copos e latas das pessoas com a bebida olimpiana número cinco.

— Não me parece divertido — admiti.

— Não, Percy Jackson. Não é divertido.

Foi a primeira indicação de que ela se lembrava de mim, ou pelo menos de que sabia meu nome. A informação não me fez me sentir mais seguro.

— Então... — comecei — o cálice é uma coisa que você não ia querer de volta. Nem mesmo para trollar Ganimedes.

Dessa vez, consegui não fazer soar como uma pergunta. Mas Íris pareceu irritada. Nada é mais assustador do que uma avó hippie olhando para você de cara feia.

— Eu não *trollo* as pessoas. Só sinto pena daquele pobre deus jovem. Levado por Zeus só por ser atraente, usado como decoração de festa eterna e tendo que aguentar a má vontade de Hera e dos outros enquanto o pai de todos o idolatra? Não. Tantos homens e donzelas jovens foram vítimas de Zeus e dos outros deuses antigos, que fazem o que querem e saem impunes. É horrível.

Olhei para meus amigos. Era evidente que concordávamos com Íris, mas foi uma surpresa ouvir uma deusa dizer uma coisa daquelas em voz alta. Era o tipo de opinião que Zeus podia censurar com um raio na cara.

— Estou vendo que viemos ao lugar certo — comentou Annabeth. — Você é perceptiva, gentil, sábia... todas as coisas de que precisamos para encontrar o ladrão de copos. Seu conselho é precioso como um arco-íris.

A deusa abriu um sorrisinho.

— Percebi o que você está fazendo. Tentando me lisonjear.

— O comentário do arco-íris foi demais? — perguntou Annabeth.

— Exageradíssimo. — Íris curvou os dedos em um gesto de *manda mais*.

— Sua orientação nos seria muito útil. Você conhece os deuses. Sabe quem se ressente de Ganimedes. Quem *você* acha que pegou o cálice dele?

Íris passou um momento em silêncio, pensando. Outra característica incomum para um deus. Em geral, eles supunham que sabiam de tudo e não calavam a boca.

— Eu tenho uma ideia. Mas preciso avaliá-la com... discrição.

— Lógico — concordou Grover, relaxando os ombros. — Que ótimo! Obrigado.

— Ah, a informação não vai ser de graça.

Eu mal consegui segurar um comentário. *É óbvio que não.*

— Não por eu não querer ajudar — disse Íris, que parecia ter decifrado minha expressão. — Sei que você acha que nós, deuses, não conseguimos resistir a dar pequenas tarefas para os semideuses... e tem razão. Vocês aparecem na porta e de repente nos lembramos de umas dez coisas que gostaríamos de riscar das nossas listas. Só que é mais do que isso.

— Conhecimento tem valor. Quanto mais valioso, mais trabalhoso para conquistar — disse Annabeth.

Íris abriu um sorriso largo.

— Uma verdadeira filha de Atena. Além do mais, isso vai ocupar vocês enquanto eu investigo meu palpite.

Não argumentei que nós já tínhamos muita coisa para fazer. Desconfio que os deuses, até os legais como Íris, supõem que os semideuses ficam em um armário qualquer, desativados e cobertos de lençóis, até que eles precisem de nós para alguma missão.

— Não se preocupem — prosseguiu a deusa. — Minha missão não deve demorar. E vocês ainda têm quinze dias até a vergonha de Ganimedes ser revelada.

Grover se encolheu.

— Por que quinze dias?

— É quando Zeus está planejando fazer o próximo banquete. — Íris olhou para nossas expressões vazias e suspirou. — Mas é óbvio... Zeus não contou isso para Ganimedes, certo? — Ela se virou para Annabeth. — É o *Epulum Minerva,* o antigo festival romano para honrar sua mãe. Zeus decidiu dar uma festa para ela, provavelmente porque quer alguma coisa de Atena. Uma nova invenção. Uma guerra. Um tipo de azeitona sem caroço. Quem sabe? Se o cálice não for encontrado até a data do banquete, todos os deuses vão perceber que Ganimedes o perdeu. Zeus vai ficar furioso. Ganimedes vai ficar... bom, digamos que não vai mais habitar entre nós.

O lábio inferior de Grover tremeu. O brilho de modelo fotográfico tinha sumido.

— O que você precisa que a gente faça?

Íris sorriu.

— É esse o espírito.

Ela se virou e começou a retirar pingentes de cristal de um suporte no fundo da barraca. Quando havia acabado com os colares, reparei que aquilo não era só um suporte, e sim um cajado de madeira do tamanho de um cabo de vassoura, com uma espécie de decoração chique de metal no topo.

Íris o pegou e apoiou na mesa entre nós. Os olhos da deusa brilharam, como se estivéssemos em um episódio de *Trato feito* e ela mal pudesse esperar nossa oferta por aquela relíquia.

Annabeth inspirou fundo.

— É seu *kerykeion*!

— Ah, certo — falei. — Um *kerykeion*.

Eu ia chutar que era grego para *batedor de tapetes*, mas não queria estar enganado.

Annabeth revirou os olhos.

— É um cajado de arauto, Percy. Como o que Hermes usa.

— Isso... — concordou Íris, com melancolia. — Mais um antigo trabalho meu. Eu era a arauta dos deuses.

Observei o cajado. Ao contrário do caduceu de Hermes, não havia cobras vivas enroladas nele, mas, quando olhei com mais atenção, percebi que o topo de metal tinha o formato de duas serpentes. Ambas tinham chifrinhos e estavam enroladas formando um oito, uma de frente para a outra no topo. O metal tinha ficado coberto de sujeira ao longo dos anos e era difícil identificar muitos detalhes. A madeira também estava em péssimo estado, com manchas escuras de fuligem e de óleo.

Eu me perguntei quanto tempo fazia desde que Íris havia deixado de ser a deusa mensageira... Talvez tivesse sido antes de Hermes nascer, o que foi tipo, hm... bastante tempo atrás. Parecia que aquele cajado não era usado como nada além de suporte para as peças em liquidação desde então.

Também me perguntei quantas vezes um deus podia mudar de função. Íris um dia simplesmente decidiria se tornar a deusa das proteínas à base de plantas? Ares podia desistir da guerra e se tornar o deus do tricô? Eu pagaria dracmas de ouro de verdade para ver isso.

— Percy? — chamou Grover, me tirando daqueles devaneios.

— Desculpa. O quê?

— Você ouviu, né? Íris estava explicando que o topo é de bronze celestial e a base é de carvalho de Dodona.

— Entendi. — Eu não tinha ideia do que era carvalho de Dodona, mas não parecia nada muito limpo. E o topo parecia mais sujeira celestial que bronze celestial. — Então a gente tem que dar uma mensagem com ele?

— Ah, não. Esses dias ficaram no passado. Mas, nos tempos antigos, eu usava este cajado para criar maravilhosos arco-íris enquanto voava pelo céu, viajando de um lugar para outro. Eu sinto saudade disso... — Íris suspirou. — Gostaria que o cajado fosse limpo. Que retomasse a glória de antigamente. Admito que eu devia ter feito isso um tempo atrás, mas é que... Bom, eu fiquei meio amargurada de ter perdido meu cargo para Hermes.

Pensei no que ela tinha dito antes... que não se ressentia de Ganimedes por ter perdido o trabalho de copeira. Mas perder o de *mensageira* tinha deixado Íris amarga. Eu me perguntei o quanto podíamos confiar naquela vovó simpática do arco-íris.

— Estou supondo que não dá para limpar com sabão — falei. — Nem levar o cajado para ser lavado a seco?

— Ah, não. Ele só pode ser lavado no rio Elisson — respondeu Íris.

Annabeth a encarou.

— Eu não conheço esse.

— Eu conheço — disse Grover, mas não pareceu feliz. — Antigamente, o Elisson era famoso pela água mágica transparente. Dizem que podia limpar qualquer coisa, por mais suja que estivesse. E... certas criaturas tiraram vantagem disso.

— É verdade — concordou a deusa. — As Fúrias às vezes se banham lá. Um banho no rio Elisson é a única coisa que consegue tirar o fedor do Mundo Inferior delas quando precisam andar entre mortais.

Estremeci ao pensar na minha antiga professora de matemática, a sra. Dodds, também conhecida como a Fúria Alectó. Não gostei da imagem dela se banhando em um rio antes de nos dar aula de pré-álgebra.

— Outros monstros também — falou Grover, olhando para o topo de cobras do cajado. — Como serpentes com chifres.

— É verdade, muito bom, jovem sátiro — elogiou Íris. — Na verdade, vocês precisam limpar meu cajado no mesmo rio em que as serpentes se banham.

— E essas serpentes são supersimpáticas — supus.

Íris franziu as sobrancelhas.

— Ah, não. Elas vão tentar matar vocês. — Pelo visto, como Hebe, Íris era imune a sarcasmo. — Mas tome cuidado: vocês não podem fazer mal às serpentes.

— Porque são sagradas para você?

— De jeito nenhum. Mas quero que esta missão seja livre de crueldade. Vocês precisam encontrar um jeito de realizar a tarefa sem fazer mal a nenhuma criatura do rio. Boa sorte, semideuses! Agora, preciso voltar aos meus deveres.

Uma confusão de clientes se aproximou da barraca de Íris e começou a soltar "Nossas" e "Uaus" diante dos cristais. Fomos dispensados. Peguei o cajado imundo do arco-íris, que não assumiu convenientemente um formato menor. Quando andei pela feira, me senti um mago de araque.

— Livre de crueldade — resmungou Annabeth. — Acho que isso não inclui crueldade com semideuses.

— A gente vai dar um jeito — disse Grover, por alguma razão animado de novo. — Eu sempre quis ver o rio Elisson. Só tem um problema.

— Fora os monstros que não podemos matar? — perguntei.

Ele descartou isso com um gesto.

— O *verdadeiro* rio Elisson, na Grécia, não existe mais. O rio mítico pode estar em qualquer lugar. Ouvi falar que o deus do rio ficou tão repugnado com todos os monstros se banhando nas águas que o escondeu. É quase impossível encontrá-lo. E Íris não nos disse onde fica.

— Acho que ela diria que temos que encontrar sozinhos — observei. — Porque conhecimento é valioso, blá-blá-blá.

Annabeth me cutucou na costela.

— A gente precisa de um espírito da água de nível alto para nos dar orientações. Aquelas nereidas e náiades se conhecem. Onde será que podemos encontrar uma nereida para perguntar... — Ela me encarou.

Trinquei os dentes mais um pouco.

— Tudo bem. Vou esperar até segunda e vou perguntar à minha orientadora. Só espero que ela não me jogue pela descarga de novo.

QUINZE

YONKERS!

Acredite: ela deu descarga em mim.

Esperei até o sétimo tempo para ir à sala da orientadora, para não perder muita matéria se ela me ejetasse no Atlântico de novo. Mas, a princípio, tive esperança de que Eudora e eu pudéssemos ter uma conversa calma e tranquila.

— Bem-vindo, Percy Jackson!

Ela pareceu genuinamente satisfeita quando me guiou para dentro da sala e fez sinal para eu me sentar em uma cadeira azul de plástico nova. Eu me perguntei se Eudora tinha uma pilha no armário, para poder pegar uma nova sempre que jogasse alguém pelo chão com a descarga.

Ela sorriu para mim por cima do pote de balas. Os olhos flutuavam atrás dos óculos fundo de garrafa. O cabelo ondulado brilhava como se a mulher tivesse passado gosma de água-viva nele.

— E aí? Como estão as coisas?

— Consegui minha primeira missão. Para Ganimedes.

Ela soltou um gritinho.

— Que maravilha! O que a missão abrange?

Eu dei os detalhes, mas o olhar de Eudora tinha um poder tão forte de me dispersar que fiquei concentrado na pintura roxa do Sapo Dodói. Ele me fitava, triste, com o termômetro na boca, e sem julgamentos.

Estava me preparando para pedir a localização do rio Ellison quando ela me interrompeu.

— Só um momento. Hebe estava envolvida. E agora, Íris. Você fez pedido de crédito duplo?

— Eu... o quê?

— Ah, querido. Se há múltiplos deuses envolvidos, você poderia ter pedido crédito duplo. Hebe e Íris também poderiam ter escrito cartas de recomendação.

— Você quer dizer... que eu poderia ter conseguido as três cartas de recomendação com uma só missão?

Eudora empurrou o pote de balas para formar uma barreira protetora entre nós.

— Bom, poderia, mas...

— Que tal eu pedir essa coisa de crédito duplo agora? Posso ir falar com Hebe... — Dei um tapa mental em mim mesmo. — Tudo bem, talvez não Hebe, mas posso ir falar com Íris...

— Ah, mas você precisa pedir o crédito duplo antecipado. Infelizmente, é tarde demais.

Olhei de cara feia para o Sapo Dodói. Tive vontade de dar um soco nele, só que, como estava pintado em uma parede de tijolos, achei que talvez doesse mais em mim do que no sapo.

— A gente não pode abrir uma exceção? Eu me empenhei. Estou me *empenhando*.

— Hum... — Eudora remexeu nos livretos e pegou a da Universidade Nova Roma. — Não... está vendo? Bem aqui. Diz que crédito duplo não pode ser pedido depois do ocorrido.

— Isso é uma regra geral? Achei que era o único que tinha que levar essas cartas.

— Você é. Está vendo?

Ela me entregou o livreto. No final de um parágrafo pequenininho sobre crédito duplo (que eu tenho certeza de que não estava lá antes), um asterisco me levava a um alerta menor ainda que dizia *Isso se aplica a Percy Jackson.*

— Isso é muito errado. Eu não sabia!

Eudora suspirou.

— Bom, pelo menos parece que a missão está indo bem. O que vem agora?

Agora, pensei, *começa a parte de dar um soco no seu sapo.*

Mas não falei isso. Eu me obriguei a soltar o ar que estava prendendo.

— Agora... eu preciso de orientação.

— Ah! — Eudora se inclinou para a frente com empolgação. — É isso que eu faço!

Contei sobre o cajado de Íris, que no momento estava ocupando espaço no armário do meu quarto.

— Tenho que limpá-lo, então preciso encontrar o rio Elisson.

Eudora não parou de sorrir. (Não sabia se ela era fisicamente capaz de parar.) Mas seus lábios se esticaram em uma careta, como se alguém estivesse puxando o concheado dela.

— O Elisson. Ah. — Eudora mexeu nos livretos e os enfiou de volta na gaveta. — Cobras se banham lá, sabe.

— Eu ouvi.

— Monstros de todos os tipos. Não é recomendado.

— Só que eu não tenho escolha. Preciso de uma carta de recomendação. Como você me disse.

Ela fez uma careta, quem sabe dividida entre as responsabilidades profissionais e os sentimentos pessoais.

— É verdade, mas... o Elisson é delicado. Ele não gosta que as pessoas tirem vantagem das suas águas limpas.

— *Ele?* Você quer dizer o deus do rio?

Já conheci alguns deuses de rios ao longo da vida. Costumavam ser mal-humorados e antipáticos, e pensavam em semideuses como mais uma forma de poluição, como pneus velhos e guimbas de cigarro.

— Se ele descobrir que dei direções — murmurou Eudora, quase para si mesma —, nunca vai me deixar voltar para a aula de ioga.

— Aula de ioga...? Olha, deixa pra lá. Você está me dizendo que sabe onde eu posso encontrá-lo?

Eudora olhou para o relógio.

— As aulas de hoje estão quase acabando. Acho que, se você apenas fosse parar na nascente do Elisson sem querer, não seria culpa minha.

Os ladrilhos começaram a borbulhar e vazar em volta da minha cadeira.

— Não — falei.

— Boa sorte, Percy!

E ela deu a descarga, me mandando chão abaixo.

Eu poderia ter ido parar na Grécia, no Brasil ou sabe-se lá a que distância dali. Tive sorte de acabar em Yonkers, e foi a primeira vez na história em que as palavras *sorte* e *Yonkers* foram usadas na mesma frase.

Tudo bem, desculpa, Yonkers, isso não é justo, mas, olha ... não era um lugar para onde eu quisesse ser jogado pela descarga logo depois da aula, sabendo que eu teria que passar mais trinta minutos numa viagem de trem de volta para Manhattan.

Minha cadeira azul de plástico e eu voamos de um cano de escoamento, caímos por uma encosta rochosa e nos espatifamos em um riacho. Fiquei sentado ali por um segundo, atordoado e machucado, com água gelada encharcando minha calça. A primeira coisa que notei foi o fundo da cadeira virada, onde havia uma plaquinha de metal que dizia:

SE ENCONTRADA, POR FAVOR, DEVOLVER A EUDORA,

OCEANO ATLÂNTICO

DEPÓSITO RETORNÁVEL: UM DRACMA DE OURO

Que ótimo. Se eu não conseguisse entrar na faculdade nem arrumar um emprego, podia apenas andar por Nova York à procura de cadeiras azuis de plástico para trocar por dracmas.

Eu me levantei com dificuldade. O riacho seguia pelo meio de um bairro comercial de uma cidadezinha suja: prédios baixos de tijolos, fábricas velhas e armazéns adaptados para servir como condomínios ou escritórios. Sabia que era Yonkers porque, ao longo do rio, havia postes de ferro com faixas comemorativas esquisitas que diziam YONKERS!

Era o tipo de área pós-industrial que teria ficado melhor no inverno, com céu cinzento pesado e uma camada de neve urbana suja. Dura. Sinistra. O tipo de lugar que diz *Se vira ou vai embora*.

O leito do rio era composto de arbustos e rochas cinzentas, muitas agora pintadas com sangue de Percy e amostras de pele da minha queda do cano. A água era o que poderia se chamar, de modo educado, de *não potável*: marrom lamacenta e cheia de espuma como um banho de banheira, só que eu tinha quase certeza de que não eram os sais de banho que causavam esse feito.

Eu tinha caído ao lado de uma área pantanosa com uma placa que dizia HABITAT DO RATO-ALMISCARADO DO RIO SAW MILL.

Não vi nenhum rato-almiscarado. Como eram animais espertos, deviam estar de férias em Miami.

O nome "Saw Mill" soou um pouco familiar. Eu me lembrava de alguma coisa do noticiário de quando eu era pequeno. Minha mãe tinha lido um artigo sobre como diversos rios urbanos haviam sido aterrados e desviados para canais de drenagem subterrâneos, e que as pessoas estavam tentando deixá-los a céu aberto de novo e transformá-los em habitats naturais. Como chamavam isso...? *Renaturalizar* um rio.

Mas dava para notar que o rio Saw Mill não andava gostando muito da renaturalização. Três quarteirões ao norte, a água pingava com relutância de um túnel amplo por onde daria para um caminhão passar. A correnteza era arrastada, como se quisesse voltar para a escuridão e se esconder.

Eu me perguntei se Eudora tinha cometido um erro.

Ah, você queria o Elisson, com as águas mais limpas do mundo?, eu a imaginei dizendo. *Desculpa, achei que você tivesse falado do Saw Mill, com as águas mais limpas do condado de Westchester! Sempre confundo os dois!*

Ou talvez ela tivesse me jogado longe de propósito para proteger a localização do Elisson. Se fosse isso, o deus do rio devia dar uma aula de ioga muito boa mesmo.

Andei rio acima, escorregando e tropeçando em pedras cobertas de musgo. Minha cabeça virava para os dois lados em busca de monstros, da polícia de Yonkers ou de ratos mal-humorados, mas ninguém me incomodou. Na metade do caminho até o túnel, senti pela primeira vez o cheiro de ar pútrido da entrada, como o bafo de um gigante adormecido que vivesse à base de sanduíches de peixe mofados. Eu me curvei e senti ânsia de vômito.

O cheiro não me lembrou em nada as águas mais limpas do mundo.

Enquanto eu estava curvado, rezando para o deus do não vômito, algo passou flutuando pelo meu pé. Primeiro, achei que fosse uma sacola de plástico rasgada: um mero pedaço de plástico leitoso transparente. Mas reparei no desenho de colmeia da membrana. Tipo escamas. Como a pele morta de uma cobra.

Isso não melhorou muito meu enjoo.

Bom... Íris tinha dito que serpentes se banhavam no rio Elisson. Talvez a água ali não fosse tão limpa porque eu estava andando pelo escoamento da água de banho dos monstros. Ou aquela pele de cobra podia ser de uma cobra normal, coisa da natureza.

Avancei mais alguns passos.

Quando olhei para baixo de novo, vi mais uma coisa na água. Presa no leito de musgo, havia algo preto curvo e pontudo, mais ou menos do tamanho do meu indicador. Um impulso, talvez uma pulsão de morte, me fez pegá-la. A garra quebrada brilhou à luz do sol. Tinha visto outras assim nas pontas dos dedos da professora de matemática do sexto ano, ou seja, a Fúria Alectó.

Olhei para o túnel escuro. Fosse lá o que estivesse lá dentro tomando um banho de banheira, eu não queria descobrir sozinho. Além do mais, não estava com o cajado de Íris.

Infelizmente, isso significava que eu teria que voltar, com ajuda, e sujeitar Annabeth e Grover às maravilhas do habitat furioso do rio Saw Mill.

Xinguei minha orientadora, o Sapo Dodói e a vida de um semideus em geral, depois saí em busca da estação de trem mais próxima.

DEZESSEIS

GROVER CANTA AS MÚSICAS DE COBRA

Na tarde seguinte, voltei com reforços.

Quando contei a Annabeth e Grover aonde estávamos indo, eles me olharam de um jeito estranho, mas não fizeram perguntas. O centro de Yonkers estava bem no estilo do nosso padrão de esquisitice.

Não sei direito o que os outros passageiros acharam de eu estar carregando o cajado de Íris no metrô. Talvez tenham pensado que eu era um pastor a caminho dos meus pastos. Grover, sendo Grover, tinha levado uma mochila cheia de comidinhas, além da flauta de Pã. Nunca se sabe quando pode dar vontade de dançar enquanto se come salgadinho de milho com creme azedo e jalapenho, não é mesmo? Annabeth tinha levado várias coisas úteis, como a faca, lanternas e uma garrafa térmica de algo que eu esperava que fosse mais potável que a água do rio.

Às quatro horas, estávamos no leito do riacho, estudando a boca do túnel.

Grover farejou o ar.

— O rio mais limpo do mundo?

— Isto aqui é depois que as Fúrias e cobras tomaram banho — expliquei.

— E quem sabe o que mais — acrescentou Annabeth.

Grover encostou o sapato na água marrom.

— Acho que não dá para só enfiar o cajado nesta gosma e pronto.

Eu tinha pensado a mesma coisa, mas fiquei feliz de ter sido Grover quem falou.

— A gente vai ter que entrar — disse Annabeth, distribuindo lanternas. — Espero que seja mais limpo rio acima. Vamos pela margem para tentar não tocar na água.

Esse foi um conselho que até *eu* julguei sábio. Mas ficar longe da água acabou sendo difícil.

Ao seguir pelo túnel, as laterais foram ficando estreitas e escorregadias. Percebi que era impossível não pisar na água. Meus sapatos não começaram a soltar fumaça e minha calça não pegou fogo, então concluí que o líquido não era tão tóxico. Ainda assim, acrescentei *banho muito quente* à minha lista de tarefas futuras, supondo que eu voltasse para casa naquela noite.

Depois de quase cem metros, Annabeth parou.

— Olha só — falou.

Ela apontou a lanterna para o teto do túnel, que estava coberto de musgo e líquen tão densos que não dava para saber se havia asfalto ou pedra natural sob a camada. Sempre que a luz de Annabeth passava, deixava para trás uma mancha azul-esverdeada de luminescência.

— Legal.

Usei minha lanterna para desenhar uma carinha sorridente na parede.

— Quantos anos você tem? — perguntou minha namorada.

— Fiz oito semana passada.

Isso a fez sorrir. E eu amava fazê-la sorrir quando ela estava tentando ficar séria. Era sempre uma vitória.

Passamos alguns minutos fazendo pichações de luz. Grover escreveu *Pã pra sempre*. Eu escrevi *AC + PJ*. Annabeth desenhou arcos concêntricos até ter feito um arco-íris verde e azul. O musgo ficava brilhando um tempo enquanto enchia o túnel de uma luz turquesa bem legal.

À frente, o canal se alargava em um espaço maior. O som da correnteza ficou mais alto e rouco. Nós adentramos em uma caverna tão gigantesca que parecia outro mundo.

Sob um teto alto de catedral coberto de estalactites brilhantes, o rio serpenteava para o norte entre planícies de grama amarela. Árvores cinza pontilhavam a paisagem, sem folhas e mirradas, encolhidas como dedos artríticos. A cena me lembrou os Campos de Asfódelos, no reino de Hades... e o fato de eu poder fazer essa comparação do mesmo jeito que alguém diria *Ah, verdade, parece Midtown* é uma prova muito triste do meu histórico de viagens.

Aqui e ali, pedaços de granito formavam ilhas na grama, mas a atração principal era o rio em si. Seguia preguiçosamente pela caverna, fazendo grandes nós como se

não estivesse com pressa de chegar à luz do sol. A água parecia mais limpa naquele trecho. O cheiro pútrido tinha sumido. Mas, em uma poça a quase vinte metros rio acima, dezenas de criaturas rastejantes e nojentas rolavam e se contorciam nas sombras, o que me fazia nunca mais querer comer espaguete.

— Que nojo — murmurou Annabeth.

— Ei, vocês, cuidado com esses preconceitos mamíferos — sussurrou Grover. — Répteis também são pessoas.

— Com veneno — falei. — E sangue frio. E uma mordida que dói. E... tudo bem, talvez isso também descreva humanos.

Grover assentiu. *Obrigado.*

— Apagando as luzes — sussurrou Annabeth.

Desligamos as lanternas, apesar de as cobras ainda não terem reparado em nós, pois estavam ocupadas demais brincando e lavando as escamas.

Observei o horizonte.

— Vocês acham que a gente consegue passar de fininho para subir mais pelo rio?

Grover farejou o ar.

— Este lugar todo fede a monstro. Não sei identificar se tem algo além das cobras aqui perto. Pode ter qualquer coisa escondida na grama alta.

— Inclusive a gente — disse Annabeth. — Se nós não podemos lutar contra as serpentes, passar sem elas perceberem parece a melhor opção.

— Certo — concordou Grover. — Mas eu vou primeiro. Pode ser que eu consiga identificar um caminho seguro pelos campos.

Era raro ele se oferecer para ir primeiro por um território perigoso. Fiquei impressionado demais para discutir. Olha só meu amigo... assumindo o comando e dando um show. Às vezes, eu esquecia que Grover não era mais um protetor sátiro júnior assustado, e sim um membro do Conselho dos Anciãos de Casco Fendido assustado. Acho que nós dois tínhamos crescido muito.

Pelo menos ali, Grover estava no mundo dele, supondo que aquela caverna sinistra ainda contasse como natureza.

Avançamos pela grama alta que ia até nosso pescoço e era afiada como lâmina de serrote. Grover conseguiu nos guiar contornando as partes mais densas, mas eu fazia uma careta sempre que um fiapo amarelo prendia no meu braço. Para piorar, o campo estalava como plástico bolha quando andávamos. Imaginei que qualquer monstro escondido na vegetação conseguiria ouvir a gente.

Por fim, chegamos a uma das ilhas de pedras. Grover subiu no alto como só alguém com pernas de bode conseguiria fazer e espiou na direção do rio.

— Isso não é bom.

— O quê? — perguntei.

Ele nos ajudou a subir.

Do topo, dava para ver todo o rio seguindo à nossa frente. O Elisson entrava na caverna por uma fenda na parede norte e cascateava por uma série de protuberâncias de pedra até se alargar e seguir pela planície. Em todos os lugares em que daria para acessar as margens, em todas as poças rasas ou espaços para nadar em que se poderia querer lavar um *kerykeion* sujo, a água estava cheia de cobras. Centenas delas.

— Pelo menos eu não estou vendo nenhuma Fúria — observou Grover.

— É. Mas espaguete está fora do cardápio da semana — comentei.

— Quê? — Grover pareceu magoado. Ele ama espaguete.

— Nada.

Annabeth observou o rio.

— E ali? — Ela apontou para a ponta da caverna ao norte, onde o rio erodiu pilhas caóticas de granito até formar uma ravina. — É onde a água vai estar mais limpa. Não é de fácil acesso para as cobras. É provável que a correnteza seja traiçoeira demais para elas.

— Mas não para um filho de Poseidon? — sugeri.

Ela deu de ombros.

— Vale tentar.

— Só que não tem como a gente chegar lá sem ser visto. E se todas as cobras vierem atrás de nós... Vocês acham que elas são muito rápidas?

Grover estremeceu.

— Nessa grama? Bem mais rápidas do que a gente.

— Eu meio que queria que a gente tivesse os sapatos voadores do Luke — comentou Annabeth.

Grover fez uma careta.

— Cedo demais para lembrar disso — comentou ele.

Cinco anos antes, aquele par de sapatos amaldiçoados quase tinha arrastado meu amigo para o Tártaro. Um trauma desses deixa cicatrizes. Mas o que mais me surpreendeu foi Annabeth citar Luke Castellan, nosso antigo amigo que virou

inimigo. Desde a Batalha de Manhattan, ela quase nunca dizia o nome dele. A menção parecia mau presságio naquele momento.

— Eu tenho uma ideia. É péssima, mas talvez funcione — disse Grover.

— Já amei — falei.

Ele puxou a flauta de Pã.

— Vocês vão para os penhascos. Eu fico de olho daqui. Se conseguirem, ótimo. Mas, se as cobras começarem a ir na direção de vocês, deve dar para eu vê-las rastejando pela grama. Aí eu as distraio com música. Tenho umas músicas de cobra muito boas.

Mais um talento que eu não sabia que Grover tinha: entretenimento de cobras.

— Assim que você começar a tocar, elas vão atrás de você — argumentou Annabeth. — Acho que essa é a parte péssima.

— Vai ser pior do que as galinhas no Hebe Sinistra — supus.

— É, eu não amo a ideia — admitiu ele. — Mas, como Annabeth disse antes, dos três, eu sou quem corre mais rápido. Talvez consiga ganhar tempo para vocês. Se ouvirem a música, saibam que nosso prazo está apertado e que seria ótimo vocês se apressarem. Lavem o cajado de Íris, e eu encontro vocês na saída.

Annabeth e eu trocamos olhares. Já tínhamos feito muitas missões perigosas só nós dois, mas não conseguiríamos seguir de modo tão sorrateiro sem nosso guia de natureza superbode. Eu também não gostava da ideia de fazer Grover de isca pela segunda vez.

Por outro lado, ele estava empenhado nessa onda de sátiro corajoso. Eu não queria que meu amigo achasse que duvidava dele.

— Tudo bem. Toma cuidado — pedi.

Era a mesma coisa que falar para Grover ganhar na loteria, porque nós sabíamos que as chances eram baixíssimas.

Annabeth o abraçou.

— Espero que a gente não precise das músicas de cobras.

Ela desceu das pedras e seguiu pela grama. Fui atrás, porque era o cara com o cajado de mensageiro sujo.

Em poucos metros, a grama estava acima da nossa cabeça. Os juncos agarravam minha roupa. Cada vez que nos mexíamos, os caules balançavam e faziam barulho. Só seria mais chamativo se estivéssemos segurando placas luminosas dizendo COMIDA DE COBRA GRÁTIS.

Usamos os sons da cachoeira para nos guiar para o norte. Mantive os olhos no chão, tentando fazer cada passo ser o mais cauteloso e silencioso possível. Andamos devagar, o que quase me fez surtar de impaciência. E o fato de que eu ficava imaginando cobras pulando da grama e enfiando os dentes nos meus tornozelos não ajudou.

Eu me lembrei da época em que os basiliscos perseguiram meus amigos, Frank e Hazel, e a mim por um campo gramado parecido na Califórnia. Pensando bem, já havia passado tempo demais da vida brincando de esconde-esconde com répteis fatais.

Do meu ponto de vista, foi como se tivéssemos levado uns doze anos para chegar ao rio. Por outro lado, desde a experiência no Hebe Sinistra, eu tinha parado de confiar na minha noção de tempo.

A parte de grama finalmente terminou perto da base da cachoeira. Subimos em uma série de pedras até pararmos em uma protuberância escorregadia com vista para uma piscina natural ampla uns seis metros abaixo. A água era transparente, como um vidro, encontrava-se sem cobras e parecia suplicar por um mergulho de bomba. O lado ruim era que tudo era rodeado de penhascos íngremes, sem saída óbvia, a não ser que eu quisesse percorrer as corredeiras rio abaixo, pela Cidade das Serpentes.

— Você poderia pular com o cajado — sugeriu Annabeth.

— Lógico. O problema é subir de volta quando eu acabar.

Ela tirou uma corda da mochila e sorriu.

— Você pensa em tudo — falei, tentando parecer feliz.

Aquela piscina estava parecendo convidativa *demais*... e lembrei que Íris tinha mencionado um deus do rio zangado, o que parecia o tipo de detalhe que depois viraria uma pedra no meu caminho.

— Acho que a gente devia planejar um pouco antes — comentei. — Essa é sua praia, né? Planejar?

Nessa hora, ouvi a música, o trinado inconfundível da flauta de Pã. Era uma canção que eu reconhecia da coleção de discos da minha mãe: "Union of the Snake", do Duran Duran. Estávamos numa contagem regressiva. Grover estava encrencado.

— É agora ou nunca — disse Annabeth, muita encorajadora. — *Bon voyage*.

Então minha namorada me empurrou na água.

DEZESSETE

CONHEÇO O COQUE SAMURAI DA DESGRAÇA

Encontre alguém que ame você como minha namorada me empurra de penhascos.

Sem hesitação, com total confiança nas suas habilidades, com a crença firme de que seu relacionamento aguenta a barra e com fé total de que, quando você sair da água, supondo que sobreviva, vai perdoá-la, claro. Quase com certeza perdoá-la. Quer dizer, é provável.

Você ganha pontos de bônus se encontrar uma pessoa afrontosa a ponto de dizer *bon voyage* enquanto faz isso.

De algum jeito, continuei segurando o cajado de Íris quando caí na água. O contato com o líquido me pareceu uma explosão ártica, congelou o sangue nos meus capilares e me fez encolher os dedos das mãos e dos pés. Eu poderia respirar debaixo da água, mas o frio nos pulmões parecia o pior caso de azia do mundo. Congelamento peitoral existe?

Quando a nuvem de bolhas se dispersou, eu me vi flutuando na água turquesa mais transparente que já tinha visto. A luz entrava pela superfície e gerava padrões azuis cintilantes de escamas de peixe nas paredes da ravina, como se elas estivessem usando cota de malha viva.

Eu parecia estar sozinho. Sem serpentes chifrudas. Sem Fúrias boiando de maiô. Mas uma nuvem de grama, terra e suor surgia ao redor. O cajado parecia estar soltando fumaça, com os séculos de sujeira se soltando aos poucos.

Por um lado: viva, eu estava ficando limpo! Por outro, eu me sentia péssimo de poluir aquela água limpíssima.

Nessa hora, uma voz disse:

— Ah, *Hades*, não.

O cara flutuando na minha frente era azul-safira, o que o tornava quase invisível. Mal conseguia encará-lo, embora a distância entre nós fosse tão pequena que eu poderia dar um chute nele. (Não que eu saia distribuindo chutes assim, é grosseria.)

Ele usava uma regata e uma calça larga e tinha o coque samurai mais magnífico da história dos coques samurais. Concordo que tinha mesmo uma pinta de professor de ioga, só que faltava aquela energia calma e meditativa. Com a boca barbada contorcida e os olhos escuros zangados, parecia prestes a fazer a saudação ao sol bem na minha cara.

— Oi. Você deve ser o deus do rio Elisson.

— Na verdade, sou seu comissário de piscina. Você gostaria de uma toalha ou de um guarda-sol?

— Sério?

— Não, pateta! Óbvio que eu sou Elisson, poderoso *potamus* deste rio!

Eu tinha conhecido deuses de rio suficientes a ponto de não abrir um sorrisinho debochado quando usavam o termo *potamus*, mas ainda era difícil não pensar em hipopótamos.

— Desculpe invadir suas águas assim. Sou Percy Jackson. Filho de Poseidon, sabe?

Botei o ponto de interrogação no final porque às vezes o nome do meu pai abre portas... em geral as de água.

Elisson arregalou os olhos.

— Ah... — Ele cruzou os braços azuis musculosos, como um gênio prestes a me conceder um desejo. — Bom, neste caso, tudo bem você ter pulado na minha gruta privativa impecável com este cajado imundo, sem nem tirar os sapatos.

— Sério?

— Não, seu pateta!

Ele moveu dois dedos na minha direção. Meus sapatos e meias foram arrancados dos pés e voaram da água. O cajado de Íris pulou da minha mão e disparou para a superfície.

Eu estava fazendo a matemática ética ali, tentando determinar se lutar com um deus de rio, no rio que era o lar dele, poderia terminar em uma vitória e se, em caso afirmativo, Íris consideraria isso "livre de crueldade". Meus palpites eram *não* e *não*.

— Hum... desculpa pelos sapatos... — falei, no tom mais diplomático que conseguia. — Mas eu meio que preciso limpar aquele cajado. Você se importa se

eu...

— For atrás dele? Óbvio que não.

O deus agitou os dedos de novo, e dessa vez *eu* disparei da água e me choquei contra a lateral do penhasco. Caí como um amontoado molhado gemendo em uma saliência estreita. Ao meu lado, felizmente não quebrado, estava o cajado de Íris, ainda bastante sujo. Meus sapatos não estavam por perto.

Eu me sentei e massageei a cabeça. Meus dedos estavam sujos de sangue, o que não devia ser boa coisa.

Elisson voou da piscina, a superfície borbulhando em volta da cintura. Orbitando o cabelo, havia uma pequena galáxia de gotículas de água suspensas centradas no buraco negro do coque samurai.

— Eu peço *tão pouco*. Use a *folha de inscrição*. Serpentes chifrudas são às terças e quintas. Fúrias e outros lacaios do Mundo Inferior são às segundas, quartas e sextas. Semideuses, *nunca*. Tirem os sapatos antes de entrar nas minhas águas. E, acima de tudo, só usem as PISCINAS INFERIORES. Minhas nascentes são proibidas! Você conseguiu violar *todas* as regras.

— Eu não sabia... — comecei, mas então Elisson apontou para uma placa de bronze presa na parede do penhasco ao meu lado. REGRAS DA PISCINA.

Odeio instruções escritas. Ainda mais as postadas onde você só consegue ver depois que as violou.

— Tudo bem. Mas...

— Vamos adivinhar. — A galáxia de água de Elisson começou a girar mais rápido, o coque samurai desafiando o tempo e o espaço. — As regras não se aplicam a você.

— Bom, eu não...

— Você é uma exceção. *Sua* necessidade é importante.

— Quer dizer...

— Já é bem ruim que eu esteja sendo renaturalizado — resmungou Elisson. — A qualidade da minha água rio abaixo ficou horrenda. Agora, você quer poluir a última piscina imaculada porque precisa que uma vara seja limpa?

— É o cajado de Íris, caso seja relevante.

— Ah, nesse caso...

— Você vai me calar com sarcasmo de novo, né?

— Então você não é totalmente pateta! — Elisson sorriu. — Isso foi sarcasmo, aliás.

Que sorte a minha. Estava armado com sinceridade em uma briga de sarcasmo. Acho que Íris e Hebe tinham anestesiado minhas defesas naturais.

Olhei para cima, onde Annabeth estava imóvel, sem atrair atenção para si (sábia escolha), com aquela expressão alarmada que eu conhecia bem: *Percy, pelo amor dos deuses, não vá morrer.*

Elisson parecia ainda não ter notado a presença da minha namorada. Eu queria que continuasse assim. Também não queria morrer, mas, se acontecesse, pelo menos Annabeth se sentiria mal por ter me empurrado. Aí eu poderia pegar no pé dela para sempre.

Só que eu estaria morto. Deixa pra lá.

Ao longe, a flauta de Grover soou frenética e fraca. Eu me perguntei quantas cobras estavam atrás dele e por quanto tempo meu amigo conseguiria fugir enquanto ainda tocava uma melodia. Até onde eu sabia, ele não tinha experiência alguma de banda marcial.

Levantei as mãos em rendição.

— Eu entendo. Encontrei os rios Hudson e East uma vez. Eles *odeiam* ser poluídos. E suas águas são bem mais limpas.

Elisson estremeceu. Não consegui discernir se estava enojado, surpreso ou satisfeito... mas ainda não tinha me matado, então decidi continuar falando. (Esse é um erro que eu cometo muito.)

— Os rios têm uma vida difícil. Eu não ia querer que as pessoas me transformassem em vala de drenagem, que jogassem esgoto em mim, que construíssem uma hidrelétrica em mim, nem nenhum tipo de barragem, na verdade.

Minha mão foi para o cajado de Íris, toda sorrateira. Segurei o cabo.

— Eu devia ter pedido permissão. Foi um erro de amador. Mas tem que haver um jeito de eu me redimir dessa pisada na bola e conseguir lavar este cajado, porque é muito importante para Íris. Ela insistiu que *tinha* que ser na sua água, porque...

Engoli em seco. Minha cabeça latejava e estava difícil pensar.

O que Annabeth faria? Olhei para ela e a vi batendo em um relógio imaginário no punho. Não ajudou em nada. A música de Grover estava ficando cada vez mais distante.

— Porque Íris admira você — falei para o deus do rio. — Ah, uau, como ela fala sobre você. E das suas aulas de ioga! Acho que é sua fã número um.

Procurei qualquer sinal de que minhas palavras estavam gerando algum impacto. Àquela altura, teria aceitado quase qualquer reação, menos sarcasmo. Quem poderia imaginar que um professor de ioga fanático por arrumação poderia ser tão amargo?

— Você quer compensar por ter pisado na bola — ecoou Elisson.

— Óbvio.

— Imagino que possa estalar os dedos e desfazer todo o dano ao meu rio, deixá-lo mais limpo do que quando o encontrou.

— Hã...

— O que você só faria *depois* de conseguir o que quer, e eu teria que acreditar na sua palavra.

— Bom...

Apertei mais o cajado. A situação não estava se desenrolando como eu queria. Eu me perguntei se teria mais sorte descendo pelas corredeiras até Yonkers.

— Quer dizer, eu ficaria feliz de tentar — continuei.

— E como foi para os rios Hudson e East? — perguntou ele, doce como ácido. — Estão bem limpinhos agora?

— Ah. Quer dizer... não, só que são mais difíceis de limpar. São muito maiores do que você.

Coisa errada para dizer. Elisson estreitou os olhos.

— Entendi. Você me acha pequeno. Irrelevante. Apesar de haver uma lista de espera de seis meses para entrar na minha aula de *vinyasa flow*.

Lá em cima, Annabeth vasculhava a mochila, sem dúvida à procura de algo que pudesse me tirar da situação que ela tinha tanta certeza de que eu podia resolver. Imaginei-a sacando a faca e gritando *Kowabunga!* ao pular nas costas de Elisson. Por mais que eu fosse gostar de ver isso, não queria encarar as consequências quando ela enfrentasse a ira do deus sarcástico do coque samurai.

Tentei pensar em outra solução, o que não foi fácil com minha dor de cabeça latejante. No futuro, teria que me lembrar de só quebrar a cabeça *depois* que tivesse terminado de usar o cérebro ali dentro.

— Tem que haver alguma coisa — supliquei. — Quem sabe uma visita ao palácio de Poseidon? Ele está construindo uma piscina infinita incrível. Você poderia fazer sua... aula com vista para a plataforma continental. Tipo, com baleias.

Isso me pareceu uma ótima proposta, já que baleias são incríveis. Mas, pelo jeito, ioga com baleias não era a praia de Elisson.

— Infelizmente, não. — O sorriso dele ficou um pouco mais frio que sua água. — Mas já sei como você pode se redimir.

Assenti com avidez, o que deixou minha visão borrada.

— Qualquer coisa, óbvio.

— Qualquer coisa? Perfeito. Sempre quis saber quanto tempo levaria para um filho de Poseidon se afogar. Vamos descobrir!

O rio foi para cima de mim como uma parede de tijolos líquidos.

DEZOITO

ANNABETH RESOLVE TUDO COM CHÁ DE ERVAS

Queria que Elisson se decidisse de uma vez.

Ou me jogar para fora da água. Ou me puxar para a água. Ou me massacrar com sarcasmo. Havia tantas formas interessantes de me matar, mas o deus não conseguia escolher.

Que fique registrado: não sou fácil de afogar. Mas, quando tem um deus de rio me jogando de um lado para o outro no fundo de uma gruta e enfiando gosma pelas minhas narinas e minha boca, é como tentar respirar em uma tempestade de areia. Eu não conseguia enxergar nada e estava desorientado, batendo em pedras, atordoado.

O que me deixou com raiva.

Os poderes dos semideuses podem ser estranhos. Quando eu tinha uns dez ou onze anos, certas coisas apenas aconteciam e eu não entendia o porquê. Chafarizes ganhavam vida. Privadas explodiam.

Controlar a água era algo que eu fazia por instinto, apenas quando eu estava com medo ou zangado... tipo o Hulk, mas com encanamento. Conforme fui ficando mais velho, aprendi a controlar meus poderes, mais ou menos. Agora, posso fazer os sprinklers do seu gramado explodirem a meu bel-prazer. (Alugo meus serviços para festas de aniversário infantis. Me liga.)

Mas, apesar de ter melhorado nesse quesito, ainda há momentos em que meu poder sai do controle. É meio como se você pensasse *Ah, eu sou maduro demais para chorar como uma criancinha*, e aí vê um filme sobre um cachorrinho fofo que se perde e em questão de segundos começa a se debulhar em lágrimas. Ou você acha que controla a raiva, mas aí tira uma nota ruim e dá um chilique monumental, e seu

skate acaba enfiado na parede do quarto, empalando seu pôster favorito do Jimi Hendrix. Esses são exemplos meramente hipotéticos, lógico.

Foi isso que acabou acontecendo no fundo das águas de Elisson. Enquanto eu era jogado, virado e arremessado como roupa suja em um ciclo pesado da máquina de lavar, meu controle foi com os deuses. Eu era uma criancinha com medo de novo, gritando para o lobo mau me deixar em paz. Minha fúria explodiu.

E o rio também. Voou para longe de mim em todas as direções, me deixando no marco zero da detonação... encolhido sozinho em uma bolha de ar e gritando tão alto que eu conseguia me ouvir mesmo com o rugido da correnteza.

Parte de mim tinha se projetado para fora... não só na piscina, mas na fonte do rio, lá no Mundo Inferior ou talvez em Yonkers, e eu o tinha puxado pelas raízes. Milhões de toneladas de água rugiram pela caverna, inundando a piscina, molhando os penhascos, se espalhando pelas margens e talvez surpreendendo várias cobras que se banhavam rio abaixo.

Por fim, a água sossegou e voltou ao fluxo normal.

Eu estava tremendo, tenso e apavorado. Não sei quanto tempo levei para recuperar os sentidos. Segundos? Minutos? Conforme a água foi ficando límpida, olhei para cima e só pensei em uma coisa: *Annabeth*. Se eu a tivesse jogado sem querer no Atlântico, jamais me perdoaria.

Disparei para a superfície.

Não devia ter me preocupado. Na beirada, no topo, minha namorada estava sentada com os tornozelos cruzados, conversando com a maior calma com um Elisson muito abalado. O deus do rio estava encostado nela em estado de choque, tremendo e coberto pelo lodo do fundo do rio. O coque samurai tinha se soltado, e o cabelo dele parecia uma iúca morrendo.

— Eu... eu não tinha ideia — disse ele, fungando.

— Calma, calma. — Annabeth passou o braço pelos ombros do deus. — Está tudo bem. Ele pode ser assustador quando fica nervoso.

Flutuei na piscina, me perguntando se tinha ido parar em uma dimensão alternativa. Annabeth estava consolando o cara que tinha acabado de tentar me afogar e parecia estar *me* chamando de assustador.

Ela olhou para baixo e lançou uma piscadinha para mim, um sinal de *Deixa rolar*.

— Mas você tem que admitir: Percy fez um ótimo trabalho — continuou ela para Elisson.

Ótimo trabalho?

Do que ela estava falando?

A ferida na minha cabeça parecia ter cicatrizado na água, então eu não devia estar tendo uma alucinação.

Observei a gruta.

Minha onda tinha lavado as paredes do penhasco até os pés de Annabeth, deixando a pedra limpinha. Depois que os sedimentos tinham se acomodado, a piscina se encontrava ainda mais cristalina que antes. O ar estava com cheiro fresco e limpo, com aquele perfume de "rio novo" restaurado. A correnteza fluía mais forte e mais fria, avançando pela caverna com um clamor exultante, como uma plateia saindo para as ruas depois de uma ótima apresentação.

Pelo jeito, eu tinha dado ao rio Elisson meu pacote superluxo Lavagem de Poseidon, com condicionador com espuma tripla, proteção contra ferrugem no chassi e cera de brilho extremo.

Olhei em volta em busca do cajado do arco-íris. Não o vi. Com minha sorte, talvez o tenha jogado no Harlem.

Annabeth ainda estava dando tapinhas no ombro de Elisson, tentando consolá-lo, com toda a paciência do mundo. Quando a encarei, ela indicou algo com o queixo, rio abaixo, mas continuei sem enxergar.

Elisson tremeu.

— Eu... eu não sabia que eu *tinha* tanta pressão de água.

— O fluxo está ótimo agora — disse Annabeth. — Deve ajudar com sua vinyasa.

— Você acha?

— Lógico. E eu nunca vi um rio mais limpo. Se Percy tiver deixado passar algum lugar, sei que ele poderia...

— Não! — gritou Elisson. — Não, está maravilhoso.

Ele disse *maravilhoso* como quem diz *extremamente doloroso.*

— Desculpa — falei, de repente. Não conseguia acreditar que estava me desculpando por ter salvado a mim mesmo de um cara que tinha tentado me matar, mas me sentia mal por ele. — Eu me empolguei um pouco.

O deus fez uma careta.

— Não... não, eu perguntei se você podia limpar o rio. E você limpou. Isso vai me ensinar a não ser mais tão sarcástico.

Pela primeira vez, ele não falou com sarcasmo.

Annabeth fez um gesto rio abaixo de novo, como se estivesse me dizendo *Ali, seu burro.*

Dessa vez, entendi. A uns nove metros dali, o cajado de Íris tinha ficado preso em uma fenda acima da linha da água. O cabo de carvalho brilhava. O topo elaborado de arauto reluzia com uma luz amarela calorosa, sem uma única mancha de sujeira nos desenhos de bronze celestial.

— Hã, se não houver problema, eu vou... — Apontei para o cajado.

Elisson não me encarou, apenas assentiu. Tive a sensação de que teria tido a mesma reação se eu tivesse pedido a carteira dele. Uau, eu era uma pessoa horrível mesmo.

Quando nadei rio abaixo, ouvi um toque baixo de música no ar: a flauta de Pã de Grover, em algum lugar na caverna. Ele tinha desistido do Duran Duran. Estava tocando "Help!", dos Beatles. Interpretei isso como uma mensagem sutil de que meu amigo estava ficando cansado de puxar o desfile das cobras.

Peguei o cajado de Íris e nadei de volta até Annabeth e Elisson. Estava com esperança de que Annabeth fosse jogar a corda para me ajudar a subir, mas ela não parecia estar com pressa de se despedir do deus do rio.

Na verdade, tinha tirado a garrafa térmica da mochila e servia uma bebida quente para o coitado.

— É uma mistura de rosa mosqueta e camomila. Acho que você vai achar reconfortante.

Elisson tomou um gole.

— Uma delícia.

— O que está acontecendo? — perguntei.

Não estava esperando resposta, o que foi bom, já que não obtive nenhuma.

— Quantas vezes por dia? — perguntou Elisson a Annabeth.

— Ah, eu tentaria usar de manhã e à noite. E qualquer hora que você queira meditar. Aqui. — Ela deu uns pacotinhos para o deus. — Não tem cafeína. Eu ficaria longe de chá verde. Está estressando você.

— Acho que você tem razão. — O deus suspirou. — Então, quanto a um novo horário... talvez a gente pudesse reservar sábados intercalados para semideuses limparem objetos sagrados. Isso... isso é justo?

— Mais do que justo — respondeu Annabeth.

— Muito — concordei. — Mas agora a gente tem um amigo sendo perseguido por cobras.

Annabeth fez uma cara de brava para mim, como se eu estivesse estragando o momento, mas Elisson tomou toda a xícara de chá e a devolveu.

— Sem problemas. Boa sorte para salvar seu amigo. E, hã... — Ele engoliu em seco, nervoso. — Se você estava falando sério sobre o curso de ioga com baleias no palácio de Poseidon...

— Ah, eu nunca brinco sobre ioga com baleias. Vou falar com meu pai.

Elisson limpou o nariz.

— Obrigado, Percy Jackson. E Annabeth Chase, você foi muito gentil.

Em seguida, pegando os pacotinhos de chá, Elisson se liquefez e escorreu pela lateral do penhasco. Saí da frente porque não queria ser atingido de novo por suas águas.

Quando tive quase certeza de que ele tinha ido embora, olhei para Annabeth.

— Você trouxe chá, sério? Enquanto eu estava lá embaixo sendo jogado de um lado para o outro, você estava calmamente tomando chá?

Ela deu de ombros.

— Íris nos disse que ele gostava de ioga. Achei que chá de ervas podia ser uma boa oferenda.

Ela disse isso como se sua linha de raciocínio fizesse perfeito sentido, como se evidente que x = 2yz3, sendo *x* ioga e *y*, chá.

— Lógico. Tem mais alguma coisa aí que possa nos ajudar a salvar Grover?

— *Bien sûr* — disse ela, o que eu acho que é francês para *O que você acha, Cabeça de Alga?*

Ela tirou um saco de papel da mochila e sacudiu o conteúdo.

— Petisco para cobras. O cara da loja recomendou o sabor hamster.

— Eu tenho tantas perguntas.

— A gente tem que ir. Estamos perdendo tempo.

— Tem certeza de que não dá para tomar mais uma xícara de Magia Mediterrânea? Que tal você jogar aquela corda para mim?

— Não é necessário. — Ela se levantou. — É só nadar rio abaixo. Vou ficar invisível... — Ela pegou o boné mágico dos New York Yankees, seu acessório de moda favorito quando o assunto era *sair de fininho*. — Vou para o leste procurar Grover, distrair as cobras com estes petiscos e tirá-lo de perigo.

— Enquanto sigo para oeste e me transformo em um novo alvo — adivinhei.

— Isso mesmo. Quando as cobras estiverem seguindo você, nós três voltamos a nos encontrar na boca da caverna.

— E, hã, eu vou ganhar Biscobra sabor hamster?

— Você não vai precisar.

— Então como é que vou distraí-las? E, mais importante, como vou escapar quando tiver chamado a atenção delas? Porque, você sabe, esses são os tipos de detalhe que eu gosto de ter resolvidos.

O sorriso de Annabeth me disse que eu odiaria a resposta quase tanto quanto odiava ser empurrado em rios.

— Você está com o cajado de Íris. Ou seja, a melhor parte de todas.

DEZENOVE

EU SINTO GOSTO DE ARCO-ÍRIS, E É BEM RUIM

Já posso riscar *saltitar por um campo criando arco-íris* da minha lista de coisas para fazer antes de morrer.

Quando saí do rio, algumas centenas de metros abaixo, Grover estava tocando a música que era o último recurso. Acordes distantes de "YMCA" ecoaram pela caverna. Eu sabia que era um sinal de que meu amigo estava ficando sem energia e sem fôlego. Porque, quando alguém toca "YMCA", quase sempre é um pedido de socorro.

Annabeth tinha me instruído a saltitar pelos campos segurando o cajado de Íris. Tinha certeza de que isso criaria um lindo arco-íris, que atrairia a atenção das serpentes com um nível alto de *Ai, que fofo*. Enquanto isso, ela ficaria invisível, encontraria Grover e o acompanharia até um lugar seguro, jogando Biscobras quando necessário para manter as serpentes longe.

— E se eu não conseguir fazer o cajado funcionar? — perguntei.

— Eu tenho fé — disse Annabeth.

Tenho certeza de que ela estava tentando não rir.

— E se eu não conseguir me livrar das serpentes quando estiverem me seguindo?

— Desliga o arco-íris. Quando você apagar, deve ficar tudo bem. E, aconteça o que acontecer, não pare de saltitar, Cabeça de Mola.

Como sou bom em trabalho em equipe, fiz o que ela me mandou. Assim que saí do rio, calcei os sapatos, que tinham ido parar em um amontoado de juncos, e comecei a saltitar pela grama.

Avancei uns três metros. Só então percebi que Annabeth devia estar me trollando.

Conseguia correr muito mais rápido que saltitar. Duvidava que o cajado se importasse. Disparei pelos campos. E, de fato, depois de poucos passos, o cajado começou a brilhar.

Fitas cintilantes de luz se desdobraram do topo de bronze celestial, brilhando com mais intensidade quanto mais eu corria. Logo eu estava emitindo um arco-íris diáfano de quinze metros, fazendo os campos brilharem de todas as cores de uma caixa de giz de cera.

Tive uma lembrança de quando era criança, uma criança *de verdade*, não como na semana anterior no Hebe Sinistra. Minha mãe tinha me levado ao East Meadow no Central Park para soltar pipa pela primeira vez. Eu me lembro de correr pelo campo, sorrindo animado enquanto meu polvo azul de náilon enorme subia no ar. Fico meio que triste ao pensar em quanto tempo se passou desde então... e também ao lembrar que um raio (no meio de um dia de sol) fritou a pipa assim que subiu. Mesmo na época, antes de eu descobrir que era um semideus, Zeus estava de olho em mim. Porque é o que se faz quando se é o rei dos deuses. Você passa seu tempo valioso sendo o mais mesquinho possível, se divertindo ao fritar no céu pipas de crianças proibidas.

Então foi bom ter uma nova chance. Continuei correndo, segurando o cajado no alto, enchendo a caverna com o desfile de arco-íris de um homem só.

Não demorou para eu ouvir os sons de coisas rastejando e sibilando na grama atrás de mim. Cobras, muitas cobras, se aproximavam, empolgadas para seguir o *Ai, que fofo* e comer fosse lá o que estivesse causando aquilo.

Esse pensamento me incentivou a correr mais rápido.

Depois de mais uns cem metros, cometi o erro de olhar para trás. O campo todo estava vindo para cima de mim como uma onda atrás de um surfista, a grama desabando sob o peso de milhares de serpentes deslizando.

Em algum lugar ao longe, a música de Grover parou no *Y* de "YMCA". Eu torcia para que isso significasse que ele estava em segurança e que Annabeth o estivesse tirando da caverna. Se eu conseguisse correr mais um pouco, poderia desligar o arco-íris e desviar para a boca da caverna...

Peraí.

Onde estava a boca da caverna?

Um pouco tarde demais, percebi que tinha me perdido. Tinha grama até os olhos e nenhum ponto de referência à vista. Só conseguia ouvir o ribombar do

Batalhão de Serpentes Chifrudas atrás de mim. Supus que ainda estivesse indo para oeste, para longe do rio, mas não tinha como ter certeza. A luz do arco-íris me confundia. E meu sentimento crescente de pânico não me deixava pensar direito.

Comecei a desviar para a direita, na esperança de direcionar as cobras em um arco amplo para o rio. Mas não levei em consideração o quanto estava cansado. Tinha usado muita energia para explodir o rio Elisson. Sentia as pernas ficando pesadas e os pulmões, queimando.

Estava perdendo velocidade.

As cobras se aproximavam.

É óbvio que escolhi esse exato momento para tropeçar em uma pedra.

Caí de cara na terra. Meu tornozelo explodiu de dor. Mesmo depois de aguentar feridas de espada, queimaduras de ácido e bafo ardente de dragão, é horrível o quanto uma coisa normal como um tornozelo torcido pode *doer*. Quando tentei me levantar, senti como se alguém estivesse enfiando espetos pela minha perna.

Manquei mais um pouco, usando o cajado para sustentar o peso, mas havia me tornado um alvo lento. As cobras chegaram. Fui até as pedras mais próximas e comecei a subir, para pelo menos conseguir enxergar as serpentes. Quando estava no topo, não fiquei feliz com o que vi.

Um mar de cobras cercava meu local de descanso anterior. Os olhos brilhavam em vermelho na luz do cajado de Íris. Os chifres eram terrivelmente adoráveis: pequenos ganchos rosa e brancos com formato de traves de gol. Quando as serpentes se aproximaram, admirando a luz do arco-íris, as bocas se abriram ao mesmo tempo, com as gargantas vermelhas sibilando e as línguas pretas saindo da boca para sentir o gosto do ar. O tom delas dizia nham!

— Ei — falei, com a voz fraca. — Podemos conversar sobre isso?

As cobras sibilaram em resposta: nham, nham!

Eu me perguntei se devia puxar a espada.

Resposta: não.

Eram muitas. Além do mais, se eu atacasse, aquela missão não se tornaria livre de crueldade, e, mesmo que eu escapasse, tudo aquilo não teria adiantado de nada. Além do mais, era provável que eu morresse mesmo.

Esperava que, pelo menos, Grover e Annabeth tivessem escapado. Esperava que Elisson apreciasse seu rio limpo.

A luz do cajado parecia ser a única coisa que impedia as cobras de atacarem.

O topo ainda pulsava com energia de arco-íris, e os olhos das serpentes ficaram fixos nele, hipnotizados.

Eu estava tão cansado que mal conseguia manter o equilíbrio. Tinha a sensação de que, se tropeçasse, o cajado pararia de brilhar. Aí eu seria um bufê de almoço. Mas tinha que tentar alguma coisa.

Ergui o cajado.

O arco-íris ficou mais brilhante. As cabeças de mil serpentes se ergueram junto. Balancei o cajado de um lado para o outro. As cobras todas seguiram a luz, fazendo que não com a cabeça. Ergui e abaixei-o de novo. O mar de cobras assentiu como gatos seguindo um pontinho de laser. Sufoquei uma risada histérica. Estava prestes a ser comido por serpentes chifrudas, mas pelo menos estava me divertindo.

Eu não podia ficar naquelas pedras para sempre balançando um bastão mágico. Ou eu acabaria ficando cansado, ou as cobras, entediadas. Aí, elas se arrastariam pelas pedras e me matariam a mordidas porque meu arco-íris era lindo demais.

Também não queria esperar que Annabeth e Grover me salvassem. Não conseguia imaginar como os dois distrairiam tantas serpentes sem acabarem mortos.

Pensei em todos os planos que minha namorada e eu tínhamos feito para a faculdade e no que viria em seguida. Pensei em tudo que queria dizer para ela... Queria pelo menos que soubesse o quanto eu a amava.

De repente, me senti mais leve. A pressão que sentia no tornozelo torcido diminuiu. Eu estava erguendo o cajado tão alto que meu ombro começou a repuxar, e eu me perguntei *Percy, por que você está fazendo isso?*

Não sei, respondi, porque não sou de grande ajuda quando falo comigo mesmo.

As cobras olharam, fascinadas, o arco-íris ficar mais intenso. Eu me vi nas pontas dos pés, tentando, desesperado, continuar segurando o cajado de Íris. Por fim, percebi que, na verdade, não era eu que estava erguendo o cajado, era o cajado que estava me erguendo.

Meu primeiro pensamento foi: *Por quê?*

Meu segundo pensamento foi: *Espera um minuto... Isto é o cajado de um mensageiro. Os deuses mensageiros não voam para entregar mensagens?*

Um segundo antes de o cajado começar a me puxar para cima, eu estava pensando no quanto queria dizer para Annabeth que a amava. Essa era a mensagem.

Segurei o cajado com as duas mãos.

— Me leve até Annabeth — falei para o cajado.

Meus pés se ergueram das pedras e subi devagar para o ar escuro e úmido. Abaixo de mim, as cobras olharam impressionadas.

— Adeus, amigas! Sejam boazinhas umas com as outras.

Subi.

Eu me perguntei se estava deixando as cobras com uma nova religião, se elas contariam histórias para as gerações futuras sobre o estranho deus-garoto do arco-íris que tropeçou muito antes de voltar para o céu. Ou talvez só estivessem pensando *Esse garoto é esquisito mesmo.*

Conforme ganhava velocidade, o arco-íris cintilava ao meu redor, me envolvendo em luz. Minhas entranhas se contorceram. Meus membros pareceram imateriais. Não estava só voando dentro do arco-íris... eu estava me tornando parte dele, o que parece mais legal do que foi na verdade. Todas as moléculas do meu corpo se dissolveram em energia. Minha consciência se expandiu, como se eu existisse em cada ponto do arco da minha viagem ao mesmo tempo. Mas ainda tinha todos os sentidos físicos. Não me pergunte por quê, mas o espectro de luz tinha gosto de cobre. Tinha cheiro de plástico queimando. Comecei a me perguntar se foi por isso que Íris se cansou do trabalho de mensageira e começou uma atividade em que ela podia queimar incenso e aplicar óleos essenciais.

Eu me rematerializei na boca da caverna, ao lado de Annabeth e Grover. Meu amigo sátiro tentava recuperar o fôlego, com as mãos nos joelhos, mas parecia ter saído ileso.

— Saudações, terráqueos — falei.

Annabeth quase deu um salto.

— O quê? Como?

Ela fica fofa quando leva um susto. Não acontece com frequência, então tenho que apreciar quando rola.

— Eu tenho uma mensagem para Annabeth Chase. Eu te amo.

Dei um beijo nela, o que foi difícil, porque ela começou a rir.

— Entendi — disse minha namorada, me empurrando com gentileza. — Cajado de mensageiro. Ótimo trabalho!

— É, eu tinha tudo planejado na minha cabeça.

— Você não tinha a menor ideia do que estava fazendo.

— O fato de você estar certa não quer dizer que eu não fico ressentido por seu comentário.

Ela me beijou.

— Eu também te amo, Cabeça de Alga.

Grover pigarreou.

— Eu estou bem. Obrigado.

— Eu também te amo, Big G — garanti a ele. — Você deu um show com a flauta.

— Hunf. — Ele tentou parecer mal-humorado, mas, pela forma como as orelhas ficaram vermelhas, percebi que estava satisfeito por dentro. — Vamos voltar logo para Manhattan, antes que as coisas fiquem esquisitas. — Ele hesitou. — Eu quis dizer *mais* esquisitas.

No trem de volta, parecíamos três adolescentes normais que tinham rolado em um campo de lama em Yonkers o dia todo, só que eu estava carregando o cajado mais limpo e brilhante do universo. E, toda vez que eu arrotava, saía uma nuvenzinha violeta ou verde-limão.

VINTE

ÍRIS ACEITA PIX

Na tarde seguinte, nós devolvemos o cajado para Íris.

Fiquei feliz de tirá-lo do meu quarto, porque aquela coisa tinha a tendência de brilhar e disparar vários arco-íris pelo apartamento sempre que eu pensava em uma mensagem que precisava dizer a alguém ou sempre que um caminhão dos correios passava. Naquela manhã, minha mãe tinha recebido uma entrega especial de livros do editor, e o cajado quase bateu no cara da FedEx. Acho que deve ter achado que era concorrência.

Depois da aula, me encontrei com Annabeth. Grover não nos acompanhou, porque estava no centro da cidade posando para as fotos de Blanche. Pelo jeito, ela o botaria para vestir um kilt de folhas de palmeira murchas, o colocaria sobre um tronco queimado e o fotografaria cercado de insetos mortos. Grover planejava emoldurar a foto e dar de presente para Juníper no dia do florescimento dela em janeiro. Não entendi nadinha do que acabei de contar, mas ninguém pediu minha opinião.

Encontrar Íris foi a parte fácil. Apenas desejei que o cajado me levasse até a deusa. Fiquei com medo de que ele nos transformasse em arco-íris e nos irradiasse até Wisconsin. Aí, passaríamos a noite tossindo em vinte cores diferentes, além de estarmos em Wisconsin. Mas o cajado só apontou para o norte e começou a me puxar pela Primeira Avenida como um detector de hidroscopia.

Ele nos levou para o Harlem, onde encontramos a deusa vendendo os cristais em uma fileira de vendedores em uma calçada. Eu me perguntei se o cara anunciando pepinos e a moça exibindo guirlandas de pimenta seca sabiam que a pessoa entre eles

era a deusa imortal do arco-íris. Talvez não, mas duvido que ficassem surpresos. Quando se é vendedor de rua em Manhattan, já se viu de tudo.

— Minha nossa! — Íris levou um susto quando nos viu. Pegou o cajado e o inspecionou por completo, como se fosse uma lâmina samurai que acabou de voltar da oficina de conserto de espadas. — Mercedes, você está linda!

— Você batizou seu cajado de Mercedes? — perguntou Annabeth, depois acrescentou, depressa: — É um nome lindo.

— Ela parece tão feliz — exclamou Íris, com alegria e lágrimas de arco-íris escorrendo pelo rosto. — Peço desculpas por todos os problemas que lhe causei.

Que idiota, eu. Estava prestes a aceitar o pedido de desculpas quando me dei conta de que a deusa estava falando com Mercedes.

— Ah, meu amor! — Ela aninhou o cajado e continuou chorando. — Eu devia ter mandado limpar você anos atrás! Nunca mais vou usar você como display!

— A missão foi bem. Completamente livre de crueldade — informei.

— O quê? — Íris se mexeu. — Ah, sim. Livre de crueldade. Lógico. Que bom.

Tive a sensação de que eu poderia ter destruído hectares de cobras, e Íris nem saberia a diferença. Por outro lado, fiquei feliz de não ter sido assim, porque as serpentes chifrudas eram fofas de um jeito mortal, estilo *Vou comer sua cara*.

— Então — disse Annabeth, mantendo o tom animado — isso quer dizer que você vai fazer parte das suas mensagens de Íris em pessoa de novo?

— Hã? — Íris afastou os olhos do lindo cajado de arauto. — Não, não. Esses dias acabaram, apesar de ser maravilhoso ver Mercedes em tão boas condições de novo. Agradeço sua ajuda!

Ela começou a cantarolar sozinha enquanto arrumava os cristais na mesa, cobrindo Mercedes devagar.

Olhei para Annabeth, que fez sinal para eu ser paciente.

— Você teve tempo de perguntar? — comentou Annabeth com a deusa.

Íris pareceu sobressaltada por ainda estarmos ali.

— Perguntar?

Meu ânimo foi lá embaixo. Se Íris não tivesse honrado a parte dela do acordo, nós teríamos mesmo ido ao rio Elisson para nada... além de iniciar um culto religioso baseado em Percy entre os répteis de Yonkers.

— Sobre Ganimedes? O cálice desaparecido? — completei.

Íris nos encarou.

— Verdade. Óbvio. Eu... perguntei. Mas você tem certeza de que não preferem um cristal como recompensa? Talvez um pacote de sais de banho purificantes com sálvia?

Ela continuou colocando mercadorias em cima de Mercedes: bolsinhas, miçangas, sacos de pedras, como se quisesse esconder o cajado o mais rápido possível. Por que ela parecia tão nervosa?

— Só a informação já seria ótimo. Você... conseguiu a informação? — retrucou Annabeth.

— Aham. — Íris suspirou. — É que vocês parecem jovens tão bonzinhos. Eu odiaria...

Ela deixou o pensamento no ar para seguir até a Terra dos Pensamentos Parcialmente Elaborados Sobre Coisas Que Poderiam Matar Percy Jackson. Eu passava muito tempo nessa terra.

— Você descobriu onde o cálice está — supus.

— Eu tenho uma ideia bem boa.

O tom sombrio dela me fez pensar se eu devia aceitar os sais de banho. Mas olhei para Annabeth. Lembrei que estava fazendo tudo aquilo para ir para a faculdade com minha namorada. Estar com ela. Isso não era negociável, por mais difícil que fosse o desafio e por mais purificante que fosse a sálvia.

— Conta tudo — pedi.

Íris puxou a pulseira de macramê no punho.

— Reduzi sua busca ao Greenwich Village.

Annabeth pareceu confusa.

— É uma área bem grande.

— Ele vai estar lá. Isso se, de fato, eu estiver certa sobre a identidade do ladrão — ressaltou Íris.

— Ele...? — incitei.

Esperei mais pela resposta. Nunca é um bom sinal quando sua informante evita dar nome aos bois. Principalmente quando essa informante é uma deusa. Quem poderia deixar Íris tão nervosa?

— Eu deveria ter adivinhado — murmurou ela para si mesma.

Pegou um palito de incenso, balançou-o, talvez na esperança de purificar o ar de alguma forma, o que não aconteceu.

— Óbvio que ele odiaria Ganimedes. E o cálice. Mas... — Ela balançou a cabeça. — Espero estar errada. Eu devo estar errada.

— Quem é? — perguntou Annabeth. — A gente precisa de um nome.

Ela teve mais coragem que eu. Já estava resignado à ideia de procurar no Village inteiro por caras aleatórios carregando cálices.

Íris olhou por cima do ombro e se inclinou para nós.

— Ele usa o nome... *Gary* — disse a deusa, em tom conspiratório.

Não ousei rir, mas só consegui pensar na lesma do desenho do Bob Esponja. Em geral, as coisas que parecem mais ridículas são as que matam você mais rápido. Você ri e acaba indo desta para uma melhor do jeito mais idiota possível.

— Gary — repetiu Annabeth.

— Isso — disse Íris. — Eu não sei como ele conseguiu executar o roubo. Ou o que espera ganhar com isso. Mas essa informação veio de uma ninfa das nuvens confiável.

— Então nós vamos para o Greenwich Village e começamos a perguntar por um Gary — resumi.

Íris inclinou a cabeça.

— Acho que vocês podem fazer isso. Mas seria mais fácil usar néctar.

Ela pegou um frasco da estante de óleos essenciais e o ergueu como se fosse uma modelo em um comercial de televisão. Eu já tinha visto néctar. Já tinha tomado uma boa quantidade quando precisei me curar de cortes, contusões, queimaduras e outras lesões rotineiras da vida de um semideus. Mas aquele frasquinho parecia ainda mais brilhoso e dourado, como luz solar mergulhada em mel.

Annabeth se inclinou.

— Isso é...?

— Cem por cento concentrado — disse Íris com um sorrisinho arrogante. — Coletado do orvalho nos bosques do Monte Olimpo ao alvorecer do primeiro dia de primavera. Sem aditivos nem conservantes. *Não* ingiram isto. Néctar puro queimaria vocês, semideuses, até só restarem cinzas.

Eu me afastei feliz do suco mortal dourado.

— Então o que a gente faz com isto?

Íris balançou o frasquinho, fazendo o interior brilhar ainda mais.

— O cálice dos deuses foi designado para misturar néctar. Todo néctar é, por natureza, atraído pelo cálice. Soltem uma ou duas gotas deste líquido no ar do

Greenwich Village e, se o objeto estiver nos arredores, vocês vão poder seguir as gotículas até Gary.

— Isso é surpreendentemente útil. Obrigado.

Estiquei a mão para pegar o frasco, mas Íris o recolheu.

— Hã-hã — disse ela, me repreendendo. — Tem um preço.

Sufoquei um gemido, então me perguntei que item mágico ela queria que fosse limpo ou quais cristais especiais precisava que coletássemos das profundezas do Mundo Inferior.

— Quanto? — perguntou Annabeth.

Íris a encarou com seu melhor olhar de negociadora durona.

— Cinco dólares.

— Só isso? — perguntei.

Annabeth me cutucou.

— Quer dizer... *cinco dólares?* — Tentei falar com um tom ultrajado. — Em dinheiro?

— Também aceito Pix — ofereceu a deusa.

Remexi nos bolsos. Encontrei minha caneta-espada Contracorrente, um clipe de papel e uma notinha do Suco Gostoso. Annabeth pegou a própria bolsa e tirou dali uma nota de cinco dólares. Porque, óbvio, além de todas as outras ferramentas estranhas e arcaicas de que ela poderia precisar, levava dinheiro.

— Pronto — disse ela.

A troca foi feita. Annabeth enfiou o frasco dourado na bolsa.

— Mais alguma coisa de que devemos saber? — perguntei. — Tipo quem é Gary?

— Não. Melhor vocês não saberem. Senão... — Íris balançou a cabeça e enfiou a nota de cinco na pochete bordada.

Tive a sensação de que a deusa queria dizer mais uma coisa. *Foi bom ver vocês. Boa sorte*. Algo assim. Mas ela só abriu um sorriso sofrido e se virou para arrumar a coleção de xales tingidos.

Imagino que *senão* era a única coisa que se precisava dizer ao mandar semideuses em uma missão perigosa. Isso se aplicava a tudo. *Sucesso. Senão...*

Bom, é fácil completar a frase.

VINTE E UM

EU DOU CONSELHOS DE RELACIONAMENTO. NÃO, É SÉRIO. POR QUE VOCÊ ESTÁ RINDO?

Nunca convide um sátiro para fazer uma sessão fotográfica.

Na tarde seguinte, Grover apareceu no evento da minha equipe de natação usando uma boina preta tipo a dos franceses, óculos escuros e uma bata branca. Parecia pronto para pintar aquarelas nas ruas de Paris. Era minha primeira competição (cheguei em segundo porque não precisava ser o centro das atenções), e ele torceu por mim.

Ficamos na arquibancada observando meus companheiros competirem.

Sempre que havia uma pausa na conversa, Grover abria o portfólio (desde quando ele carregava um portfólio?) e olhava as provas de contato da sessão de fotos com Blanche.

— Eu mostrei essa? — perguntou ele.

— Tenho quase certeza de que você me mostrou todas.

Tentei ser legal, mas havia um limite para a quantidade de fotos que eu podia ver de Grover fingindo estar morto, caído sobre um tronco queimado.

— Está vendo? Minha mão está um pouco mais alta nessa. Blanche achou que fazia uma sombra bonita na minha testa.

— Aham. Está ótima. — Aplaudi meu companheiro de equipe, que começava a segunda volta. — Vai, Lee!

— É Lou — corrigiu outro colega ao lago, cujo nome eu achava que fosse Chris, mas que, com minha sorte, talvez fosse Craig.

Em minha defesa, eu tinha acabado de começar na AHS. Na maioria dos dias, mal conseguia lembrar meu próprio nome.

— Então — continuou Grover —, eu perguntei para Juníper se ela preferia a C-25 ou a A-6 para a impressão final. As duas têm seus prós.

Não queria perguntar, mas perguntei.

— E qual a Juníper preferiu? Ou você já contou para ela?

Grover fechou a cara.

— Contei. Foi estranho. Ela pareceu... zangada.

Putz, cara, pensei.

— Por que você acha isso?

Grover coçou o cavanhaque. Percebi que estava pensando na resposta, porque se esqueceu por um momento das provas de contato.

— Não sei. Contei que Blanche gostou mais da que estou de barriga para baixo, mas que também gostou da luz da pose lateral, então...

— Quantas vezes você mencionou Blanche quando estava falando com a Juníper?

Grover encarou por cima dos óculos de sol, os olhos vermelhos perdidinhos.

— São... são as fotos da Blanche.

— Muitas vezes, então?

Grover pareceu confuso.

— Você acha... Você acha que Juníper está *com ciúmes?*

Imaginei um coral de Anjos Óbvios cantando o Hino Óbvio acima da cabeça dele, mas tentei manter a expressão neutra.

— Será?

— Mas... Blanche é uma *semideusa*. Eu jamais... — Ele engoliu em seco. — Acho que talvez eu tenha dito muito o nome dela.

O apito do fim da competição de cem metros tocou. Lee/Lou tinha vencido. Aplaudi e gritei com a equipe, mas decidi não usar o nome do meu colega.

Quando me virei para Grover, ele estava coçando a cabeça como se houvesse formigas debaixo da boina.

— Umas doze vezes? — murmurou ele. — Ah, não...

— A Juníper *pediu* uma foto para o dia do florescimento dela?

— Bom, óbvio, ela... — Grover hesitou. — Na verdade, não. Eu acho... que talvez tenha sido ideia minha. Ah. Tá, minha situação é *muito* ruim?

Eu me remexi no banco. Era a última pessoa que deveria estar dando conselhos sobre relacionamentos amorosos. Bom, talvez a última depois de Zeus, do meu pai e dos outros deuses olimpianos. Eu basicamente seguia as deixas de Annabeth, e até

então estava dando certo. Eu não me sentia qualificado para dar opinião sobre nenhum relacionamento que não fosse o meu.

Mas Grover me olhou com uma expressão de súplica.

— Seja sincero com ela — sugeri. — Peça desculpas. Diz que você falou sem pensar. Que você foi um babaca.

— Certo — disse ele, assentindo devagar —, tipo como você faz com a Annabeth.

— Hã... é. Você podia perguntar para Juníper o que *ela* gostaria de ganhar no dia de florescimento.

— Mas o retrato...

Ele olhou com melancolia para as provas de contato, dezenas de tomadas de Grover se fingindo de morto numa natureza se fingindo de morta. Meu amigo tirou os óculos de sol e os guardou na bata.

— Acho que você tem razão. De qualquer jeito, ela não teria onde pendurar as fotos na cerca viva de junípero dela. É só que Blanche se esforçou tanto...

Eu pigarreei.

— E não vou mais falar o nome da Blanche — corrigiu ele. — Obrigado, Percy.

Ele pareceu tão infeliz que decidi que era uma boa ideia mudar de assunto.

— E as ninfas das nuvens? Você disse que ia pedir mais informações por aí.

Grover se animou.

— Ah, sim. Certo, lógico! Achei que talvez pudesse delimitar um pouco as coisas no Greenwich Village e descobrir por onde esse Gary anda. Falei com Phaloa, que conversou com Euclymene, e ela disse que tinha notado uma energia estranha perto do parque Washington Square.

— Energia estranha é quase a definição do Washington Square.

— É, mas isso... sei lá. Ela não conseguiu ser específica, mas falou que muitos espíritos da natureza têm saído do parque nas últimas semanas. Ninfas da grama, ninfas das flores, dríades... ficaram adormecidas no fundo da terra ou tiraram férias.

Imaginei um grupo de ninfas usando vestidos diáfanos de folhas arrastando malas pela rampa de um navio de cruzeiro com destino a Cancun.

— Gary é tão apavorante que espanta os espíritos da natureza das próprias fontes de vida — refleti. — Você conhece algum monstro ou deus com um nome parecido com Gary?

— Gerião?

Estremeci ao me lembrar do fazendeiro de três corpos que havia conhecido durante minha única viagem ao Texas.

— Já dei um jeito nesse. Matei ele. Mais alguém?

— Gar... gary... gani... Ganimedes?

— Essa seria uma tremenda reviravolta. Mas vamos contar que ele não roubou o próprio cálice. Mais alguém?

Grover fez que não.

— Talvez rime com Gary. Larry? Harry?

Considerando o fato de que eu não conseguia acertar nem o nome do meu companheiro de equipe, decidi não continuar com aquele jogo de adivinhação.

Na piscina, a competição seguinte tinha começado. Minha colega de equipe Lindsey, ou talvez fosse Linda, estava na primeira volta dos quinhentos metros livre.

— Acho que a gente devia ir ao parque logo cedo — falei. — Quanto menos pessoas, melhor vai ser caso a gente acabe se metendo em uma luta.

Grover assentiu.

— Será que Gary é algum tipo de espírito da natureza? Tipo um daqueles grandões e zangados que assustam os pequenos? Se for, pode ser que eu consiga fazer com que ele me escute.

Lembrei como as coisas tinham ido bem com Elisson, o grandão e zangado deus do rio, mas não toquei no assunto. Haveria bastante tempo para as esperanças de Grover serem destruídas depois.

— Que tal amanhã? A gente pode encontrar a Annabeth no Washington Square — sugeri.

Grover fez uma careta.

— Estou pensando em ir para o acampamento passar um fim de semana prolongado com Juníper. Que tal segunda?

Eu não era bom em manter os compromissos em dia. Tinha quase certeza de que precisava fazer uma prova de matemática logo cedo na segunda, mas... eu com certeza já teria encerrado nossa interação com o monstro até lá, certo? E, se a coisa do banquete de Minerva no Olimpo era apenas no outro domingo, isso, na teoria, nos deixava com tempo suficiente para encontrar o cálice e devolver a Ganimedes...

— Tudo bem — concordei. — Supercedo na segunda. Vou avisar a Annabeth. Ela vai jantar lá em casa hoje.

— Legal — disse Grover, apesar de parecer inquieto. — Você acha...?

Ele não conseguiu concluir o raciocínio.

Pareceu tão preocupado (acho que por causa de Juníper) que tive vontade de dar um abraço nele, envolvê-lo em um cobertor quentinho e fofinho e levá-lo eu mesmo até o Acampamento Meio-Sangue. Como não tinha tempo para dirigir até lá nem um cobertor quentinho e fofinho, revirei o cérebro em busca de conselhos úteis.

Eu me lembrei de uma coisa que Annabeth me dissera meses antes, quando eu estava tentando decidir o que poderia fazer para compensar o fato de ter perdido todo o nosso segundo ano.

— Olha, cara — falei para Grover. — Juníper vai perdoar você. Talvez nem queira presentes, só quer que você esteja lá ao lado dela. Escute quando ela contar como está se sentindo. Passa um tempo com ela.

Da piscina, meu treinador gritou:

— Jackson! Você de novo!

Era hora de eu me preparar para o mergulho.

— Eu tenho que ir — falei para Grover.

— Certo. Certo, é que... eu ando tão estressado no meu relacionamento com a Juníper, mas, para falar a verdade, nós estávamos bem até eu começar a ficar obcecado com o presente de dia de florescimento. Mas e se não for isso que está, no fundo, me incomodando? E se eu estiver preocupado com você e Annabeth me abandonando no verão que vem?

Abandonando.

A confissão me atingiu como uma onda fria de água do Elisson. Olhei para as provas de contato das fotografias de Blanche, todas aquelas imagens de Grover bancando o morto em uma paisagem de desespero em preto e branco.

— Ah, Grover...

Eu o abracei. Foi meio esquisito, porque eu estava só de sunga e ainda molhado da última volta na piscina, mas ele não pareceu se importar.

— A gente nunca vai *abandonar* você, amigão. Vamos voltar para te visitar. Você vai nos visitar na Califórnia. Você é, tipo, nossa fonte de vida, cara. A gente não consegue ficar muito longe de você, senão começamos a murchar, sabe como é?

Grover conseguiu abrir um sorriso fraco.

— É... é, tudo bem.

Meu treinador gritou de novo.

— Vai — disse Grover.

— Tem certeza de que você está bem?

— Estou. Vejo você segunda de manhã no Washington Square. Quer marcar seis e meia?

Eu não queria marcar seis e meia e com certeza não queria estar acordado a essa hora. Pensar a que horas teria que acordar para chegar ao centro da cidade tão cedo me fez querer enfiar a cabeça na água e gritar. Mas sátiros são seres diurnos.

— Está ótimo — concordei.

Em seguida, corri até a plataforma. Não tinha treinado meu mergulho, mas pensei que havia passado tanto tempo da minha vida rolando ladeira abaixo que tinha grandes chances de conquistar o primeiro lugar.

VINTE E DOIS

EU GANHO UM CUPCAKE E UMA SURPRESA

É preciso força e coragem para levar sobremesa a um jantar na casa da minha mãe. Ela é famosa por suas sobremesas deliciosas. A maioria das pessoas ficaria nervosa demais para preparar alguma coisa, com medo de não aguentar a comparação. Ainda bem que Annabeth é forte e corajosa, porque aí eu ganhei cupcakes.

— Querida, estão lindos! — elogiou minha mãe, aceitando a bandeja com as criações mais recentes da minha namorada.

Annabeth ficou com lágrimas nos olhos de gratidão. Já a vi dispensar elogios de deuses, mas os da minha mãe a comoveram. Acho que era porque ela tinha crescido com Atena como uma figura materna distante.

Às vezes, eu me perguntava se Annabeth gostava da ideia de se casar comigo um dia só porque ficava animada de ter Sally Jackson-Blofis como sogra. Para ser sincero, eu não podia culpá-la.

Annabeth tinha começado a fazer doces porque tinha completado todas as aulas de que precisava para se formar. Apesar de sofrer dos mesmos problemas malucos de semideus que eu, de ter tido um segundo ano horrível quando eu desapareci em uma missão e de ter dislexia e TDAH também, havia acumulado tantos cursos avançados e tirado tantas boas notas que o orientador da EDNY sugeriu que ela ficasse apenas para as aulas do sétimo tempo.

Eu com certeza teria dito: *Sim, por favor, posso levar um travesseiro?*

Mas ir levando não era da natureza de Annabeth. Ela tinha se inscrito na eletiva Design Culinário para Iniciantes. Até o momento, só havia se dedicado a fazer cupcakes (o que eu achava ótimo), mas eu tinha certeza absoluta de que até o fim do ano estaria construindo pontes e arranha-céus de bolo.

Porém, uma coisa que ela não fazia de jeito nenhum era comida azul. Isso era uma piada entre mim e a minha mãe. Annabeth considerava algo sagrado e proibido. Seus cupcakes daquele dia eram verdes com confeitos roxos, por motivos que só ela conhecia.

Enquanto ela e minha mãe conversavam sobre coberturas, fui ver meu padrasto, Paul, que estava tirando pilhas de redações de alunos na mesa de jantar. O cara trabalhava sem parar, juro. Quase fazia com que eu me sentisse mal por não me dedicar mais ao dever de casa. Quase.

— Ei, Paul. — Nós nos cumprimentamos com um soquinho.

— Venceu algum monstro maneiro nos últimos tempos?

— Você sabe. O de sempre.

Paul riu. Ainda estava com a roupa do trabalho: camisa de botão azul, calça jeans desbotada e gravata supercolorida com desenhos de livros. O cabelo grisalho tinha ficado mais grisalho nos últimos anos, e tentei não pensar que talvez fosse por minha culpa. Ele sabia que eu era um semideus e se preocupava comigo. Também se preocupava com minha mãe, que se preocupava comigo. Paul era um cara ótimo. Eu só preferia pensar que era o emprego de professor que o estava envelhecendo, e não as lutas constantes de vida e morte pelas quais eu passava. Tentava não compartilhar com ele e minha mãe os piores detalhes, mas Paul sabia. Tanto quanto um mortal podia, ele havia visto meu mundo de perto durante a Batalha de Manhattan.

Mas naquela noite Paul parecia mais tenso que o normal. Quem não o conhecia não teria como saber, mas ele estava com um tique. Batia o indicador no polegar quando estava nervoso, como se estivesse tentando puxar uma corda que não conseguia encontrar.

— Tudo bem? — perguntei.

— Eu? — Ele sorriu. — Não tenho nenhum monstro para enfrentar esta semana. A não ser que você conte redações do nono ano sobre *Romeu e Julieta*. Me ajuda a pôr a mesa?

Havia mais alguma coisa acontecendo, mas decidi não forçar a barra. Coloquei quatro lugares. Na cozinha, havia pão de alho sendo torrado. Uma lasanha borbulhava no forno. Annabeth ria de algo que minha mãe havia dito, e pelo jeito como as duas me olharam sorrindo, concluí que tinha a ver comigo. Annabeth já tinha visto minhas fotos de bebê, então fiquei preocupado com o assunto do qual

elas estavam falando. Eu não tinha mais dignidade. Mas Annabeth e eu ainda estávamos juntos. Por mim, isso bastava.

Um vinil de Bob Dylan tocava na vitrola de Paul, baixinho a ponto de soar apenas como música de fundo, mas é impossível ignorar a voz do Dylan. Não era minha preferência, mas eu aguento. Paul diz que ele foi um dos melhores poetas do século XX. O cara consegue rimar *leaders* com *parking meters*. Acho que é preciso ter algum talento para isso, né?

Quando estávamos todos sentados, um passando a salada para o outro, reparei em mais uma coisa estranha. Minha mãe estava bebendo água com gás.

Ela não era de beber muito, mas tinha o hábito de tomar uma taça de vinho tinto no jantar.

— Nada de vinho? — perguntei.

Ela fez que não, os olhos cintilando, como se ainda estivesse pensando em uma piada interna.

— Não. Na verdade, eu queria falar com você sobre isso.

— Sobre vinho?

— Aham.

Paul tossiu. Estava fazendo aquele gesto com as duas mãos, à procura da corda invisível. Por que tão tenso?

Annabeth me encarou. *É sério, Cabeça de Alga? Você não entendeu?*

Talvez minha mãe tivesse contado alguma coisa para ela na cozinha, ou talvez Annabeth tivesse percebido sozinha o que estava acontecendo. Minha namorada repara nas coisas. Estar com ela é tipo assistir a um filme com alguém que está quinze minutos à frente de você.

— Não sobre vinho — respondeu minha mãe. — É mais sobre por que não estou tomando vinho hoje. Mas primeiro quero deixar bem claro que isso não afeta seus planos, Percy. Não quero distrair você de tudo que está acontecendo na sua vida... ainda mais dos planos de entrar na universidade.

Minha boca ficou seca. Meu primeiro pensamento foi: *Ah, deuses, ela está com alguma doença terrível.*

— Mãe, eu... eu *vivo* distraído. É meu sobrenome. Seja lá qual for o problema, eu quero ajudar.

— Ah, querido. — Ela estendeu a braço por cima da mesa e segurou minha mão. — Não tem nada de errado. Eu estou grávida.

Se ela tivesse batido na minha cabeça com um cajado de arco-íris, a mensagem teria me deixado menos atordoado.

— Grávida — repeti.

Ela abriu um sorriso corajoso, do mesmo tipo que dava quando encontrava uma escola nova quando eu era expulso da anterior. *Surpresa!*

— Tipo... você e o Paul.

Olhei para meu padrasto, que não tinha tocado na lasanha. Percebi que todos à mesa estavam prendendo a respiração. Talvez estivessem com medo de todo o encanamento do prédio explodir. O que, só para deixar registrado, eu só fiz *uma vez.*

— É, eu e o Paul. — Minha mãe segurou a mão dele.

Eu me perguntei se os dois haviam tido alguma conversa constrangedora sobre se era seguro ter um filho humano depois de ter um semideus. Depois de *mim*.

Annabeth me olhava com atenção, avaliando como eu ia reagir. Preocupada comigo? Preocupada com Paul e minha mãe?

Uma sensação calorosa se espalhou por mim. Comecei a sorrir.

— Isso é *incrível*.

A tensão se dissipou, o que era bem melhor do que canos se rompendo. Pulei da cadeira e abracei Paul, que estava mais perto. Acho que dei um susto no coitado. Ele passou sem querer uma das mangas na lasanha.

Daí contornei a mesa e abracei minha mãe. Ela soltou uma risada/choro que foi um som incrível: alívio total, felicidade total. Houve algumas lágrimas, mas não vou apontar dedos para quem foi. Por fim, cada um voltou para o seu lugar, apesar de eu ainda sentir como se estivesse flutuando um pouquinho.

— Estou muito feliz por você estar feliz — disse minha mãe.

— *Óbvio* que estou feliz. — Eu não conseguia parar de sorrir, o que é um problema quando se está com fome e tem um prato de lasanha na sua frente. — Espera aí. *Quando?*

— A data estimada para o parto é quinze de março — informou ela.

Annabeth pareceu surpresa.

— Idos de Março?

— É só um palpite. — Minha mãe piscou para ela. — *Percy* nasceu bem mais tarde do que o esperado.

— Eu fui teimoso — falei. — Então isso quer dizer que eu vou estar aqui quando o bebê nascer. Isso é incrível. Vou ter alguns meses até...

Meu sorriso sumiu. Se tudo desse certo e eu entrasse na faculdade com Annabeth, partiria para a Califórnia no verão. Perderia muita coisa com o bebê. Eu queria ouvir a primeira risada da criança, ver os primeiros passos. Queria brincar de me esconder e ensinar o pestinha a fazer barulhos grosseiros e a comer comida de bebê azul.

— Ei — disse minha mãe —, você vai estar aqui no parto. E pode vir para casa sempre que quiser. Mas você também precisa seguir seus planos. São planos excelentes!

— É, lógico — concordei.

— Além do mais — retomou ela, com um sorriso malicioso —, nós vamos precisar do seu quarto para o bebê.

Passei o resto do jantar atordoado. Ainda estava flutuando, em parte de felicidade... mas em parte para bem longe, com a sensação de ter sido cortado do meu porto seguro. Fiquei animado pela minha mãe e pelo Paul. Muito. Não dava nem para acreditar que os dois teriam um filho que eu poderia ver crescer. Aquele bebê teria tanta sorte.

Mas também fazia minha partida parecer ainda mais real. Eu estaria indo embora no momento em que minha mãe e Paul estivessem iniciando um novo capítulo. Não sabia bem o que achava disso...

Não me esqueci de elogiar Annabeth pelos cupcakes. Ficaram muito bons: cremosos e doces, a cobertura meio densa demais... do jeito que eu gosto.

Nós dois lavamos a louça juntos. Quando eu a levei até o metrô, estava escurecendo.

— Estou feliz por você ter gostado da notícia — disse ela.

Até aquele momento, eu não tinha percebido o quanto minha namorada estava aliviada.

— Você estava pensando nos seus meios-irmãos? — adivinhei.

A chegada daqueles bebês havia sido o começo do fim do relacionamento de Annabeth com o pai. Pelo menos na época. Pouco depois, ela fugiu de casa por se sentir esquecida e indesejada.

Ela me beijou.

— Você não está na mesma posição que eu estava, graças aos deuses. Vai ser um irmão mais velho incrível.

Uma onda de calor e alegria se espalhou por mim de novo.

— Você acha?

— Óbvio. E mal posso esperar para ver você aprender a trocar fraldas.

— Ei, eu limpei os estábulos de Gerião, cheio de cavalos que comiam carne. Fraldas não podem ser tão ruins.

Ela riu.

— Em abril ou maio, vou te lembrar que você disse isso. Você vai estar implorando para ir logo para a faculdade.

— Sei lá. Quer dizer... para estar com você, lógico. É que...

— Eu sei. Lidar com família é difícil. Ficar longe da família é mais ainda.

Era uma coisa que nós dois entendíamos.

Ela apertou minha mão.

— Vejo você na segunda, cedinho.

Então ela desceu os degraus da estação.

Pelo menos eu tenho Annabeth, pensei. Nós ficaríamos juntos. Supondo, óbvio, que resolvêssemos aquela história do cálice. Senão, eu ficaria preso em Nova York e teria muito mais trocas de fralda pela frente. Mas, naquele momento, ambas as opções pareciam boas... Eu poderia fazer qualquer uma das duas dar certo.

Vários resultados positivos?

Uau. Havia uma primeira vez para tudo.

VINTE E TRÊS

GANIMEDES EXPLODE TODAS AS BEBIDAS

A escola não espera ninguém.

Essa é uma citação famosa de alguém, acho. E é verdade. A manhã de sexta-feira chegou quer eu quisesse ou não. Ainda estava dolorido da luta com Elisson. Meu cérebro parecia ter sido virado do avesso com a notícia da minha mãe. Não tinha estudado o suficiente para a prova de ciências, o que quer dizer que não tinha estudado nada.

Além disso tudo, no terceiro tempo, uma voz estridente nos alto-falantes da escola me mandava comparecer imediatamente à sala da orientadora, e eu não estava nem um pouco no clima de descer pela descarga.

— Percy! — disse Eudora quando entrei. Parecia estranhamente feliz de me ver, ou talvez só surpresa de eu estar vivo. — Sente-se, por favor!

Eu tinha um plano. Se ela tentasse me jogar descarga abaixo de novo, ordenaria que a água me erguesse para o teto. Aí, roubaria o pote de balas dela e voltaria correndo para a aula, rindo como um louco.

— Então! — Ela entrelaçou os dedos e abriu um sorrisão. — Como está tudo?

— Tudo é muita coisa.

Contei sobre minha mãe ter um bebê. Eudora pareceu feliz da vida, até eu explicar que era um bebê humano, e não um bebê com Poseidon.

— Ah, entendi. — Ela deu de ombros. — Bom, isso também é legal, acho. E seus estudos?

— Hum.

— E as cartas de recomendação?

Relatei os últimos desdobramentos. Falei que na segunda de manhã investigaríamos o parque Washington Square e enfatizei que não havia necessidade de me dar descarga até lá.

— Hum... — Ela olhou para o Sapo Dodói como se ele quisesse dar uma opinião. — E o que exatamente você vai procurar no Washington Square?

— O cálice de Ganimedes. A gente acha que foi levado por um cara chamado Gary.

Ela empalideceu, como areia quando você pisa nela e toda a água é levada.

— Sabe, não é tarde demais para considerar as faculdades comunitárias. Eu mencionei a Ho-Ho-Kus? Tenho um livreto por aqui.

— Espera...

— Você pode conseguir um diploma de técnico em engenharia mecânica...

— Eudora.

— Ou contabilidade...

— Universidade Nova Roma — falei. — Lembra? É esse o objetivo. Por que você de repente começou a tentar mudar meu rumo? E, por favor, não me diga que Gary dá aula de ioga.

Ela se mexeu na cadeira, desconfortável.

— Não, não. E não é bem mudar seu rumo. É mais... querer que você fique vivo.

Olhei para ela de cara feia, me esforçando ao máximo para canalizar a expressão do meu pai de Deus do Mar Infeliz.

— Eu vou precisar de mais detalhes, por favor. Você é minha orientadora, então me oriente. Quem é Gary?

— Sabe... eu acabei de lembrar... eu tenho um compromisso...

Um redemoinho verde surgiu em volta dela. A cortina de água desmoronou, espalhando algas pelo chão, e Eudora sumiu. Olhei para o Sapo Dodói e me perguntei o quanto esse Gary teria que ser horrível para fazer uma nereida dar descarga em si mesma para fugir de uma conversa. O Sapo Dodói não respondeu. Peguei uma mão cheia de balas e voltei para a aula.

O almoço não foi melhor. Eu me sentei com minha comida (um sanduíche de resto de lasanha e um cupcake que sobrou) e estava começando a sentir que talvez pudesse relaxar por alguns minutos quando ouvi o tilintar ameaçador de uma pessoa enchendo minha garrafa térmica.

— Oi, Ganimedes — cumprimentei.

O deus se sentou à minha frente, a jarra de vidro suando de condensação. Daquela vez, o líquido era laranja, talvez a bebida olimpiana número seis? Ele usava o mesmo quíton e as sandálias de antes, mas parecia mais abatido de preocupação... Não, mais velho, na verdade. Deuses não ficam mais velhos. Mas os olhos estavam injetados de icor, com veias douradas. O rosto apresentava um brilho doentio, como se ele estivesse prestes a explodir na sua forma divina chamejante e vaporizar todo o corpo estudantil em uma pilha de pó para mistura de bebidas.

— Por favor, me diz que você tem novidades — pediu ele.

É difícil contar uma história e comer um sanduíche de lasanha ao mesmo tempo, então priorizei o sanduíche. Assenti e comi, observando Ganimedes ficar mais e mais agitado. Não sabia direito como ele receberia a notícia. Se me vaporizasse, eu queria ter comido uma boa última refeição.

— Então — falei, passando para o cupcake —, a gente acha que o cara que roubou seu cálice anda pelo Washington Square.

Contei o que sabíamos e como planejávamos encontrar o ladrão.

— Néctar. Essa é uma boa. Pode dar certo — murmurou Ganimedes.

— Alguma ideia de quem pode ser Gary? Você tem algum inimigo com esse nome?

Ele balançou a cabeça.

— Eu tenho tantos inimigos. Alguns podem se chamar Gary. Não sei.

Ele pareceu tão infeliz que tive vontade de garantir que tudo ficaria bem, mas não sabia se podia prometer isso. Se eu fosse um deus e alguém me dissesse que meu precioso cálice estava no parque Washington Square, eu me materializaria lá em uma nuvem de fúria e começaria a explodir cabeças e revirar os bolsos das pessoas.

Mas, como já tinham me dito muitas vezes, deuses não fazem esse tipo de coisa. Era contra as Grandes Regras Cósmicas da Divindade ou algo assim. Qualquer um podia roubar suas coisas divinas, mas apenas um herói podia recuperar as ditas-cujas. E quando digo *herói*, quero dizer "o otário que precisava de cartas de recomendação".

Além do mais, se Ganimedes começasse a revirar o Greenwich Village, imagino que os outros deuses acabariam notando. Aí, a vergonha dele seria revelada para todo mundo. O vídeo poderia muito bem viralizar no DivinoTok ou fosse lá o que estivesse bombando no Monte Olimpo.

— Ajudaria muito se eu conseguisse saber por que esse cara quis roubar seu cálice.

— Por que alguém faria isso? — conjecturou Ganimedes. — Para virar imortal? Para me constranger? Para se tornar imortal e poder me constranger para sempre? Sei lá.

Ele se inclinou por cima da mesa e segurou meu punho, os anéis de ouro afundando na minha pele.

— Você precisa recuperar o cálice logo, Percy Jackson. Estamos ficando sem tempo. Meus sentidos de servir bebidas estão formigando. Zeus pode convocar um banquete a qualquer momento!

— Ah, então... sobre isso.

Contei a ele o que Íris tinha dito sobre o festival *Epulum Minerva* no outro domingo.

Ganimedes baixou a cabeça. Ao redor, gêiseres de suco, refrigerante e água explodiram nos copos das pessoas. Gritos de "Eita!" se espalharam pelo salão, e meus colegas pularam dos assentos para fugir das bebidas possuídas.

Ganimedes suspirou.

— Acho que eu devia encher esses copos. Mas me escuta, Percy Jackson. Zeus é imprevisível. Ele pode nem esperar até o festival *Epulum Minerva*! Assim que botar na cabeça que quer fazer um brinde a um dos convidados, qualquer hora do dia ou noite, eu tenho que estar lá com o cálice na mão. Senão...

— Quem vai entrar numa roubada é você — adivinhei.

— Engraçadinho — resmungou o deus. — Você não viveu por milênios temendo as palavras *um brinde!* Alguns dos meus piores pesadelos... — Ele parou de falar. — Deixa pra lá. Só *não* me deixa na mão.

Ele se levantou para distribuir a bebida número seis para todos os alunos sedentos e molhados.

Naquela tarde, eu fiz uma coisa incomum. Fui à biblioteca.

É, eu sei. Quase ouvi as engrenagens na sua cabeça fazendo um esforço extra quando você tentou assimilar a ideia. Se eu contasse que caí no Tártaro de novo, ou que fui engolido por um gigante, ou que tive que fazer bungee-jump em um vulcão, você pensaria *É, faz sentido*. Mas Percy em uma biblioteca? Isso é *muito* esquisito.

A verdade é que não tenho nada contra bibliotecas. São lugares legais e tranquilos, e todos os bibliotecários que conheci são pessoas maneiras. Mas as

bibliotecas são cheias de livros. Como sou disléxico, tenho a tendência de pensar em *livro* como sinônimo de *enxaqueca*. Mas às vezes os livros são o único lugar onde posso encontrar informação, então é preciso correr o risco. E esse foi o meu TED Talk sobre a importância da leitura.

Enfim, eu também precisava de um lugar para pensar. Queria decidir o que faria na segunda de manhã contra Gary, o Gatuno. Tentei o computador da biblioteca primeiro, mas, como sempre, a internet não ajudou. Acho que todas as coisas estranhas que enfrento são tão antigas e bizarras que ninguém se deu ao trabalho de fazer uma wiki de fã de Coisas que Matam Semideuses. *Se* você encontrar informações de monstro on-line, costuma ser sobre como vencê-lo em algum videogame. Na vida real, apertar o Z e seta para a esquerda não ajuda muito.

Então, recorri aos livros.

Encontrei cinco coleções diferentes sobre mitologia grega. Consultei todas. Até lembrei que havia uma coisa chamada índice no final. Procurei deuses ou monstros cujos nomes poderiam se parecer um pouquinho com *Gary*.

Gegenes. Gerião de novo. Um lobo norueguês chamado Garm, mas eu não era o Poderoso Thor, então não queria atravessar aquela Ponte do Arco-Íris em específico. Já tinha preocupação suficiente no lado grego.

Por fim, deixei os livros de mitologia de lado. Peguei meus livros didáticos e tentei estudar.

Meu pé não parava de tremer nem minha cabeça de zumbir. Parecia que eu estava me olhando tentar estudar em vez de realmente estudando.

Eu me importava com a formatura. E queria ir para a Nova Roma com Annabeth. Mas não ligava para ciências, literatura norte-americana nem exercícios de escrita persuasiva. E, apesar de saber que tudo isso estava conectado ao meu objetivo, tinha dificuldade de me fazer acreditar naquilo.

Não conseguia me concentrar na leitura.

Escrevi uma frase de uma redação: *Nesta redação de escrita persuasiva, eu vou persuadir você...*

Tudo bem, meia frase.

Olhei para meu livro de ciências.

Pensei em Gegenes e em lobos cinzentos e em Garys assustadores no parque Washington Square. Mas a imagem que ficava surgindo na minha mente era o rosto de Ganimedes quando ele falou sobre os pesadelos que tinha. Ele pareceu um colega

meu do nono ano que foi assaltado a caminho da escola: olhos como janelas vazias e um rosto que tinha se esquecido de como fazer expressões.

Elisson tinha ficado assim depois que fiz o rio dele explodir. Ainda me sentia péssimo por causa disso. Ganimedes tinha alguém maior e eterno atormentando sua vida: Zeus, um cara com quem eu me esforçava muito para não ser parecido. Não sabia a história completa entre os dois. Como sempre, os mitos basicamente só contavam o lado de Zeus da história. Mas era óbvio que Ganimedes não estava indo muito bem no quesito saúde mental.

Tentei imaginar ter a vida destruída como aconteceu com ele: sequestrado quando adolescente e levado para o Monte Olimpo porque Zeus achou que o menino era um colírio para os olhos, depois ficar lá para sempre. Sem nunca envelhecer. Sem nunca crescer. Sem nunca ficar doente. Sem nunca se curar.

Percebi por que estava me esforçando muito para encontrar respostas. Não estava mais encarando aquela missão apenas como uma inconveniência. Queria ajudar Ganimedes. Se pudesse ter levado o cara para o Hebe Sinistra e cantado músicas gregas antigas na máquina de karaokê com o deus até que ele conseguisse reverter a vida e voltar a ser mortal, eu teria levado.

Como não dava, eu precisava recuperar o cálice dele.

Por fim, desisti do trabalho na biblioteca. Quando cheguei em casa, me sentia um fracasso, com medo de na segunda de manhã não estar nada preparado para o que íamos enfrentar. Talvez pelo menos conseguisse dormir bem à noite.

Acabou que não consegui fazer nem isso.

VINTE E QUATRO

EU ESCOVO OS DENTES (DO JEITO MAIS HEROICO POSSÍVEL)

Depois de um fim de semana pacato, Annabeth entrou no meu quarto às quatro e meia da manhã de segunda, o que parece bem mais agitado do que de fato foi.

Eu estava tendo um pesadelo esquisito com os deuses. Os olimpianos se encontravam sentados em volta da mesa de jantar da minha família e anunciavam que estavam grávidos. Hera, grávida. Afrodite, grávida. Hefesto, grávido. Apolo tinha certeza de que teria gêmeos. Depois de cada comunicado, Zeus erguia o copo para viagem do Suco Gostoso e gritava *Um brinde!* Aí todos os deuses jogavam as bebidas em mim, como se estivéssemos em uma sessão da meia-noite de *The Rocky Horror Picture Show.*

Acordei com o som da lâmina de Annabeth no trinco da janela do quarto. Ela poderia ter batido, mas acho que minha namorada gostava do desafio. Deslizou a vidraça para cima e entrou pela saída de incêndio.

— *Silêncio, que luz dessa janela irrompe?* — falei.

Ela sorriu.

— Estou impressionada por você citar Shakespeare.

— Eu sei citar a internet.

Esfreguei os olhos. Ainda sentia a bebida molhando meu rosto. Fiquei bem feliz de acordar antes que o Poseidon do sonho mostrasse a barriguinha de grávido. Mas aí olhei para baixo e fiquei com vergonha da camiseta velha que vestia. Eu me perguntei se tinha baba no meu queixo. Como Annabeth já tinha me informado, eu babo quando durmo.

— Hã, qual é a ocasião? — perguntei.

Annabeth estava com a mochila nas costas, usando uma calça cargo, uma regata e um par de tênis de corrida, o que me fez desconfiar que não estava ali só para me ver.

— Eu não estava conseguindo dormir. Achei que a gente podia já ir começando.

Ela tirou a mochila do ombro e pegou o frasco dado por Íris com o líquido dourado reluzente.

— Isso aí me deixa de cabelo em pé. Parece mel radioativo.

— Não, não é radioativo, meu melzinho.

— Rá, engraçadinha, você.

Ela sacudiu o frasco, o que o fez brilhar ainda mais.

— Eu queria saber mais sobre como o néctar concentrado funciona, então falei com Juníper.

Eu me sentei.

— Você foi ao acampamento no fim de semana?

— Mandei só uma mensagem de Íris. — Annabeth se acomodou na beira da cama. — Pelo visto, a Congregação Driádica guarda néctar concentrado no depósito para emergências especiais.

— Congregação Driádica? Isso existe?

Imaginei um bando de mulheres de vestidos esvoaçantes verdes e marrons dançando em volta de uma árvore cheia de cristais pendurados, como uma convenção de cosplay da Stevie Nicks.

Annabeth levou um dedo aos lábios.

— Você não ouviu isso de mim. Pelo jeito, o néctar concentrado pode curar um espírito da natureza à beira da morte, mas é arriscado. Uma vez, uma dríade de carvalho muito queimada foi ressuscitada e virou um pedaço de granito.

Esfreguei os olhos. Eu me perguntei se ainda estava dormindo, porque, pelo que eu estava entendendo, Annabeth estava sentada na cama falando sobre árvores e rochas.

— Certo.

— Além do mais, a palavra *néctar* significa *superar a morte*. Você sabia?

— Ai, vou voltar a dormir.

— Espera, essa é a parte importante. Juníper disse que essa coisa é tão cheirosa que uma fungada pode deixar um semideus em coma.

Essa parte chamou minha atenção.

— Por que Íris não mencionou isso?

— Ela não deve nem ter pensado no assunto. Mas, como a gente não tem tempo para entrar em coma hoje... — Annabeth remexeu na bolsa e pegou um pacote de lenços de papel e um pote de pomada mentolada. — Vamos tapar o nariz antes de abrir esse troço.

— Esperta — falei, embora estivesse pensando em como ficaríamos lindos andando pelo Greenwich Village com presas de Kleenex saindo das narinas.

— É. Crise evitada. Agora eu devo um favor a Juníper.

Ela fez uma cara de quem estava pensando em como retribuí-lo... e se dríades gostavam de cupcake.

— Como ela está? — perguntei.

Annabeth deu um tapinha no meu joelho.

— Você deve ter dado um bom conselho para o Grover. Ele pediu desculpas e os dois passaram um bom tempo juntos plantando sementes na floresta. Pelo jeito, estão bem de novo.

— Ei, quando o assunto é dar conselho sobre ser o namorado perfeito...

Ela riu, mas então olhou para a parede, com vergonha.

— Ri muito alto? Não quero acordar Sally e Paul.

— Tudo bem — garanti a ela.

As paredes do apartamento eram surpreendentemente grossas. E, se minha mãe ouvisse Annabeth no meu quarto, o pior que poderia acontecer seria ela oferecer à minha namorada uma xícara de chá.

É estranho o que acontece quando seus pais apenas te aceitam e apoiam e supõem que você vai fazer a coisa certa. Você acaba *querendo* fazer a coisa certa. Pelo menos essa tem sido minha experiência, e olha que sou *eu* quem está falando. Minha mãe tem mais motivos para se preocupar que a maioria dos pais. Depois de anos de colégios internos, verões no acampamento e meses viajando para lutar contra monstros, eu ainda não tinha me acostumado a ficar em casa direto, mas precisava admitir que viver com minha mãe e Paul era bem legal.

— Está em dúvida? — perguntou Annabeth.

Percebi que ela estava tentando decifrar minha expressão.

— Sobre o quê?

— Ir embora de Nova York, com sua mãe grávida e tudo o mais.

— Não... Quer dizer, não. Eu só estava pensando em como tem sido bom ficar em casa por um tempo. E os dois pareciam tão felizes no jantar. Fico pensando como vai ser para minha mãe ter um filho normal.

— Duvido que Sally consiga ter um filho normal. Ela não é normal. Nem Paul.

— Verdade. O bebê deve nascer tipo o Batman: sem superpoderes, mas uma fera, com seis doutorados.

— Agora eu estou imaginando o bebê com uma roupinha de Batman e uma touca com orelhinhas pontudas.

— Grover ia adorar.

Ela riu com deboche.

— Eu só estou dizendo... que tudo bem se você estiver se sentindo dividido sobre ir embora...

Eu me inclinei e a beijei.

— Nada de me sentir dividido. Nada de dúvidas. Eu já falei. Nunca mais vou deixar você.

— Tudo bem. — Ela franziu o nariz. — Mas tudo bem se você quiser sair por uns minutos para escovar os dentes. Seu bafo está meio...

— Ei, você que me acordou.

— E isso me lembra... — Ela mostrou o frasco de néctar concentrado. — A gente tem que ir logo.

— Está cedo demais até para sair cedo...

— Eu sei. Mas ainda vai levar trinta minutos para você se arrumar, porque você é lento — disse ela.

— Como é?

— Quarenta e cinco minutos para chegarmos ao Washington Square. E aí, até resolver tudo lá e voltar a tempo de você ir para a escola...

— Argh, essas contas.

Annabeth tem um poder mágico que permite que ela consiga pensar no futuro e saber quanto tempo vai demorar para fazer certas coisas. Ela chama esse poder de "planejamento", o que anula diretamente meu poder mágico de procrastinação.

Fui ao banheiro para me arrumar. Trinta minutos, sim. Lógico. Uma chuveirada rápida. Pegar a roupa. Escovar os dentes. Calçar os sapatos.

Levei trinta e um minutos.

Poder mágico idiota de planejamento.

Às cinco e quinze da matina, saímos do apartamento e pegamos o trem rumo ao que poderia ser minha última chance de encontrar o cálice de Ganimedes... ou talvez não encontrássemos Gary, e acabaria sendo só mais uma segunda-feira na escola. Para falar a verdade, eu não sabia qual das duas opções me assustava mais.

VINTE E CINCO

EU CONHEÇO O GATUNO DE CÁLICE

Grover levou mochi donuts.

Uma salva de palmas para o nosso Big G.

Nós três paramos embaixo do arco branco grande na entrada do parque Washington Square. Comíamos nosso café da manhã açucarado e estudávamos os arredores.

Nunca tinha ido ao parque tão cedo. O sol estava nascendo, espalhando a luz rosada pelas ruas e despejando-a sobre as fachadas de tijolos dos prédios em volta da praça. À frente, estava a praça principal, um círculo gigantesco de pedras cinzentas que irradiavam do chafariz central. Annabeth disse que o design lembrava um relógio de sol ou uma roda. Para mim, nascido em Nova York, estava mais para uma tampa de bueiro enorme.

O chafariz não estava ligado. No verão, servia de piscina rasa para as crianças, mas naquele momento estava seco. Imaginei o chafariz me vendo e pensando: *Ah, que ótimo. Percy Jackson. Agora vou ter que explodir ou afogar um monstro ou alguma outra coisa.* Como posso ter mencionado, dispositivos de água não costumam gostar muito de mim.

No que dizia respeito a pessoas, não havia muitas por perto. Uma senhora passeava com o cachorro pelas trilhas. Algumas pessoas atravessavam a praça, apressadas a caminho do trabalho. Dois homens idosos jogavam uma partida de xadrez em uma das mesas debaixo dos olmos. O local estava tão vazio quanto é possível em Manhattan.

— Prontos? — perguntou Grover.

Meu amigo estava tentando parecer corajoso e determinado, mas a imagem que queria projetar era estragada pelos confeitos de matcha no cavanhaque dele.

— Vamos nessa — falei.

Tinha comido o último donut inspirado no Monstro do Biscoito (óbvio que era o melhor sabor, era azul fluorescente), então não havia mais nada a fazer além de encontrar Gary.

Annabeth embrulhou o resto do seu ube mochi roxo, guardou-o na mochila e distribuiu lenços de papel e pomada mentolada.

— Não é isso que os policiais fazem antes de examinar cadáveres? — perguntou Grover, tapando as narinas.

— Não vamos fazer comparações. Nada de cadáveres hoje, combinado? — disse Annabeth.

— *Cominado* — falei, porque foi o que deu, com o lenço enfiado no nariz.

Meus olhos lacrimejaram por causa do mentol. A garganta ardeu como se um coala tivesse feito respiração boca a boca em mim, mas eu achava que isso era melhor do que entrar em coma de néctar.

— Lá vamos nós.

Annabeth pegou o frasco reluzente e abriu a tampa. Virou-o de leve, e três gotas douradas pingaram. Em vez de caírem, foram carregadas pela brisa e flutuaram pelo ar como bolhas de sabão. Cada uma foi em uma direção diferente.

— Isso não ajuda muito — observou Annabeth. — Será que a gente se separa?

— *Sempre uba péssiba ideia* — comentei.

Então foi o que fizemos.

Não me preocupou muito sair de perto de Annabeth e Grover, pois era possível vê-los mesmo do outro lado do parque. Annabeth seguiu a gota de néctar dela pela via principal em direção às mesas de xadrez. A bolha de Grover o levou pelo meio das árvores. A minha foi na direção do parquinho das crianças. Passei por uma pedestre andando rápido, com um café na mão, mas ela desviou para longe, como se faz ao se deparar com um garoto estranho com lenços de papel pendurados nas narinas. A mulher não pareceu notar o néctar reluzente. Ainda bem que também não entrou em coma. Talvez o cheiro não funcionasse em mortais comuns.

Enquanto eu seguia a bolinha saltitante, lembrei o que Grover tinha dito sobre espíritos da natureza terem deixado o parque. O local parecia mesmo abandonado. Sem esquilos. Sem ratos. Não havia nem pombos. Até as árvores pareciam quietas demais, o que é algo que ninguém notaria a não ser que tivesse passado um tempo na companhia de dríades. Você se acostuma com a presença reconfortante delas,

como alguém cantarolando uma cantiga de ninar no seu ouvido. Quando elas vão embora, fazem falta.

O cascalho fez barulho embaixo dos meus pés. O mochi do Monstro do Biscoito pesou no meu estômago. Quando cheguei ao parquinho, percebi como tudo tinha ficado tranquilo. Nenhum carro passava na rua. A brisa havia sumido. As copas das árvores se espalhavam imóveis acima, como placas de gelo verde.

A bolha de néctar foi na direção da estrutura maior de brinquedo. Flutuou pelas correntes até o forte em miniatura no alto e pegou fogo.

É... isso devia ser normal.

Olhei meus amigos.

Grover tinha parado ao lado de um olmo grande. A orelha estava encostada no tronco, como se ele estivesse ouvindo vozes. A gotícula de néctar havia sumido.

A uns cinquenta metros para a direita, Annabeth estava parada junto à primeira mesa de xadrez, acompanhando um jogo. Os dois idosos estavam curvados sobre o tabuleiro, concentrados nas peças, mas nenhum dos dois mexia um músculo. A bolha de néctar reluzente de Annabeth também havia sumido.

Algo estava errado.

Queria gritar para ela, romper o transe esquisito em que ela estava, mas minha voz não cooperou. O silêncio tenso me deixou com medo de gritar ou atrair atenção.

Sei que algo estava se reajustando no meu cérebro, mudando o jeito como eu percebia o tempo. Na última vez em que havia tido essa sensação... estava com doze anos, parado em uma praia em Santa Monica, e testemunhei pela primeira vez o poder de Cronos.

— É parecido, sim — disse uma voz atrás de mim.

Eu me virei, levando a mão à caneta-espada, mas tive a sensação de estar me mexendo dentro de um monte de gelatina. Parado no brinquedo, havia um homem velho... ou melhor, como um homem velho seria se tivesse nascido velho e vivido mais mil anos.

Era pequeno como uma criancinha de seis ou sete anos, com as costas curvadas no formato de um anzol. A pele pendia dos ossos em dobras marrons flácidas, como cortinas comidas por traças. Ele não usava nada além de uma tanga, o que oferecia uma vista e tanto das pernas finas e arqueadas, dos pés retorcidos e da barriga côncava. A cabeça lembrava um ovo cozido que tinha ficado apodrecendo por uma semana. E o rosto...

O nariz grande era cheio de capilares vermelhos... a cor mais vibrante no corpo todo. Os olhos estavam leitosos de catarata. A boca parecia que alguém tinha batido em todos os dentes com um cano de metal.

— Vai ficar me encarando, é? — resmungou o velho.

Tentei falar. O ar gelatinoso parecia cobrir meus pulmões, dificultando a respiração. Tirei os lenços de papel do nariz para não sufocar.

— Como assim? — falei, gemendo.

O velho revirou os olhos.

— Como assim que é falta de educação ficar encaran...

— Não essa parte. O que você quis dizer com *É parecido*?

— Meu poder. É parecido com o jeito como Cronos prolonga o tempo.

— Como você...

— ... sabia o que você estava pensando? Meu filho, quando você chega à minha idade, nada surpreende. Além do mais, eu sei quem você é, Percy Jackson. Ando de olho em você.

Os fios da minha nuca se eriçaram. Um cara velho de fralda estava de olho em mim. Isso nem era sinistro, nem um pouco.

— Estou supondo que você seja o Gary.

— Ou Geras, se preferir. — Ele ergueu a mão murcha para impedir as perguntas seguintes. — E, sim, eu sou um deus. Vou dar uma dica de que deus eu sou. Do meu nome, veio a palavra *geriatria*.

Minha mente disparou com todos os tipos de possiblidades horrendas. Eu estava encarando o deus dos produtos de incontinência entre adultos, bingos, fixador de dentadura, suplementos de fibras... ou talvez de gritar com crianças malucas para saírem do gramado dele. Aí meu cérebro abalado juntou todas as coisas em uma categoria mais abrangente.

— Ah. Deus da velhice?

— Bingo. — Gary mostrou as gengivas banguelas. — Agora talvez você entenda por que roubei a mamadeira do Ganimedes.

Ele estendeu a mão. Em um clarão, um recipiente de cerâmica apareceu flutuando acima da palma dele, só que parecia mais um disco voador do que um copo. A tigela era larga e rasa, com duas alças enormes. Eu tinha quase certeza de que minha mãe tinha uma saladeira igual. A parte externa brilhava com cenas em preto e branco dos deuses em um banquete, as silhuetas delineadas em fios de

bronze celestial. Era uma peça de cerâmica linda, mas eu não sabia como alguém podia servir néctar nela.

— O cálice dos deuses — adivinhei.

Queria acrescentar que *óbvio* que entendia por que Gary o tinha roubado. Infelizmente, não era o caso.

— Então... como você já é imortal, o cálice deixaria você mais jovem? Ou é seu sonho de vida servir bebidas?

— Ah, que decepcionante... — Gary fechou a mão e o cálice desapareceu. — Talvez eu devesse ter começado com Annabeth Chase. Soube que ela é inteligente.

É, não dava para ficar zangado. Se estivéssemos procurando alguém que pudesse adivinhar meu plano diabólico para eu não precisar fazer o monólogo típico do vilão, eu também teria começado com Annabeth. Por outro lado...

— Espera aí. *Você* nos separou com as gotas de néctar.

Olhei para o outro lado do parque. Minha namorada ainda estava assistindo à partida de xadrez, e Grover, ouvindo uma árvore. Não pareciam estar em perigo imediato, mas se mexiam em câmera superlenta, como moscas em seiva que estava endurecendo rápido para virar âmbar.

— O que você está fazendo com a gente? Abordando um a um? Está com medo de encarar todos de uma vez?

Gary deu uma risada debochada.

— Eu poderia transformar vocês três em pó de tumba com um estalo dos dedos. Em geral, eu faria isso mesmo, porque estão tentando acabar com minha diversão. Mas, como Ganimedes mandou *Percy Jackson* atrás de mim... bom, eu pensei que podia lhe dar uma chance. Eu esperava que você, dentre *todos* os semideuses, fosse entender por que peguei o cálice. Mas, se não entende, posso apenas desintegrá-lo agora e depois finalizar com seus amigos. Talvez eles se saiam melhor.

— Não! — gritei, não só porque eu não queria virar pó de tumba, mas porque não podia deixar que ele fizesse mal a Annabeth e Grover. — Eu entendo. De verdade.

Gary estreitou os olhos.

— Não acredito em você.

Eu também não acreditava em mim. Que velho inteligente do caramba.

Tentei imaginar o que Annabeth faria. O que Grover faria. E aí, como meu cérebro era esquisito, eu me perguntei o que *eu* faria na situação na qual me

encontrava.

Algo naquela minha massa de alga cerebral deve ter dado um clique, ou esguichado, ou pelo menos flutuado um pouco na água.

— Você é o deus da velhice. E o copo deixa os mortais imortais.

Gary abriu um sorrisinho, assentindo para que eu continuasse.

— O que impede as pessoas de envelhecerem. E você não gosta disso.

— Eu *odeio* isso — acrescentou Gary, com um rosnado.

— Certo. Porque as pessoas precisam envelhecer. Não serem promovidas à divindade como... — Pensei em Ganimedes, todo jovem e lindo e andando com infelicidade pelo refeitório da minha escola, enchendo os copos das pessoas. — Você quer humilhar Ganimedes para dar um exemplo. Você achou que eu entenderia porque já recusei a imortalidade.

Gary fez uma pequena reverência, exibindo as manchas escuras no crânio.

— Talvez você não seja um completo idiota, afinal.

— Obrigado. Minha meta para essa semana era não ser um completo idiota.

— Ganimedes não tem nada que ser um deus! Qualquer objeto que conceda a imortalidade a humanos é odioso e injusto. Vocês foram feitos para murchar, morrer e voltar ao pó. Esse é seu propósito!

— Viva o propósito.

— Você foi o primeiro semideus em milênios a recusar a imortalidade. Eu respeito isso. Você me entende.

— Esse negócio de a gente se entender está sendo uma experiência legal — comentei. — Acho que você provou seu ponto. Pode me devolver o copo agora?

Gary amarrou a cara.

— Você não pode estar falando sério. Por que completaria essa missão tola? Vá embora! Deixe Ganimedes ser punido! Deixe que os deuses percam o calicezinho precioso deles para terem um jeito a menos de passar a maldição da imortalidade para os outros!

— Eu até faria isso... só que preciso de uma carta de recomendação para a faculdade. E prometi a Ganimedes. Além do mais, você acha mesmo que ele é quem tem que ser punido? Ele não pediu para ser sequestrado por Zeus, né?

— Ah, por favor! Você acha que juventude eterna e mortalidade tornam Ganimedes a vítima aqui?

— Olha... Você já viu o sujeito? Ele está uma pilha de nervos.

Gary cruzou os braços enrugados.

— Estou decepcionado, Percy Jackson. Se insiste em ajudá-lo, talvez eu tenha me enganado sobre você. Vai ter que virar pó de tumba.

— Espera! — gritei, em um tom estridente. Às vezes, quando estou em risco iminente de perigo, minha voz de Mickey Mouse vem à tona. — Olha, eu entendo por que você está com raiva. Mas, como concordamos com essa coisa toda de *mortais não deveriam ser deuses*, não tem como a gente chegar a um acordo?

Gary me observou. As manchas leitosas se moveram pelos olhos dele como nuvens em um planeta alienígena.

— Talvez... — O tom malicioso me fez lamentar ter perguntado aquilo. — Que tal eu lhe dar uma chance de ganhar o copo? Você deveria se sentir honrado, Percy Jackson. Na história da humanidade, só fiz essa proposta para um *outro* herói.

— Hércules — adivinhei, porque a resposta é quase sempre Hércules.

Gary assentiu.

— Você precisa me vencer numa luta livre. Se *você* vencer, eu entrego o cálice. Se eu vencer... você vai cumprir seu propósito mais rápido que o esperado, e eu vou transformar você em uma pilha de ossos em pó. Estamos combinados?

VINTE E SEIS

EU NEGOCIO OS TERMOS DA MINHA DESINTEGRAÇÃO

No ramo dos semideuses, nós chamamos isso de *pergunta capciosa*.

Se eu recusasse, seria reduzido a pó. Se concordasse, teria que lutar com um velho. *Aí* seria reduzido a pó...

Ao olhar para Gary, tive dificuldade de focar... e não só por causa da tanga imunda e da boca banguela. A presença dele fazia com que eu me sentisse claustrofóbico no meu próprio corpo. O sangue rugiu nos ouvidos. As mãos ficaram suadas. Tive que lutar com uma sensação de pânico, como se minha pele já tivesse começado a desmoronar.

Entendi por que até deusas como Íris podiam ter medo daquele cara. A imortalidade era uma coisa. Ser velho para sempre... era bem diferente. Outros deuses preferiam parecer jovens e bonitos. Gary fazia questão de exibir a velhice, cada milênio. Eu imaginava que, quando os olimpianos o olhavam, percebiam o quanto eram de fato velhos. Ele parecia o quadro daquela história do cara que nunca envelhece, mas o retrato, sim. Earl Grey? Não. Isso é um chá. Não lembro o nome, mas aquela história me apavorou.

Nada disso me ajudou a chegar a uma conclusão. Gary me encarava com expectativa, então recorri ao último recurso dos semideuses: a procrastinação.

— Eu tenho condições — falei.

O deus inclinou a cabeça enrugada.

— Condições médicas?

— Não. Condições para lutar com você. Primeiro, se eu perder, você só mata a mim. Deixa meus amigos em paz.

— A velhice nunca deixa ninguém em paz.

— Você entendeu. Você não os transforma em pó *agora*. Deixa os dois virarem pó *aos poucos*.

— Aceitável.

— Além disso... — Hesitei. Vamos lá, Percy. Tem que ter um *além disso*. — Quando você diz que eu tenho que derrotar você, como seria isso? Você é um deus. Eu não posso te matar.

— É evidente, jovem tolo — disse Gary, debochado. — Se você conseguir dobrar um dos meus joelhos até o chão, vou considerar uma derrota. Eu, por outro lado, vou vencer quando encostar sua cara no chão. É mais do que justo.

— Essa foi a primeira palavra que surgiu na minha mente. *Justo*.

— Mais alguma coisa?

— Sim.

Eu quebrei a cabeça, me perguntando que outras exigências deveria fazer. Água mineral? Uma tigela só com M&M's azuis no meu camarim? Eu precisava de Annabeth para me ajudar a pensar.

Ah. Certo. Havia uma coisa que eu podia pedir.

— Deixa meus amigos em paz — falei para Gary.

— Você já pediu isso.

— Não. Deixa meus amigos em paz agora.

Indiquei Annabeth, que ainda estava congelada no jogo de xadrez.

— Eu só os desacelerei. A velhice faz isso com todo mundo.

— Eu quero os dois aqui. Para me despedir, no mínimo. O que quer que aconteça comigo, quero que eles vejam.

— Isso não é um esporte de espectadores — reclamou ele, e foi a primeira vez que alguém disse isso sobre luta livre.

— Você quer lutar comigo ou não?

Senti que podia correr o risco de falar isso porque o brilho nos olhos de Gary me dizia que ele estava ávido para arrastar meu rosto no chão. Não era o primeiro a alimentar esse desejo.

— Tudo bem — resmungou.

Ele estalou os dedos ossudos. Annabeth e Grover descongelaram. Os dois se viraram na minha direção, tiraram as presas de lenço mentolado superatraentes das narinas e correram em direção ao parquinho.

Quando Annabeth nos alcançou, já tinha puxado a faca. Grover segurava um mochi de gengibre preto como se fosse uma shuriken.

— O que está acontecendo? — perguntou meu amigo, erguendo o doce como se estivesse pronto para virar um assassino do donut.

Annabeth avaliou Gary e soltou um palavrão baixinho.

— Geras, suponho? Eu deveria ter percebido que estávamos lutando contra a Velhice.

O deus riu.

— E eu deveria ter falado com você primeiro, mocinha. Dá para ver que você é o cérebro por trás dessa operação.

— Está tranquilo — falei para meus amigos. — A gente fez um acordo.

Annabeth fuzilou o deus com o olhar.

— Me deixa adivinhar: luta livre? Com licença. Preciso dar uma palavrinha com meu cliente.

Ela segurou meu braço e me arrastou para a outra ponta do parquinho. Atrás de nós, ouvi Gary perguntar a Grover:

— Você vai comer isso?

Annabeth segurou meus ombros.

— Percy, você não pode fazer isso.

— Ei, não é algo que eu *queira* fazer.

— Você não tem como vencê-lo.

Queria argumentar que era nossa única opção. Era bem melhor do que nós três virarmos sujeira de tumba. Mas, pela expressão de Annabeth, percebi que ela já tinha avaliado a situação de todos os ângulos. Estava bem à frente, como sempre.

— Hércules lutou com a Velhice e ficou num impasse — explicou ela. — Foi a *única* vez que Geras foi obrigado a declarar empate. Vencê-lo é impossível.

— Qual foi o segredo de Hércules?

— Não teve segredo. Só força bruta.

Massageei o bíceps e tentei não me sentir ofendido. Eu não era tão fraco assim, mas superforça não estava na minha lista de poderes. O que eu tinha era: *respirar embaixo d'água* e *falar com cavalos*, que não eram tão úteis em uma briga de parquinho no Greenwich Village.

— Tem que ter outro jeito. Sua mãe me disse uma vez na Barragem de Hoover que tem sempre uma saída... — falei.

— Para os que são espertos o bastante para encontrá-la. É, eu sei. Mas isso... Geras é uma força da natureza. Ele é implacável. Não tem como você lutar contra a Velhice.

A não ser que você seja imortal, pensei.

Mas era por isso mesmo que Geras tinha roubado o cálice. O objeto permitia que se burlasse o sistema. E ele não estava errado sobre a imortalidade ser uma maldição. Os deuses eram os seres mais problemáticos que eu já tinha conhecido. Haviam tido séculos para lidar com os próprios problemas. Mas não lidaram. Óbvio, trocavam de roupa e modernizavam seus estilos de vida de vez em quando, mas, no coração, ainda eram iguaizinhos a quem tinham sido na Idade do Bronze.

Senti um buraco na barriga... Eu não sabia se era desespero, desesperança ou o donut. Estava do lado errado da luta? Se fosse embora e deixasse Gary ficar com o cálice, Ganimedes talvez fosse humilhado e exilado do Olimpo. Isso seria tão ruim? Os deuses seriam obrigados a servir as próprias bebidas. Teriam uma ferramenta a menos para criar novos imortais. Ganimedes poderia arrumar um emprego no Suco Gostoso. Talvez Gary até escrevesse uma carta de recomendação para mim, me elogiando por abraçar meu velho rabugento interior.

Mas Ganimedes tinha me escolhido para aquela missão. Deixando de lado o fato de que todos os deuses haviam me escolhido para todas as missões, eu me senti obrigado a cumprir minha promessa. Eu me lembrei do quanto o pobre copeiro pareceu nervoso no Suco Gostoso; o jeito como foi para debaixo da mesa quando achou que o smoothie sabor Águia Dourada de Zeus poderia surgir para pegá-lo.

É verdade, ele estava traumatizado e infeliz. Talvez se saísse melhor ao ser jogado de volta no mundo mortal. Mas ele não tinha me pedido para libertá-lo do Monte Olimpo. Tinha me pedido para recuperar o copo. Se eu escolhesse destruir a vida de Ganimedes para o bem dele, sem sua permissão, eu não era muito melhor que Zeus. Eu acreditava que todo mundo deveria ter o direito de estragar a própria vida sem a interferência de terceiros.

— Eu tenho que fazer isso. Acho que consigo dar um jeito... — falei para Annabeth.

Ela observou meu rosto, talvez se perguntando se, caso me desse umas pancadas com o cabo da adaga, eu ganharia bom senso, além dos hematomas. Por fim, suspirou.

— A decisão tem que ser sua. Só... não o subestime por causa da aparência, Percy.

Eu ficava inquieto quando ela me chamava de Percy em vez de Cabeça de Alga. Significava que tínhamos passado *muito* do ponto em que ela precisava criticar minha burrice.

Marchamos para a estrutura de brinquedo. Gary estava mastigando apenas com as gengivas um donut de cereal sabor artificial de frutas, e Grover o observava, horrorizado. Os confeitos coloridos em volta da boca do deus o faziam parecer mais velho ainda.

— Pronto para se despedir? — perguntou Gary.

Balancei a cabeça.

— Nada de despedidas ainda. Vamos confirmar as regras do confronto. Você e eu vamos lutar um contra um. Se você encostar meu rosto no chão, eu perco, viro pó, essas coisas. Se eu encostar um joelho seu no chão, você me dá o cálice e nos deixa em paz. Seja lá como for, quando isso acabar, meus amigos vão embora, livres.

— Esse é o acordo. Se bem que, como você vai perder, a maior parte das condições é... qual é a palavra? *Inútil.*

— Você que é inútil — resmunguei, afinal, essas respostas rápidas quase nunca ameaçavam minha integridade física.

— Ou... você pode trocar o cálice por esses donuts que sobraram. — Grover abanou a tampa da caixa, espalhando o cheiro de mochi na direção do deus. — Aí a gente pode cada um seguir caminho. Ainda tenho mais dois de gergelim preto e um de pistache.

Gary pareceu considerar a oferta. A meu ver, mochi donuts estariam bem perto de cálices mágicos em qualquer sistema de troca pós-apocalíptico. Acho que talvez Grover houvesse tido uma boa ideia. Ele estava prestes a tornar minha vida bem mais fácil e também mais longa.

Mas Gary fez que não.

— Vamos seguir o acordo original.

— Tudo bem — murmurei. — Quando a gente começa?

Nem tive tempo de respirar. De repente, Gary estava nas minhas costas, com os braços como garras de aço nos meus ombros, as pernas envolvendo minha caixa torácica e as mãos afundando na minha pele como se eu fosse um cavalo que não

cooperava. Meus joelhos se dobraram. O cara pesava uma tonelada. Estendi as mãos e aparei a queda, o rosto a centímetros do asfalto.

O bafo azedo dele fez minha cabeça girar. Sua voz disse no meu ouvido:

— Ah, nós podemos começar a hora que você quiser.

VINTE E SETE

MINHAS PALAVRAS FINAIS SÃO SUPERCONSTRANGEDORAS

Senti saudade do passado, quando tive que lutar contra Ares, o deus da guerra, que me batia com a espada/bastão de beisebol enorme, soltava javalis selvagens gigantes para me pisotear e me encarava com aqueles olhos opacos.

Ah, bons tempos.

Porque agora eu estava preso em uma competição de luta livre até a morte com Gary, o deus de fralda da halitose.

E estava perdendo.

Tentei empurrá-lo, me forçar a ficar aprumado. Era como tentar se levantar em um túnel subterrâneo muito estreito. Eu me virei de lado, usando o peso dele para tirá-lo das costas. Engatinhei para longe, arfando para respirar, e quase não tive tempo de me levantar, porque ele avançou em mim de novo e passou o braço pelo meu pescoço. Gary me puxou em um mata-leão de lado, forçando meu rosto perigosamente perto do seu sovaco. Desejei do fundo do coração não ter tirado os lenços de papel mentolados das narinas.

— Ah, não. — Gary gargalhou. — Você não pode fugir da Velhice.

— Tecnicamente, não é verdade! Exercícios como corrida podem acrescentar anos à sua vida! — gritou Grover.

Gary rosnou.

— Cala a boca, sátiro. Sem interferências!

— Não é interferência. É comentário! Todas as lutas livres têm comentários — opinou Annabeth.

A distração me fez ganhar alguns segundos, que eu gostaria de dizer que usei para formular um plano de mestre. Mas meu raciocínio foi: *Ah, deuses, eu vou morrer socorro ai sovaco sovaco.*

Isso não entra na categoria *plano de mestre, acho*.

Tentei me arrastar para o lado. Gary me segurou com força. Investi para a frente com todo o meu peso e me curvei para trás, na esperança de desequilibrá-lo. Apesar de aquele cara ter metade do meu tamanho, ele nem se mexeu.

— Vai a algum lugar? — perguntou ele.

Com a mão livre, o deus deu um soco nas minhas costelas. O som que saiu da minha garganta teria alertado qualquer morsa a um raio de três quilômetros de que eu estava à procura de companhia.

— Falta! Penalidade máxima! — gritou Grover.

— Nada de golpes corporais! Isso não é luta livre! — concordou Annabeth.

— Calem a boca! — reclamou Gary.

Aproveitei que a atenção dele estava dividida para me soltar do mata-leão. Passei os braços em volta do peito dele e apertei com toda a força. Puxei e empurrei, mas não conseguia fazer o sujeito se mexer.

Ele riu.

— Se divertindo?

Não tive energia para responder. Pelo menos, o deus ainda não estava espremendo meu rosto contra o chão. Enquanto eu o divertisse, ele parecia satisfeito em me deixar fazer papel de bobo. Ainda bem que isso estava, *sim*, na minha lista de superpoderes.

Tinha que haver um truque para vencer aquele cara... algo sem ser superforça, que era um poder ridículo que só o ridículo do Hércules tinha, e ele era ridículo. Talvez Gary tivesse um botão de desligar. Talvez tivesse medo de algo que eu pudesse usar contra ele...

O que lutava contra a velhice? Antioxidantes. Palavras cruzadas. Suplementos de fibras. Percebi que estava delirando por conta da dor e dos fedores do meu oponente. Meu professor Quíron uma vez me contou que, em uma situação de ameaça de vida, a coisa mais importante é ficar calmo. Quando se entra em modo de luta ou fuga, você fica com medo demais para pensar direito, o que pode acabar matando você.

Para meu azar, eu não estava calmo. Não podia lutar nem fugir. E estava sem suplementos de fibras.

Tentei usar minha carta na manga. Conjurei a raiva, canalizei-a para a boca do estômago e chamei o poder ilimitado do mar. Estávamos em Manhattan, pouco acima do nível do mar, ladeados de rios grandes e pertinho do Atlântico. Eu podia muito bem invocar o poder do meu pai, conjurar aquela grande força para lutar por mim.

Soltei um grito primitivo.

No meio do parque Washington Square, uma única tampa de bueiro disparou no ar. Um gêiser molhou as copas das árvores até perder a força.

— Que impressionante. Agora, vamos terminar isto? — perguntou Gary.

Ele me soltou do peito dele como se eu fosse uma pulga e me jogou do outro lado do parquinho.

— Percy! — gritou Annabeth.

O tom de preocupação dela foi a única coisa que me salvou. Quanto eu estava voando pelo ar, a voz de Annabeth eletrificou todas as moléculas do meu corpo. Meus sentidos ficaram mais aguçados. Em vez de bater na estrutura de brinquedo, girei no ar, segurei uma das barras, me virei e caí de pé. Meus ombros latejaram. Talvez eu tivesse deslocado os ombros, mas não tinha quebrado a coluna nem, sabe como é, morrido.

Cambaleei para a frente. Pontos de luz dançaram na minha visão.

Gary olhou de cara feia para Annabeth e Grover.

— Se algum de vocês interferir de novo, vou declarar esta luta anulada e inválida. Vou transformar vocês três em cascas ressecadas!

Annabeth se agachou, com a adaga na mão. Grover segurou o braço dela para tentar evitar que minha namorada pulasse na briga. Não que ela pudesse machucar a Velhice com uma faca, mas isso não a impediria de tentar.

Por mais que eu apreciasse o gesto, não podia deixar que ela corresse o risco.

— Aqui, velhote! — gritei. — Eu sou seu oponente, não ela.

Gary se virou e estreitou os olhos.

— É mesmo.

E atacou.

Bom... eu digo *atacou*, mas estava mais para uma andada determinada.

Tive tempo de pensar: *Um plano cairia muito bem agora.*

O deus me alcançou. Ele me agarrou e me empurrou para trás contra um poste de espirobol. Minha coluna estalou, mas o poste me manteve de pé e até me deu certo apoio.

Fechei as mãos no bíceps de Gary. Meus braços reclamaram. Minha visão se dissolveu em brilhos estroboscópicos pretos e brancos. Consegui empurrar Gary um passo, depois dois. Estava movido não por força, mas por desespero... e todo o meu esforço não surtiu muito efeito.

Gary fechou os dedos ossudos nos meus ombros. Aviso logo: ombros têm muitas terminações nervosas. Gary encontrou todas. Gritei quando ele me pressionou contra o poste. O metal começou a se curvar.

— Você já durou mais do que a maioria. Foi uma boa tentativa — admitiu o idoso.

Uma boa tentativa, pensei, minha mente se perdendo em dor.

Incrível. Eu não podia vencer, mas pelo menos receberia um prêmio de participação da Velhice. Depois que eu me dissolvesse em pó, Annabeth poderia emoldurar o certificado e guardá-lo no quarto do alojamento quando fosse para a Universidade Nova Roma sozinha.

Minhas pernas tremeram. Espremidos entre Gary e o poste, meus ossos torácicos pareciam uma caixa de ressonância de piano sofrendo pressão demais, prestes a quebrar e implodir.

Pensei o quanto Annabeth sofreria por minha causa. Eu tinha prometido que nunca mais iria embora. Quando nós deixássemos essa vida, eu queria que estivéssemos juntos, muitos anos no futuro, quando estivéssemos velhos e grisalhos...

Espera aí.

Senti certa força voltar às minhas pernas. Ainda havia a dor, mas eu estava sendo esmagado de forma um pouco mais devagar?

Então me lembrei de uma coisa que meu amigo Jason tinha me dito uma vez. Em um momento de crise, ele havia tido um sonho em que estava velho, casado com sua namorada, Piper, com vários netos correndo de um lado para o outro. Não tinha encarado o sonho como um vislumbre certeiro do futuro. Quando se trata de vidas mortais, as Parcas nunca oferecem garantia ou seu dinheiro de volta. Mas ele me contou que a questão não era essa. A questão era que, quando ele mais tinha precisado, aquela visão o fez sentir que havia um caminho a ser trilhado, algo pelo que viver e lutar.

Afundei os dedos com mais força nos braços de Gary, que grunhiu de surpresa.

Pensei em uma conversa que havia tido com Paul alguns meses antes. Eu tinha zombado do fato de ele estar ficando mais grisalho a cada ano. O namorado da minha mãe respondeu: "Olha, envelhecer é um saco, mas é melhor que a alternativa". Não entendi na hora. As únicas opções eram mesmo morrer ou envelhecer?

Quando se é um semideus, você se preocupa muito em sobreviver. Quase não pensa na velhice. Eu estava tão concentrado em me formar do ensino médio, me tornar adulto... mas talvez esse não fosse o objetivo final. Ficar velho podia ser assustador e difícil. Envolvia coisas nas quais eu não queria pensar, como artrite e varizes e aparelho de surdez. Mas, se você envelhecesse com pessoas que amava, não era melhor que qualquer alternativa?

Olhei para Annabeth e Grover. Tínhamos passado por muita coisa juntos. Imaginei minha namorada com cabelo grisalho e rugas, rindo e me chamando de Cabeça de Alga pela quarta milionésima vez na vida. Imaginei meu melhor amigo com tufos de pelo branco saindo das orelhas, as costas curvadas, e ele apoiado em uma bengala, balindo e reclamando dos cascos doloridos, depois talvez cochilando em um banco no nosso jardim litorâneo comigo sentado ao lado, descansando meus ossos doloridos ao observar as ondas e sentir o cheiro de maresia. Eu com os ossos doloridos não era difícil de imaginar. Na verdade, o *resto* também não era difícil de imaginar.

Gary esperava que eu lutasse contra ele. E, a menos que eu morresse jovem, não podia vencer a Velhice. Mas e se eu a abraçasse?

Era uma ideia ridícula. Parar de lutar e dar um abração no Gary Geriátrico?

Meus joelhos ficaram bambos de novo. Eu tinha, na melhor das hipóteses, um segundo até que ele me esmagasse contra o poste de espirobol.

Afrouxei o aperto e passei os braços em volta do deus.

E falei o que eu tinha certeza de que entraria para a história como as últimas palavras mais burras do mundo:

— Eu te amo, cara.

VINTE E OITO

COMEÇAM A CHOVER BRINQUEDOS

Gary ficou paralisado.

Eu o abracei com tanta força que ele soluçou.

— O que está acontecendo? — A voz dele tremeu quando o deus afrouxou o aperto nos meus ombros.

Ficou tão surpreso que eu provavelmente poderia tê-lo empurrado para que ficasse apoiado em um joelho, mas sabia que aquela seria a decisão errada. Apenas continuei abraçando-o.

Não conheci meus avós mortais. (Imagino que, tecnicamente, Cronos era meu avô deus, mas tentava não pensar no assunto.)

Então, naquele momento, imaginei como teria sido conhecer os pais da minha mãe. Os dois haviam morrido quando ela era muito nova. Na verdade, quando faleceram, eram mais jovens do que minha mãe é agora. Isso me deixou meio atônito. Será que riam com a mesma alegria da minha mãe? Ela tinha herdado o amor por cozinhar ou por escrever de algum deles? Será que os dois cantarolavam ao andarem na chuva sem guarda-chuva, ou isso era coisa só da Sally? Se não tivessem partido tão jovens, teriam podido apoiar minha mãe nos anos mais difíceis. Poderiam ter me conhecido.

Talvez Geras não fosse tão ruim, apesar das escolhas questionáveis de vestimenta de tanga.

Imaginei que estava abraçando meus avós e também a ideia de envelhecer e olhar para o passado, para uma vida ótima, e pensar: *Bom, a gente conseguiu. É verdade, vamos morrer um dia, talvez em breve, mas nossa vida foi bem boa, né?*

Eu me imaginei de mãos dadas com Annabeth, nós dois com a pele enrugada e frágeis, mas ainda olhando nos olhos dela e a amando como sempre. Eu me imaginei bagunçando o cabeço grisalho de um Grover adormecido em um banco de jardim e dizendo: "Acorda aí, Big G. A comida está pronta!". Eu nos imaginei sentados em volta de uma mesa juntos, fazendo uma boa refeição e rindo de todas as coisas malucas que havíamos feito na vida. Inclusive a vez em que lutei contra o deus da velhice no parque Washington Square.

Ignorei o cheiro bolorento de Gary, a pele flácida, as manchas senis e os pelos estranhos, e o abracei como se fosse um velho amigo. Um amigo *muito* velho e que já tinha passado da data de validade.

Era melhor que a alternativa.

Viver intensamente, morrer jovem e deixar um cadáver bonito é uma filosofia que soa legal... até ser sobre *seu* cadáver que as pessoas estão falando. Gary me empurrou contra o poste de espirobol uma última vez, mas acho que não com muito entusiasmo.

Ele relaxou, deu um tapinha nas minhas costas e apoiou a cabeça no meu ombro. Começou a tremer. Ouvi uma única fungada. Será que o deus estava chorando? Será que estava... esfregando catarro divino no meu ombro?

Eu não sabia. Mesmo assim, não o afastei.

Olhei para Annabeth e Grover. O sátiro estava perplexo, mas a Sabidinha tinha aberto um sorriso. Lógico que ela tinha entendido o que eu estava fazendo. Minha namorada é rápida em reconhecer uma boa estratégia. E aquele brilho de admiração nos olhos dela era o melhor que eu podia imaginar. Significava que estava orgulhosa de mim.

Por fim, Gary se soltou. Ele se afastou e me avaliou de novo. Seus olhos estavam tomados de lágrimas marrom-avermelhadas. A mandíbula tremia. Eu não sabia se o deus queria me bater ou me abraçar de novo.

— Por quê? — perguntou ele.

— Entendi que ficaria lutando com você a vida toda. E, por mim, tudo bem. Eu só queria que você soubesse. — Inspirei, trêmulo. — Mas, se você acha mesmo que o fim da minha vida deveria ser agora, a gente pode continuar se batendo no parquinho.

Gary grunhiu. A expressão dele foi uma mistura de surpresa, irritação e talvez um pouco de respeito.

— Para ser mais exato, *eu* estava batendo em você. *Eu* estava vencendo — argumentou ele.

Não respondi. Não me pareceu a opção mais inteligente.

— A Velhice *nunca* é abraçada — murmurou ele. — Sabe qual foi a última vez que eu ganhei um abraço?

Ele estudou o céu, como se tentando lembrar. A expressão triste me remeteu às pessoas velhas que eu tinha visto em asilos, olhando ao longe, tentando entender onde a vida delas tinha ido parar, onde seus entes queridos estavam, como tinham ficado tão sozinhas.

— E agora? — perguntei.

Ele franziu a testa.

— A Velhice é paciente. Eu odeio isso em mim, mas quase nunca me apresso para acabar com a vida de alguém. E você tem razão... terminar sua vida agora, aos dezesseis anos...

— Dezessete — corrigi.

Grover pigarreou. *Cala a boca!*

— Dezessete — repetiu Gary. O número pareceu amargo na boca dele. — Não. Não está certo. Não é sua hora.

Ele inclinou a cabeça, as manchas senis banhadas pelo sol da manhã.

— Você não vai beber do cálice, né?

— Não — respondi. — Eu queria viver minha vida toda, sabe? Até as coisas difíceis. Além do mais, eu vi o que acontece com as pessoas que são transformadas em deuses.

Pensei no pobre Ganimedes, congelado como um lindo adolescente, mas cheio de ansiedade, inseguranças e medos para sempre. Não, obrigado.

— Interessante. — Gary observou meus amigos e se virou para mim. — Estou ansioso para lutar com você por muitos anos futuros, Percy Jackson. Não pense que vou pegar leve só porque você me impressionou agora.

— Vou continuar me exercitando. Vou fazer palavras cruzadas — prometi.

Gary bufou.

— A gente estava tendo um momento legal. Não estraga.

Ele estalou os dedos, e o cálice dos deuses apareceu, flutuando e cintilando no ar. Só faltava um coral angelical para completar o efeito.

— Pega. Acho que é melhor que fique no Monte Olimpo, entre os idiotas que já deram as costas para a Velhice. Você me dá esperanças, Percy Jackson, de que nem todo mundo é como eles. — Gary fungou, e então resmungou: — Palavras cruzadas...

Ele sumiu em uma nuvem cinzenta de talco.

Consegui segurar o cálice antes que caísse no chão. Era tão pesado quanto uma bola de boliche, o que não ajudou muito meus braços doloridos.

— Ai — falei.

— Você conseguiu! — Grover fez uma dancinha de bode de alívio. — Um abraço? Isso foi *muito* arriscado!

— Foi perfeito — disse Annabeth, depois se aproximou e me beijou. — Quer saber? Acho que você vai ser um velho bonitão. Espero que um dia eu tenha a oportunidade de descobrir. Mas estou feliz de não ser hoje.

Sorri. O cheiro de Gary ainda estava na minha roupa. Eu estava cansado e dolorido e com a sensação de ter envelhecido algumas décadas. Mas aquelas imagens mentais não me abandonaram — as imagens de envelhecer com as pessoas que eu amava, com meus melhores amigos. E aquilo me fez sentir como se pudesse lidar com as dores e os sofrimentos da vida. Talvez a troca valesse a pena.

— Será que dá para mandar uma mensagem de Íris para o Ganimedes? — Ergui o cálice. — Não quero guardar isto no meu armário até domingo.

Annabeth pareceu prestes a dizer algo, mas aí um bambolê caiu do céu.

Era rosa com listras azuis, cheio de purpurina. Bateu no chão com um ruído seco e alegre, quicou seis metros no ar, caiu de novo e rolou pelo parquinho, parando como uma moeda que foi girada.

Mesmo em uma manhã esquisita, aquilo foi esquisito.

— Hum — falei.

Annabeth foi até o bambolê e o empurrou com o pé. Como não explodiu nem virou monstro, ela o pegou. Olhou para as nuvens, mas nenhum outro objeto caiu do céu.

— Isto é um símbolo de Ganimedes — explicou ela.

— O bambolê? — perguntou Grover.

— Bom... o aro. É um brinquedo de criança há milhares de anos. É um símbolo da eterna juventude dele.

Estremeci.

— É, isso não torna o fato de Zeus ter sequestrado o coitado nem um pouco menos sinistro. E o que você acha? Que Ganimedes jogou o bambolê do Monte Olimpo?

Como nos tempos atuais o Monte Olimpo ficava em cima do Edifício Empire State, não era uma ideia tão sem-noção. Um bom arremesso divino alcançaria o parque Washington Square sem problemas. Mas por quê?

Annabeth examinou o bambolê com mais atenção.

— Espera.

Ela encontrou um pedaço de papel enrolado em uma parte do aro. Eu tinha suposto que fosse um rótulo, mas Annabeth o desenrolou e começou a ler.

— É um pedido de socorro. Ganimedes falou que está preso no Olimpo e que precisa do copo agora mesmo. Ele falou que...

Ela fez uma cara de desespero e acrescentou:

— Ah, deuses. Zeus não vai esperar o domingo para fazer o banquete.

Engoli em seco, lembrando o que Ganimedes tinha dito sobre Zeus ser imprevisível.

— Então... vai ser hoje à noite?

— Pior ainda. Zeus vai receber a mãe para um encontro familiar agora. Vai ser um brunch.

VINTE E NOVE

EU HESITO NO PRECIPÍCIO DO MONTE BRUNCH

Tem algo mais apavorante do que um brunch?

É uma abominação entre as refeições, um Frankenstein de opções de comidas conflitantes. Evoca pesadelos de bandas de soft jazz, crianças com roupas que pinicam, senhoras de chapéus estranhos, manchas de batom em taças de champanhe e cheiro de *croque monsieur*. Desculpa. Eu não como nada cujo nome pode ser traduzido como *Senhor Crocante*.

Até a palavra *brunch* me dá arrepios. (Viu, quase falei que me deixa de cabelo branco, mas não se fala mais assim nesta casa.) Brunch é o termo *menos* elegante para uma coisa que deveria ser elegante. É como dizer *Vamos nos arrumar para dar um tchibum*. Para quê?

Mas agora eu tinha encontrado algo ainda pior que um brunch mortal: um brunch dos deuses. Em uma segunda-feira de manhã, ainda por cima. E na hora do café da manhã mesmo, mas, ah, não, eles tinham que fazer um brunch.

Além do mais, Zeus ia receber a *mãe*? Eu não conhecia Reia, a rainha titã, e não estava curioso para descobrir o que seria servido a ela na refeição matinal especial. Bem provável que fosse torrada de semideus pochê com mimosa de lágrimas de semideus.

Ergui o cálice.

— A gente não pode mandar isso pelo Expresso de Hermes?

Annabeth fez uma cara de desaprovação.

— Percy...

— Eles não oferecem entrega em até uma hora em Manhattan?

— Ganimedes precisa do cálice *agora*. E *você* tem que levar para ele. É...

— Meu trabalho — disse, com um suspiro.

Estava familiarizado com as regras de completar missões, que incluía entrega com luvas brancas pelo semideus encarregado. Estava parecendo cada vez mais improvável que eu chegasse à escola a tempo para minha prova no primeiro tempo.

— Tudo bem. Alguma sugestão de como posso entrar no Olimpo e me infiltrar em um brunch divino?

— Hã, olha só. — Grover me encarou como se o que fosse dizer pudesse ser dolorido para mim. — Eu talvez tenha uma ideia.

A parte fácil foi pegar um táxi. Em geral, eu não teria gastado esse dinheiro em táxi, mas depois que Grover e eu nos despedimos de Annabeth, me pareceu o jeito mais fácil de chegar ao Edifício Empire State, além de o mais rápido para me afastar da ira de Annabeth.

Com grande relutância, minha namorada havia me emprestado o boné dos Yankees. Ela *nunca* faz isso. O chapéu da invisibilidade era presente da mãe dela, e emprestá-lo não era algo que fizesse sem um bom motivo. Teria sido como eu deixar outro semideus usar a Contracorrente em uma luta. Não.

Mas, quando Grover alegou que era o único jeito, Annabeth entregou o boné. Ela me olhou de cara feia e disse:

— Você *vai* trazer de volta. Boa sorte. Não morra.

E saiu correndo para começar seu dia letivo, pois o campus ficava a poucos quarteirões dali.

No táxi, Grover bateu nervoso com os cascos no chão enquanto explicava o resto do plano. Eu não estava muito preocupado com a possibilidade de o motorista ouvir, afinal, estávamos em Nova York. Um plano para invadir o Monte Olimpo não era a coisa mais maluca que um taxista ouviria num dia qualquer. Além do mais, Grover tinha insistido em levar o bambolê no táxi com a gente, e eu estava com um cálice gigante no colo, então nós já éramos narradores que não inspiravam muita confiança.

— Uma ninfa de nuvens — falei, só para ter certeza de que tinha ouvido direito.

— É. — Ele olhou para trás de nós, embora, até onde eu conseguisse perceber, nós não estivéssemos sendo seguidos.

— É a mesma ninfa que deu informações sobre o parque Washington Square?

— Não, não. Mas as ninfas de nuvens, cara... elas são como secretárias de escola. Conhecem todo mundo e sabem de tudo. Essa, a Naomi... está saindo com o Maron

há dois meses. Trabalha na cozinha do palácio de Zeus. Se você conseguir chegar à entrada lateral, ela deve conseguir botar você para dentro.

Estremeci. Maron era um dos amigos Anciãos do Casco Fendido de Grover. Era um bodão legal, mas ficava só um pouco abaixo de Gary no espectro de velho esquisito. A ideia de ele ter um perfil para marcar encontros no Sátirer não era algo em que eu quisesse pensar.

Girei o chapéu de Annabeth entre as mãos.

— O boné da invisibilidade não vai enganar os deuses, né?

— Provavelmente não. Mas vai servir para enganar qualquer espírito ou deus menor que você encontre no caminho. Desde que não balance os braços e grite na cara deles, você deve ficar invisível. Mas os olimpianos? Você precisaria do Elmo das Trevas de Hades para isso. O melhor que o boné de Annabeth pode fazer é deixar você parecendo, sei lá, alguém insignificante?

— Perfeito — resmunguei. Não sabia como Grover sabia tanto sobre o boné da Annabeth, mas, como ele estava dando uma má notícia, achei que valia confiar no conhecimento do meu amigo. — Então eu vou para a porta lateral da cozinha do palácio o mais rápido possível.

— E faz a batida especial.

— Uma batidinha em dois tempos — falei. — É o tipo de batida que ninguém pensaria em usar.

— Quando Naomi abrir a porta, diz que Grover te mandou. E que você precisa da ajuda dela.

— Tudo bem...

Por que minhas mãos estavam tremendo? Ah, verdade, eu tinha acabado de ter uma luta livre contra a Velhice. Estava exausto. Além do mais, estava prestes a entrar em um palácio do Olimpo de fininho, sem ser convidado, onde vários deuses maiores eram fundadores do Clube de Ódio ao Percy Jackson.

— Então eu só tenho que pensar em como entregar o copo para o Ganimedes — continuei.

— Isso.

Paramos em frente ao Edifício Empire State. *Uau, foi rápido demais. Que pena.* Ao olhar para a entrada de mármore preto pela qual eu tinha passado muitas vezes, de repente percebi mais um obstáculo.

— E a sentinela na recepção? Ele não vai me deixar subir para o Olimpo sem me anunciar. O boné dos Yankees vai funcionar com ele?

— Nem um pouco. Você vai precisar de uma distração. É para isso que estou aqui.

Grover pagou o taxista e saiu com o bambolê. Saí atrás, com o cálice.

— Quando eu começar meu showzinho — continuou Grover —, você vai até os elevadores e aperta o botão do andar seiscentos. Vem!

Eu não sabia o que era o "showzinho" de Grover, mas nós éramos amigos havia tempo suficiente para eu achar que perceberia quando fosse a hora certa. Ele sabia ser uma boa distração quando queria... e eu era especialista em me distrair.

Coloquei o boné de Annabeth. Mesmo depois que o ajustei para o maior tamanho, não coube direito no meu cabeção, mas achei que ia funcionar. Olhei para meu corpo e vi um contorno fumacento difuso onde antes estava Percy Jackson. De repente, senti como se houvesse cupins cobrindo a pele. Nossa, eu tinha esquecido que o chapéu dela provocava um caso brabo de formigamento. Não me admirava que ela só usasse quando precisava. Típico de Atena fazer um presente mágico que faz a pessoa não querer usá-lo.

Lá dentro, o saguão estava quase vazio. Desde que tinham passado as filas de turistas para a entrada da Rua 34 alguns anos antes, a entrada da Quinta Avenida se tornara bem mais calma, e ainda estava cedo para toda a movimentação dos pedestres. Os guardas de sempre estavam na entrada. Alguns funcionários de escritórios se arrastavam até os elevadores, mas só isso.

As paredes de mármore preto eram para ser majestosas e grandiosas, mas sempre me lembravam demais o Monte Otris, quartel-general dos titãs. Tanta pedra escura me sufocou e pesou no meu peito como um abraço de Gary. Eu me perguntei se os olimpianos tinham projetado o saguão do prédio daquele jeito de propósito, para que, quando você chegasse ao seiscentésimo andar mágico e saísse nas nuvens, ficasse deslumbrado com as torres e os templos brilhantes do Olimpo. Parecia algo que Zeus faria. *Viu como somos mais bonitos? Então devemos ser os bonzinhos!*

À direita da mesa principal da recepção, a sentinela com quem eu tinha lidado antes estava sentada, lendo um livro, como sempre. A aparência do cara parecia nunca mudar, e ele sempre lia livros muito grossos. Para mim, eram duas indicações de que talvez não fosse humano.

O cordão com o cartão magnético estava pendurado no braço da cadeira. Eu sabia por experiências anteriores que precisaria dele para acessar o elevador divino especial, mas, mesmo estando invisível e com a distração de Grover, eu não tinha ideia de como poderia pegá-lo sem ser notado.

Grover foi para o meio do saguão e deu o showzinho dele.

Pegou a flauta de Pã, gritou "Ei, pessoal" e começou a girar o bambolê.

Eu sabia que sátiros eram capazes de escalar e dar cambalhotas. O que não sabia era que eram feras no bambolê. Grover sacudiu o popozão. O aro sagrado de Ganimedes se acendeu, brilhou e cintilou enquanto meu amigo o fazia subir e descer pelo corpo, girando-o em uma perna e depois na outra. Ele levou a flauta aos lábios e tocou o refrão de "Get Lucky".

Os seguranças normais ficaram de queixo caído. Uma pessoa deixou um copo de café inteiro tombar no chão. A sentinela botou o livro de lado e se levantou.

Foi só então que lembrei que eu deveria estar aproveitando a oportunidade para fazer algo que não era olhar para Grover.

A sentinela contornou a recepção dizendo para meu amigo:

— O senhor não pode tocar e dançar aqui.

Foi minha chance de me esgueirar pelos cantos do saguão, com o cálice embaixo de um braço como uma bola de futebol americano. Peguei o cartão e corri para os elevadores.

Apertei o botão de subir. Esperei uma eternidade, seguro de que a sentinela me perseguiria ou que alarmes disparariam e harpias malignas apareceriam para me arrastar para o calabouço. (O Edifício Empire State tem calabouço? Deve ter, né?)

Por fim, as portas pretas e prateadas se abriram. Entrei, inseri o cartão roubado e apertei o botão para o andar seiscentos. Subi ao som de "I Got You, Babe", que supostamente teria um efeito calmante.

Eu torcia para que Grover ficasse bem. Não sabia qual era a penalidade por tocar "Get Lucky" e rebolar em um bambolê no saguão do Edifício Empire State, mas devia ser severa. Annabeth e Grover tinham se esforçado ao máximo para me ajudar. Agora, era comigo. Eu não podia fracassar depois de tudo pelo que havíamos passado. Podia?

As portas se abriram com um *ding!* alegre que parecia dizer *Mas é* óbvio *que você ainda pode falhar! Tenha um bom-dia!*

Avancei pela ponte de pedra flutuante que conectava os elevadores à cidade do Olimpo. Ali estava, como eu lembrava: um topo de montanha cortado, envolto em nuvens, com palácios abobadados e jardins com terraços entalhados nas encostas íngremes; toda uma cidade sobrenatural flutuando sobre Nova York no melhor estilo *Não tem nada aqui, circulando*.

Senti o cálice se tornar mais pesado. Parecia me puxar para a frente, como se sentisse deuses sedentos que precisavam de bebida. Eu esperava não ter um momento Frodo, em que chegava à entrada do Monte Brunch com meu item mágico e, em vez de entregá-lo, ficasse visível, gritasse *Haha! O copo é meu!* e bebesse o refrigerante com sabor imortalidade.

É bem provável que Zeus me tornasse o deus menor dos canapés. Annabeth ficaria furiosa.

Eu me recusei a pensar nisso.

Em algum lugar abaixo, no mundo mortal, sinos de igreja badalavam para marcar as oito horas. Era um horário profanamente cedo para o brunch, então achei que devia ser por isso mesmo que os deuses o haviam escolhido. Eu tinha que me apressar. Corri, pulando as fendas na ponte de pedra e rezando para entregar o cálice a Ganimedes antes que Zeus pedisse uma rodada de mimosas com lágrimas de semideuses.

TRINTA

EU ME INFILTRO NA TOCA DO DEUS DO RAIO 3.000

Correr para o Monte Olimpo parecia algo descolado e heroico, até eu estar na metade do caminho e perceber que ainda faltavam quatrocentos metros segurando um cálice/bola de boliche. Quando cheguei ao outro lado da ponte, estava suando e arfando. Imaginei, em algum lugar, Gary rindo de mim e lembrando que, quando ele era criança, todos corriam descalços colina acima por oito quilômetros até o Olimpo, e gargalhando, ainda por cima.

Parei duas vezes para recuperar o fôlego, aguardando num canto enquanto um grupo de moradores do Olimpo passava. Não sabia o que eles eram: deuses menores? Espíritos da natureza? Mas não pareceram me notar. Só andavam com as vestes douradas brilhantes, rindo e conversando em grego antigo, praticamente com um filtro de câmera permanente de "beleza sobrenatural".

O boné de Annabeth devia estar funcionando. Eu estava invisível para o pessoal do Olimpo ou devia parecer desimportante demais para alguém me interpelar. Isso era bom, porque, quanto mais tempo eu usava o chapéu, pior era a sensação de coceira. Minha pele parecia estar virando torresmo. Eu me perguntei como Annabeth lidava com isso e se o Olimpo tinha farmácias que vendiam pomada de cortisona.

Pelo menos as ruas olimpianas não estavam movimentadas. Havia duas carruagens em uma fila para a janela do drive-thru do Sagitário Café. Uma coisa rinoceronte steampunk feita por Hefesto andava pela rua, lavando os paralelepípedos com jatos de pressão que saíam do focinho. No gazebo do parque, uma placa dizia MICROFONE ABERTO: POESIAS QUENTES COM ERATO! SÓ HOJE À NOITE! Mas, no

momento, os jardins se encontravam vazios exceto por alguns pombos. (Pois é, até o Monte Olimpo tem pombos.)

Segui as instruções de Grover até a entrada lateral do palácio de Zeus: virar à esquerda no carvalho branco grande, seguindo o canteiro de lírios até encontrar os dois choupos. Pegar a direita e procurar o muro de jasmim. Quando seu melhor amigo é um sátiro, você aprende muito sobre árvores e plantas. É assim que eles veem o mundo e é assim que dão instruções.

O cálice ajudou, pois me puxava com mais insistência conforme nos aproximávamos de Ganimedes. Pelo menos, eu torcia para que fosse para lá que ele estava me levando, e não para o refeitório de escola divina de ensino médio para que eu servisse bebidas para todos.

Acabei indo parar em um beco na base de um penhasco alto. Bem acima, havia os alicerces de um palácio branco enorme: Chez Zeus, supus. De fato, o muro à minha frente era coberto de jasmim em flor, exceto por uma portinha com desenhos chiques em bronze. Até os becos são de alto nível no Monte Olimpo.

Eu fiz a batidinha de dois tempos.

A porta se abriu devagar. A mulher que botou a cabeça na passagem tinha um penteado de funil que lembrava um tornado. Os olhos dela eram cinzentos e tempestuosos e o rosto, atemporal, com um cheiro que remetia a chuva iminente. Não daria para ficar mais óbvio que ela era uma ninfa de nuvens nem se usasse um crachá dizendo OI! EU SOU UMA NINFA DE NUVENS.

— Naomi? — adivinhei.

— Trouxe donuts? — perguntou ela.

— Ah, hã... não.

— Você está com cheiro de mochi donuts.

— É porque... Deixa pra lá. Eu sou amigo do Maron.

Ela riu, debochada.

— Não é, não. Maron não tem amigos.

— Verdade. Mas eu *sou* amigo de Grover Underwood. Ele disse...

— Entra.

Ela agarrou meu braço e me puxou para a cozinha.

Não sei bem o que eu esperava de uma cozinha divina. Se for para falar a verdade, nunca tinha pensado se os deuses *usavam* cozinhas. Podiam estalar os dedos

e criar o que quisessem. Por que se dar ao trabalho de mandar alguém cozinhar para você?

Agora, ao olhar as ninfas correndo do forno para o fogão, tirando coisas de nuvem do ar e misturando nas sopas e tortas como fios de algodão-doce, percebi que era óbvio que os deuses iam querer um vaivém de criados, fazendo coisas para eles, da mesma forma que gostavam quando mortais queimavam oferendas. Era tudo questão de serem notados, servidos, *cuidados*. Os deuses se alimentavam de holofotes mais do que de néctar e ambrosia. Lógico que insistiriam que as coisas fossem feitas do jeito mais difícil.

Havia umas vinte ninfas trabalhando, todas de avental branco e redes pretas nos cabelos esvoaçantes. As pernas eram fiapos de nuvem, talvez para poderem se mexer mais rápido. Os vestidos nebulosos estavam manchados de várias sopas, caldos e reduções, o que dava a impressão de serem pores do sol coloridos.

A cozinha em si era maior que o ginásio da minha escola, e dríades ficavam entrando e saindo pelas portas de bronze, com bandejas de comida para a sala de jantar que ficava logo além. Quando as portas se abriram, ouvi vozes que reconheci: o barítono estrondoso de Zeus e a risada de Hera. Ah, que ótimo. Minha deusa favorita.

Como eu temia, os chefs estavam preparando todos os horrores comuns de brunch: ovos beneditinos com molho holandês laranja-néon, bifes com ovo e suflês. E, sim, havia até alguns Senhores Crocantes, além de rabanadas, hambúrgueres com bacon e pizzas de abacaxi, afinal, por que não? Que o caos do brunch reinasse.

Naomi me observou com a mesma expressão de desconfiança com que eu olhava para a comida.

— Então, por que Grover... — Ela parou de falar quando mostrei o cálice. — Entendi. Você não devia estar com isso aí.

— É. Eu sei.

Ela coçou embaixo da redinha de cabelo.

— Você é um deus, então?

Uma fala de um filme antigo surgiu na minha cabeça: *Quando alguém perguntar se você é um deus, você diz que é!*

— Não — respondi.

— Certo. — Ela hesitou. — Isso explicaria por que Ganimedes está lá fora suando fogo grego.

— Eu não posso comentar. Mas, se você pudesse indicar que é para ele vir aqui...

— Ah, não.

Naomi cruzou os braços. Olhou de cara feia para o boné dos Yankees de Annabeth de um jeito que me fez pensar que chapéus da invisibilidade eram uma grosseria na cozinha, além de ineficientes.

— Vou fingir que não estou vendo você. Ninguém vai te incomodar aqui na cozinha. Mas, se quiser chamar a atenção de Ganimedes, vai ter que fazer isso sozinho. Ele está bem ali, do outro lado. — Ela apontou para a porta dupla. — Não tem como errar. É o deus que está suando...

— Fogo grego. Entendi. Será que posso pegar emprestada uma roupa de garçom e talvez um bigode falso?

Naomi grunhiu.

— Amigo de Maron. Isso é hilário.

Ela saiu andando para inspecionar os suflês.

Concluí que aquilo era um *não* para a fantasia de garçom. Como o boné da invisibilidade não estava fazendo muito mais do que me deixar deslocado e com a pele coçando, eu precisava de um novo plano.

Fui até a porta dupla. Esperei uma garçonete dríade passar e botei o pé no vão, mantendo-a aberta para espiar pela fresta.

Nunca tinha visto o palácio particular de Zeus. Nas poucas vezes em que havia ido ao Monte Olimpo, sempre fora direto dos elevadores para a câmara do Conselho dos Deuses, que é o que se tem que fazer quando se está entregando armas de fim do mundo ou tentando impedir os titãs de destruírem tudo.

A sala de jantar de Zeus era uma mistura de salão de banquetes romano antigo com uma boate particular numa casa de Beverly Hills. Na parte central, sofás roxos com bordados dourados cercavam uma mesa cheia de travessas com frutas. Os talheres de ouro e as louças brilhavam tanto que achei que meus olhos derreteriam. Na divisa com o átrio, havia colinas de alabastro decoradas com raios dourados, só para o caso de você esquecer a quem pertencia aquele palácio. Fiquei surpreso de Zeus não ter incluído monogramas... se bem que talvez ele tivesse. Se o desenho fosse só um Z, era quase que o mesmo que um raio, né? Que louco.

Como era de se esperar, a vista era impressionante: varandas abertas amplas dando para as mansões olimpianas onde os deuses não tão otários eram obrigados a morar. Mas o que chamou minha atenção mesmo foram os jogos. Enfileiradas nas

paredes externas, todas as máquinas de fliperama com temas de Zeus imagináveis piscavam e reluziam: o fliperama *Rei do Olimpo*, caça-níqueis *Poderoso Zeus*, até mesmo *Deus do Raio 3.000*, que eu me lembrava de ter jogado uma vez em Coney Island. Não fiquei surpreso de Zeus colecionar coisas temáticas dele mesmo. Era a cara do pai de todos. Mas o fato de ele exibir tudo na sala de jantar era de um narcisismo divino. Tipo: *Para que olhar a vista maravilhosa se vocês podem selecionar meu avatar no modo multiplayer e perceber como seus poderes são ridículos em comparação aos meus?* Eu me perguntei se ele comprava as máquinas do mesmo atacadista do Hebe Sinistra.

Obriguei meu cérebro com TDAH a parar de ficar obcecado pelas luzes piscantes e se concentrar nos convidados do brunch. Havia diversos velhos amigos e aminimigos confortáveis nos sofás. Na cabeceira da mesa, estava o grandão em pessoa divina, o todo-poderoso, de boa, com uma toga de veludo molhado roxo e sandálias douradas. Porque é óbvio que, quando se é um deus e pode ter a aparência que quiser, é esse visual que você escolheria.

À esquerda dele, estava minha amiga Hera, deusa de fazer Percy infeliz. Estava majestosa com o vestido branco sem mangas e um penteado trançado elegante, como se quisesse deixar evidente como o marido era nojento.

À direita de Zeus, de costas para mim, havia uma mulher que supus ser Reia, a rainha dos titãs, também conhecida como Deusa Vovó. Eu tinha achado que ela aparentava ser mais velha do que os deuses, porque devia estar com quase uns seis mil anos, mas lógico que os imortais não precisam demonstrar a idade. O cabelo louro-escuro cascateava pelas costas em uma cachoeira de cachos. Ela usava um vestido tingido estilo túnica com braceletes de prata nos braços. Havia um leão deitado aos pés dela. Só mais um predador à mesa.

As outras celebridades do brunch incluíam Atena, Hermes e Deméter... porque é lógico que a deusa dos grãos apareceria para uma refeição matinal. Havia mais alguns convidados que não reconheci, ou por terem mudado a aparência ou porque eu nunca os tinha visto mesmo. E, parado atrás de Zeus, tentando pensar no que fazer com as mãos vazias e sem cálice, encontrava-se Ganimedes.

Ele estava literalmente suando fogo grego. De vez em quando, uma gota de líquido incendiário surgia e fumegava na nuca dele. Até agora, nenhum dos presentes parecia ter notado... ou talvez ele sempre suasse fogo grego ao servir a mesa do chefe.

Zeus estava falando sobre todas as gostosuras que tinha encomendado para o brunch especial da mãe. Pelo visto, ela não ia ao Olimpo havia muito tempo, e

ninguém tinha permissão de começar a comer nem beber enquanto Zeus não terminasse o discurso sobre o quanto a mamãe era incrível. Todos os copos estavam vazios.

Que bom. Agora eu só precisava botar o cálice nas mãos de Ganimedes sem ser notado. Parecia factível, mas...

Encarei o copeiro, torcendo para que isso o fizesse olhar na minha direção. Por fim, quando Zeus estava exaltando as virtudes dos ovos beneditinos de fênix (eles têm um gostinho picante!), Ganimedes espiou a porta da cozinha. Depois de um momento de confusão, ele me viu com o cálice erguido.

Sua expressão mudou de surpresa para alívio para uma súplica apavorada em menos tempo do que teria levado para servir uma bebida. Seus olhos disseram: *Ah, graças aos deuses!* Fiz sinal para ele ir até a cozinha.

O deus chegou para o lado. No mesmo instante, Zeus estendeu a mão e segurou o punho dele.

— Fica, Ganimedes. Quero que você ouça isso! Aí você pode servir as bebidas e vamos fazer um brinde.

Ninguém comentou sobre o fato óbvio de que o copeiro não estava com o cálice. Acho que, por ser criado, ele era ainda mais invisível do que eu com o boné emprestado.

Ganimedes olhou na minha direção de novo. *Me ajuda!*

— Eu pensei... — declarou Zeus para o grupo — ... que honraria nossa querida mãe Reia com uma história especial sobre ela.

— Ah, meu bem, não precisa — disse Reia.

Os outros deuses estavam com sorrisos de sofrimento, como se concordassem que aquilo não era necessário.

— Uma vez — começou Zeus —, quando eu era garoto e vocês ainda estavam rolando no estômago de Cronos...

Naquele momento, duas coisas horríveis ficaram evidentes para mim. A primeira era que eu teria que ouvir aquela história. A segunda era que, se Ganimedes não tinha como ir até o cálice, eu teria que levar o cálice até Ganimedes.

TRINTA E UM

ENFRENTO UM PREDADOR PERIGOSO QUE TALVEZ SEJA MINHA FUTURA SOGRA

Agora vou exaltar carrinhos de doces.

Além de transportarem doces gostosos mais para perto de você, também podem estar cobertos por toalhas que escondem a prateleira inferior perfeitamente e permitem que alguém se agache lá... no caso, um semideus que precisa entrar escondido em um brunch. É, eu sei que é clichê, tirei a ideia de programas de televisão antigos, mas, sabe, a gente tem que apostar no que já deu certo uma vez.

A única parte difícil foi convencer Barbara, minha nova melhor amiga e criada dríade, a me empurrar o mais perto de Ganimedes possível.

O preço dela?

— Eu quero conhecer Annabeth Chase. Quero uma selfie e um autógrafo.

— Eu... Sério?

— Ela é minha heroína!

— Não, isso eu entendo. Ela também é minha heroína. É que... — Decidi não elaborar. Estava preparado para Barbara pedir algo muito mais difícil, tipo uma missão pessoal ou uma caixa de cartas de Mitomagia em edição especial de colecionador, folheadas a ouro. — Eu consigo arranjar um *meet and greet*.

— Combinado! — exclamou ela, alegre. — Mas, se formos descobertos, eu não tenho a menor ideia de quem você é, nem de como entrou embaixo do carrinho, e vou gritar "Semideus! Matem-no!". Está bem?

— Era o que eu estava esperando mesmo.

Então me encolhi embaixo do carrinho, com o cálice da imortalidade no colo, escondido por uma toalha de mesa branca com bordados de raios, e Barbara me

levou para a sala de jantar.

— Enfim — Zeus estava dizendo —, lá estava eu, cercado de lhamas furiosas... Bom, vocês podem imaginar!

— Meu querido, não havia lhamas na Grécia Antiga — interveio Hera.

— Bom, havia em Creta! Sei lá, vai que Cronos decidiu que a gente não podia ter coisas boas e mandou todas para o Peru, mas na época, uau! Lhamas para tudo que era lado! Como eu estava dizendo, eu estava sozinho. Sem Amalteia. Sem Curetes. Só eu de fralda, um mero bebê chorão, se vocês conseguem imaginar...

— Eu consigo imaginar, pai — comentou Atena, seca.

O carrinho rangeu e balançou. Eu estava tão perto da mesa de jantar que sentia cheiro de pelo molhado de leão. Não ousei olhar, mas achei que estivesse chegando perto de Ganimedes.

Só mais alguns metros...

— Pare! — ordenou Zeus.

O carrinho parou.

— Eu estou contando uma história aqui, Barbara!

— Sim, senhor. Desculpe, senhor.

Houve uma longa pausa. Imaginei todos os deuses olhando para o carrinho, imaginando por que parecia tão pesado e por que rangia mais que o normal. Esperei que Barbara gritasse *Semideus! Matem-no!*.

Por fim, Zeus grunhiu:

— Onde eu estava?

— Em Creta. Cercado de lhamas — respondeu Hermes.

— Ah, verdade. Então...

Tive dificuldade em acompanhar a história. Em parte porque meu coração estava batendo alto demais. E, em parte, porque eu não queria acompanhar a história.

Zeus continuou falando, tentando incitar um sentimento de pena pelo pobre bebê que ele havia sido, sozinho em Creta. Eu duvidava que a plateia estivesse no clima para suspense, porque (*spoiler*) ele era imortal, então a possibilidade de o pai de todos ter sido morto pelas lhamas era bem baixa. Ainda assim, eu estava rezando para que todos tivessem parado de olhar para o carrinho de doces. Arrisquei levantar a pontinha da toalha de mesa.

Tive uma ótima visão dos pés de Zeus com sandálias. Será que ele lixava aquelas unhas?

Foco, Percy.

Ganimedes estava do outro lado de Zeus, a apenas três metros, mas longe demais para eu entregar o cálice, ainda mais porque havia um deus do raio entre a gente. Tentei olhar para o rosto de Ganimedes, mas meu ângulo não era bom. Não sabia se ele havia percebido que eu estava ali ou se estava ocupado demais suando fogo grego para notar.

Tentei pensar se conseguiria engatinhar do carrinho para debaixo da mesa e passar por todos aqueles pés divinos imaculadamente cuidados sem ser notado. Mais provável que não. E aí, virei para a direita e cruzei olhares com o leão.

Bom, isso foi incrível. O animal pareceu sonolento e surpreso, como se estivesse questionando se ainda estava sonhando ou se o carrinho de doces tinha mesmo uma cabeça humana na prateleira de baixo.

Talvez a pior coisa que eu poderia ter feito fosse continuar o encarando. E foi o que fiz. O leão tinha olhos dourados bonitos. Eu nunca fui muito fã de gatos, mas entendi a atração daquela cara grande e peluda apoiada em patas gigantes, exceto pelo fato de que a cara tinha presas e as patas tinham garras.

Tentei usar minha telepatia de filho do deus do mar (a patente ainda está pendente) para enviar uma mensagem para o animal: *Eu sou inofensivo. Por favor, não me coma.* Mas eu tinha quase certeza de que: 1) o leão não era uma criatura marinha, e 2) mesmo que eu pudesse me comunicar com ele, o bicho não me ouviria.

Falei com movimentos labiais: *Beleza, fui.*

Baixei devagar a beira da toalha de mesa. Não me protegeria do leão, mas quem sabe ele se esqueceria de mim...

— E aí... — disse Zeus — ... minha amada mãe apareceu! E vocês nunca vão adivinhar o que ela fez!

Rawwwwr, rugiu o leão.

Todos em volta da mesa riram.

— Isso mesmo, Lucius! Ela rugiu! Depois... — continuou Zeus.

Arrisquei mais uma espiada, só para ver se o leão estava prestes a comer minha cara. Mas Lucius tinha inclinado a cabeça e fechado os olhos em uma expressão de êxtase absoluto, e Reia coçava a orelha dele, quem sabe em uma tentativa de deixá-lo quieto.

Mas meu olhar encontrou com o de outra pessoa. Pelo visto, ela tinha espiado debaixo da mesa para dar uma olhada no bichano fofo. Do outro lado, Atena me

encarava.

Nossa troca de olhares durou menos de um segundo, mas acontece que Atena é uma deusa tão inteligente que, só de ela dar uma espiada em você, você sente como se tivesse passado por um interrogatório silencioso debaixo de um holofote quente. A conversa foi mais ou menos assim:

Atena: Por quê?
Eu: Missão. Desculpa. Tentando me esconder.
Atena: Debaixo de um carrinho de doces? Que clichê.
Eu: É, eu sei.
Atena: Não acredito que minha filha ainda está namorando você.
Eu: O amor é um mistério. Não me mate, por favor.
Atena: ...
Eu: ...

Ela voltou a erguer a cabeça para Zeus, que continuava a história. Esperei a deusa interrompê-lo para revelar minha identidade.

— Então a *primeira* lhama... — disse o pai de todos.

— Ganimedes? — interrompeu-o Atena. — Você pode ser um fofo e levar o carrinho de doces de volta para a cozinha? Não estou vendo creme para os scones, e aí não dá mesmo.

Ganimedes gaguejou:

— Hã, eu...

— Eu quero que Ganimedes ouça o fim da história! — protestou Zeus.

— Mas, pai — disse Atena, calma e controlada —, você sabe como Reia gosta de *scones*.

Houve um momento de tensão elétrica, e consegui imaginar nuvens de tempestade se formando em volta da cadeira de Zeus.

— Hunf — disse ele, por fim.

Eu não conseguia enxergá-lo, mas juro que senti o momento em que ele soltou o punho de Ganimedes.

— Volte logo — ordenou Zeus.

— Ou nem volte — murmurou Hera. — Leve o tempo que precisar.

O carrinho começou a se mover. Eu não sabia se estava tremendo por causa das rodinhas ou porque Ganimedes estava se desmantelando.

Atrás de nós, Zeus murmurou:

— Eu adoro vê-lo de costas...

— Será que você pode evitar esse tipo de comentário na mesa de brunch? — perguntou Hera, com os dentes trincados.

— Então, onde eu estava?

— Creta. As lhamas — respondeu Hermes.

A porta dupla se abriu, e nós estávamos seguros na cozinha.

Ofegando, rolei de debaixo do carrinho de doces. Percebi que estava prendendo o ar por tempo demais.

— Ah, meu bebê! Vem pro papai, belezinha! — disse Ganimedes.

Ainda bem que ele não estava falando comigo. Fez mãos de "me dá" para o cálice. Eu me perguntei por que o deus não o pegava logo. Aí, passou pela minha cabeça que eu tinha que entregá-lo. Tinha que completar a missão e colocar o copo na mão dele.

— Um cálice para o senhor — falei, e consegui erguer o objeto.

Ganimedes o abraçou, beijou a borda e examinou se havia algum amassado.

— Ah, Percy Jackson! Você conseguiu! Não sei como agradecer!

— Que tal uma carta de recomendação?

Ganimedes me encarou.

— Certo! Óbvio!

Um pedaço de papel veio flutuando do nada até meu peito.

Eu dei uma olhada nos dois lados.

— Está em branco.

— É só ditar o que você quiser que eu diga. As palavras vão se escrever sozinhas. Quando você terminar, desde que não tenha exagerado nos elogios, minha assinatura vai aparecer embaixo. É tudo perfeitamente legítimo e legal.

Tudo aquilo... por um pedaço de papel em branco.

Eu poderia ter rido ou chorado, mas isso não teria ajudado em nada. E teria atraído a atenção dos outros deuses.

— Obrigado — falei, me levantando. — Então... nós terminamos?

— Agora, eu tenho que encher este cálice. E creme! Eu preciso de creme! Mas, sim. Nós terminamos. Não vou me esquecer disso, Percy Jackson. Boa sorte na faculdade!

Quando o deus começou a correr pela cozinha, Zeus gritou:

— Ganimedes, cadê você? Estou chegando na parte boa!

— Indo, Lorde Zeus! Só estou... enchendo o cálice, que estava comigo o tempo todo!

Ele fez uma careta e voltou ao trabalho. Com o creme obtido e o cálice cheio, empurrou o carrinho de volta para a sala de jantar.

Olhei para a dríade Barbara.

— Obrigado pela ajuda. Vou marcar seu encontro com Annabeth.

— Legal! Deve ser emocionante trabalhar para ela.

— Hã, é.

Eu me virei e quase pulei para fora da calça jeans. A chef Naomi estava parada a dois centímetros de distância, me olhando de cara feia.

— Você não acha meio decepcionante fazer missões para os deuses? É como eu me sinto sempre que preparo uma refeição e nenhum deles agradece — comentou ela.

— Sabe, é um estilo de vida — falei.

Naomi me deu um tapinha no ombro.

— Quer uma semimita para o caminho? Assim você pode sair da minha cozinha.

TRINTA E DOIS

GROVER COME MINHAS SOBRAS

A pior parte?

As semimitas (marmitas para semideuses) eram coisa séria.

Naomi me deu um saco branco forrado e com SEMIMITA! escrito em letras vermelhas acima de um desenho de crianças sorridentes com a língua para fora, à espera de comidinhas gostosas.

Não sei bem o que achei mais insultante: o fato de os deuses tratarem os filhos como bichinhos de estimação ou o fato de Poseidon nunca ter levado sobras para mim. Naomi me encheu de doces de primeira, mas não incluiu creme.

Depois dei um jeito de voltar pela ponte olimpiana sem ser abordado por deuses menores nem fãs dríades raivosas exigindo o autógrafo de Annabeth.

Quando peguei o elevador para voltar ao mundo mortal, "I Got You, Babe" ainda tocava. Meus deuses, quanto tempo durava aquela música? Ou, quem sabe, os deuses a colocassem para tocar sem parar para torturar os visitantes...

Percebi que estava tremendo de medo retroativo. Toda a adrenalina evaporou do meu corpo. Eu ainda via os olhos de Atena em mim, bem piores que os de um leão. Diferente de Lucius, a deusa da sabedoria não podia ser acalmada com uma coçadinha atrás da orelha... bom, pelo menos não seria eu o primeiro a tentar.

Tirei o boné de Annabeth, o que ajudou um pouco. A coceira parou na hora. Esperava que a minha pele estivesse coberta de marcas vermelhas, mas tudo parecia normal. Quando cheguei ao saguão, eu estava quase calmo de novo.

As portas se abriram. Respirei fundo e saí do elevador, fazendo o possível para passar um ar despreocupado. Larguei o cartão magnético roubado perto da recepção. Não havia sinal de Grover, mas, quando passei por uma das guardas

mortais, ela estava cantarolando "Get Lucky". A sentinela não tentou me parar, mas tenho quase certeza de que semicerrou os olhos ao notar a minha semimita.

Quando saí para a Quinta Avenida, vi Grover no final do quarteirão, balançando o bambolê brilhante para mim.

— A segurança do saguão me deixou ir embora só com uma advertência! — disse ele ao se aproximar trotando. — E você... Aah, uma semimita! Obrigado!

Grover enfiou a cara como um cavalo em um saco de grãos... o que falo de forma elogiosa e positiva.

— Hum. Sabe do que esses doces precisam? — disse ele.

— Creme? — adivinhei.

Ele fez uma expressão sonhadora.

— Eu ia dizer geleia de morango. Mas, verdade... creme. Então, me conta o que aconteceu!

Fiz um resumo da minha experiência fabulosa de brunch.

— Lhamas em Creta? — Grover parecia confuso. — Tem certeza de que não eram vicunhas ou guanacos?

— Sabe, não tive a oportunidade de perguntar enquanto estava escondido debaixo do carrinho de doces.

— Que clichê. Mas você conheceu o leão Lucius! Eu soube que ele conta piadas hilárias... — Grover deve ter registrado minha cara de tacho. — Para as quais você não teve tempo, lógico. Mas parece que deu tudo certo!

— É. Desde que Atena não me denuncie para a patrulha de fronteira olimpiana. E que Zeus não descubra que entrei escondido no brunch dele. Decidi não mencionar esse incidente para ninguém do acampamento.

O cavanhaque dele tremeu. Tive medo de tê-lo ofendido de alguma forma. Mas meu amigo fungou, e percebi que estava à beira das lágrimas.

— Vou ser sincero, Percy... sabe quando foi que eu senti mais medo? Deve ter sido naquela caverna de ciclopes no Mar de Monstros, quando eu estava sozinho...

Ele limpou o nariz, o que fez o bambolê cintilar. (Porque bambolês não têm noção do que é um momento adequado ou não.)

— Mas hoje — continuou Grover —, quando eu vi você lutando com o Gary... Ficou em segundo lugar entre os momentos mais assustadores da minha vida, bem perto do primeiro. Achei mesmo que ia perder você.

Meu coração pareceu estar ficando cheio de uma bebida olimpiana muitíssimo pesada.

— Ah, meu amigo... deu tudo certo para a gente. Sempre dá.

Sniff.

— Eu sei. Mas todas as vezes... sinto que estamos provocando o destino. Que alguma hora nossa sorte vai acabar. E, se eu perdesse você...

— Ei. Eu estou bem. Além do mais, você esteve em muitas circunstâncias mais assustadoras que a de hoje. O covil da Medusa, o Mundo Inferior...

— Deixa disso. Nada é mais assustador que ver seu amigo lutar e não poder ajudar.

Botei a mão no ombro dele.

— Mas você ajudou. Sabe como consegui vencer Gary?

Contei sobre a fantasia que me fez vencer a luta livre, de Annabeth comigo e com ele, cochilando no sol em um chalé perto do mar.

Ele ouviu com atenção, como se estivesse quase tão faminto pela história quanto pelo que havia na semimita.

— Eu tinha pelo na orelha? — perguntou ele.

— Tinha.

— Faz sentido. O que teria de almoço?

Pensei no assunto.

— Quem sabe *enchilada*.

Meu amigo suspirou, feliz.

— Certo. Que bom. Eu consigo acreditar em *enchilada*.

Ele me deu um abraço que me lembrou o quanto minhas costelas estavam doendo, mas, para falar a verdade, não me importei. Devíamos parecer bem estranhos, parados na Quinta Avenida, dois caras se abraçando com um bambolê no meio. Também não me importei com isso.

— Estou te atrasando para a escola — comentou Grover, me soltando do abraço de aço de sátiro. — Você já não perdeu duas aulas?

Ah, é... a escola.

— Acho que eu devia procurar Annabeth primeiro — respondi, esperançoso. — Para contar o que aconteceu. Devolver o boné.

— Eu posso fazer isso. Vai pra aula!

Essa é a vantagem de ter um amigo que não frequenta a escola: ele pode fazer coisas para você enquanto você está preso nas aulas. A desvantagem é que você tem uma desculpa a menos para matar essas mesmas aulas.

Ajeitei o boné para o tamanho de Annabeth e o entreguei para Grover. Em seguida, dei mais um abraço nele.

— Obrigado por tudo, Big G. Eu não teria conseguido sem você.

— Aaah. — Ele corou até a base dos chifres. — Só vai lá tirar notas boas! Se não der... bom, sei que você vai se sair bem!

Nesse clima feliz, seguimos em direções diferentes: ele para o centro, para a EDNY, e eu para o metrô, rumo ao Queens.

Tentei não ficar pensando no fato de que ia pegar o trem F para a escola. Achei mau presságio. Ainda assim, foi estranho estar em um transporte mortal depois da ida ao Olimpo. No assento ao meu lado, um cara no celular reclamava do mercado de ações. A mulher do outro lado revirava uma sacola, tirando nabos e olhando-os de cara feia. Enquanto isso, no Olimpo, Zeus não devia ainda nem ter terminado a história das lhamas. Eu preferia andar com o cara das ações e a moça dos nabos. Eles eram mais divertidos.

Depois de sair no Queens e andar quase um quilômetro, eu havia parado de tremer devido à minha missão matinal e começado a tremer ao pensar no atraso sem justificativa que teria que explicar.

A Alternative High estava onde eu a tinha deixado: em um quarteirão arborizado da 37ª Avenida, entre uma loja de carros usados e uma loja de atacado chamada (não estou brincando) Materiais de Construção Heferros. Não tive coragem de visitar o estabelecimento, mas me perguntei se vendiam peças usadas de dragão de bronze.

A construção em si parecia uma escola comum de Nova York: um bloco de dois andares de tijolos vermelhos com janelas com contornos brancos e uma entrada principal azul. Só quando se comparava a placa ALTERNATIVE HIGH SCHOOL com o parquinho, que ainda tinha gangorras e pinturas de personagens da Disney no chão, que se começava a ter uma sensação de falta de coerência.

Fui até a secretaria, pronto para dar todos os tipos de desculpas. Estava tentando decidir entre *meu cachorro comeu meu sapato* e *meu despertador não tocou*, o que, considerando meu estado mental, talvez teria saído como *Oi, meu cachorro não tocou e eu comi meu despertador de sapatos.*

Antes que eu dissesse qualquer coisa, a secretária ergueu o olhar, ainda em um telefonema. Quase abriu um sorriso de prazer.

— Ah, sr. Jackson! Estou falando com seu pai agora. Ele explicou que você se atrasaria.

Eu a encarei.

— Explicou?

Ela botou a mão sobre o fone.

— Que homem adorável! Aqui, pode dizer para ele que você chegou em segurança enquanto escrevo sua autorização para entrar no terceiro tempo. Já remarcamos sua prova do primeiro tempo. Não se preocupe!

Ela me entregou o telefone e voltou despreocupada até a mesa, cantarolando uma melodia alegre.

Fiquei observando o telefone. Paul tinha ligado para a escola? Não fazia sentido. Ele nem teria como saber que eu estava atrasado e tomava muito cuidado de nunca se apresentar como meu pai. Mas quem mais... Não era possível...

— Alô? — falei.

— Parabéns. Você fez um ótimo trabalho com o cálice — disse Poseidon.

Eu me apoiei no balcão para não cair. Ouvir o deus do mar em uma linha telefônica mortal era mais do que estranho. Em geral, eu ouvia a voz dele debaixo da água ou ecoando pela câmara do conselho do Monte Olimpo. No telefone, ele soava como Poseidon da mesma forma que eu soava quando ouvia uma gravação da minha voz, o que significa que nem um pouco.

— Você ligou para a escola? — perguntei.

Eu não pretendia ser grosseiro. Só estava em choque. Como Poseidon tinha descoberto o número da escola? Como sabia o que dizer? Como havia aprendido a usar um telefone, para começo de conversa? Imaginei-o em uma bolha de ar, sentado ao lado da piscina na extremidade da plataforma continental, a linha conectada em um cabo transatlântico submarino. Não era de admirar que a ligação estivesse tão boa.

— Era o mínimo que eu podia fazer. Margaret foi muito compreensiva — disse ele.

Margaret? Presumi que esse fosse o nome da secretária. Grover estava certo: secretárias de escola *realmente* conheciam todo mundo e sabiam de tudo. Mas eu não sabia o que achava de Poseidon chamá-la pelo primeiro nome.

— Hum, obrigado... *pai*.

Falei essa última parte por causa de Margaret, pois ela estava sorrindo para mim ao redigir meu passe.

A mulher devia estar pensando como eu tinha sorte de ter um pai tão presente na minha vida.

— Me diz uma coisa... — Baixei a voz e aproximei o fone, protegendo o bocal com as mãos. — Aliás, não entenda errado, mas por que me ajudar agora? Quer dizer... eu já estive em situações piores. Isso não é ser proativo demais para um deus?

A linha ficou em silêncio por três segundos. Exceto pelo som baixo de água gorgolejando ao fundo, eu teria achado que Poseidon tinha desligado.

— Sabe, às vezes são as menores ondas que derrubam a gente. Os tsunamis... todo mundo sabe que são poderosos. Os maremotos são grandes e impressionantes. Mas as ondas menores? Elas têm muito poder. Provam do que o oceano é capaz, mesmo quando ninguém está prestando atenção.

Margaret empurrou um passe pelo balcão, então sorriu como quem diz *Isso tudo é lindo e seu pai parece ser muito legal, mas preciso do meu telefone de volta agora.*

— Tudo bem, pai. Entendi.

Na verdade, eu não tinha a menor ideia do que ele estava falando.

— Eu sempre fico de olho em você, Percy. Em geral, de longe, é verdade. Eu vi você salvar o mundo várias vezes, vencer inimigos que assustariam a maioria dos imortais. Mas só hoje eu reparei o quanto você era um herói de verdade.

Um nó se formou na minha garganta.

— Porque eu ousei ir ao brunch?

Poseidon riu.

— Não. Isso foi só imprudência. Você nunca me pegaria em um dos brunches de Zeus. Eu quis dizer quando você aceitou o desafio de Geras. Você poderia ter ido embora, abandonado Ganimedes ao destino dele, talvez até conseguido que Geras escrevesse a carta de recomendação.

Poseidon falou exatamente o que eu tinha pensado na ocasião... Eu me perguntei se meu pai conseguia ler minha mente. Ou talvez só me entendesse da forma que entendia os humores do oceano. Assim como o mar, eu era parte dele.

— Mas você honrou sua promessa. Arriscou sua vida por um copeiro que mal conhece. Não por uma carta. Não porque o destino do mundo estava em jogo. Mas

porque você é assim. Hoje, você criou uma onda pequena e mostrou do que o oceano é verdadeiramente capaz.

Meus olhos estavam ficando marejados. Se não tomasse cuidado, ia começar uma inundação de água salgada ali na secretaria.

— Sr. Jackson? — O tom de Margaret indicava que a paciência dela estava acabando.

— Eu tenho que ir — falei para Poseidon. — Mas, ei, pai? Obrigado. E também... você consideraria deixar o deus do rio Elisson dar uma aula de ioga no seu palácio qualquer hora dessas? Acho que você ia adorar.

Entreguei o telefone para Margaret, peguei o passe e fui embora. Quando olhei para trás pela janela da secretaria, ela estava falando com meu pai de novo, rindo de alguma coisa que devia ter dito. Os dois estavam flertando? Concluí que eu preferia não saber.

Naquela manhã, eu já tinha lutado contra a Velhice, sobrevivido a um brunch divino e ganhado uma semimita para provar que havia sobrevivido àquela missão. Tinha salvado a reputação de Ganimedes e até falado a favor de Elisson e a aula de ioga submarina com baleias dele.

Já eram ondas pequenas suficientes. Meu pai estava certo. Se a gente não tomasse cuidado, elas podiam acabar nos levando.

TRINTA E TRÊS

MAIS UMA BALINHA, EM HOMENAGEM AOS VELHOS TEMPOS

Eu estava na metade do corredor quando a porta do escritório da orientadora foi aberta.

— Aí está você. Entra! Entra! — exclamou Eudora.

Fiquei chocado demais para discutir. Além disso, alguns minutos a mais de atraso não deviam fazer diferença, então a segui para dentro.

Eu me sentei na cadeirinha azul de plástico e assenti para o Sapo Dodói, porque, àquela altura, tinha quase certeza de que a criatura tinha consciência própria. Eudora parecia estar ficando à vontade na sala da orientadora. Tinha acrescentado uma coleção de conchas marinhas à mesa (talvez para o caso de precisar renovar o penteado). Na parede de trás, havia colado um pôster motivacional de uma lontra marinha sorridente com a mensagem *Rir é o melhor remédio!*

Pensei que talvez eu devesse comprar mais um pôster para ela como presente de agradecimento quando estivesse formado e do outro lado do país. Um que dissesse *Orientação: para onde podemos dar descarga em você hoje?*

— Então! — Eudora esfregou as mãos. — Me conta tudo! Eu soube que você conseguiu a carta de Ganimedes!

— É uma carta meio no estilo faça você mesmo, mas sim, consegui.

Contei as aventuras que tinha vivido desde que a vira pela última vez. Também a fiz entender que não havia mais necessidade de me enviar para lugar nenhum pelos canos mágicos dela.

Quando mencionei a ligação de Poseidon, um filete de água do mar escorreu do cabelo de Eudora.

— Eu... entendo! Eu teria ficado feliz em falar eu mesma com a secretaria. Sinto muito que seu pai tenha tido que ter esse trabalho. — Ela fez uma pausa, parecendo apavorada de repente. — Não que você seja um trabalho, óbvio!

— Tá tranquilo. Na verdade, foi tudo ótimo.

Os ombros dela relaxaram quando percebeu que eu não ia gritar nem exigir que meu pai a banisse para a Fossa das Marianas.

— Fico muito feliz de ouvir isso — comentou ela. — Acho que essa experiência seria um ótimo tema para a sua redação pessoal na candidatura. Coragem! Iniciativa! Autodescoberta!

— É — falei, tentando não chorar pelo fato de que eu teria que escrever mais uma redação. — Acho que todo mundo aprendeu uma lição importante hoje.

— Como é?

— Deixa pra lá.

Ela se inclinou para a frente.

— E... posso perguntar uma coisa? Você ficou tentado a beber do cálice dos deuses? Pode me contar a verdade — disse ela, em tom conspiratório.

Pensei no pobre Ganimedes suando fogo grego no brunch, no jeito como Zeus o tratava, como se ele fosse um troféu, nas várias expressões de desprazer que Hebe, Íris e Geras haviam feito quando mencionei o nome de Ganimedes.

— A verdade? Eu não fiquei nada tentado.

Eudora me observou como se tivessem saído tentáculos de mim.

— Fascinante. Posso ver sua carta de Ganimedes?

Peguei a folha de papel em branco e a deslizei pela mesa.

— Minha Nossa... — Eudora esfregou a borda do papel. — Isso é muito bom. Fibra de seda aracnídea! Acabamento de casca de ovo. Trançado triplo. Vai causar uma impressão e tanto no comitê de admissão.

— Está em branco — observei.

— Ah, detalhes. Tenho certeza de que você vai acrescentar as palavras certas.

Eu me perguntei se poderia tentar essa abordagem na aula de inglês. Talvez estivesse encarando essa coisa de escrita errado. Podia comprar um papel caro na papelaria, encher de *Blá-blá-blá Whiskas sachê* e meu professor falaria *Que redação legal! Nota dez!*

Eudora empurrou com relutância a carta em branco de volta para mim.

— Muito bem, Percy. Quando escrever sua carta, não é necessário gastar muito tempo me agradecendo.

Olhei para o pôster da lontra sorridente, que estava amando o remédio que era rir, e para o Sapo Dodói, que não estava tão contente.

— Tudo bem.

— Só uma menção rápida seria suficiente — disse Eudora.

— Então terminamos por enquanto? — Eu apontei para a porta. — Porque estou ansioso para passar o resto do dia tendo aulas.

— Lógico que está! — disse Eudora, porque, como as deusas menores, as nereidas não entendem muito de sarcasmo. — E sei como seu pai deve estar orgulhoso!

Não consegui responder. Ainda parecia surreal eu ter falado com meu pai. Ele tinha ligado para a escola. Tinha ficado de olho em mim. Quase compensou por todas as semimitas que eu nunca havia recebido... se bem que devo admitir que eu não poderia culpá-lo por não ir aos brunches no Olimpo. Ele era inteligente demais para se submeter a ovos beneditinos de fênix.

— Vamos conversar sobre as provas em breve — lembrou-me Eudora. — E você vai precisar de mais duas cartas de recomendação até as férias de inverno. Mas agora, pode relaxar! O que mais você tem pela frente hoje?

— Uma discussão sobre um conto. Uma prova de matemática. Laboratório de química.

Ela assentiu com alegria, como se eu tivesse dado a descrição perfeita de um programinha para relaxar.

— Lembra que estou aqui se você precisar de qualquer coisa. Agora, que cor de bala você quer? Verde? Amarelo?

Eudora não me conhecia muito bem mesmo. Ela me ofereceu o pote, e revirei-o até encontrar a única bala azul.

Ela sorriu.

— Você vai ficar bem, Percy. Estou com um bom pressentimento sobre este ano! Agora, se você estiver atrasado para o terceiro tempo, eu posso...

— Eu vou andando — falei, apressado. — Mas obrigado, Eudora. — E cumprimentei o Sapo Dodói e a orientadora, com a balinha na mão. — Sei que vamos nos ver em breve.

Tenho que admitir que foi meio relaxante assistir à aula de inglês. Não, eu não havia lido o conto nem feito o dever de casa. Mas tinha certeza de que conseguiria me virar em uma conversa sobre literatura. Poderia falar sobre coragem, iniciativa e autodescoberta. Dá para enrolar muito ao falar dessas coisas.

TRINTA E QUATRO

ESCREVO A PIOR CARTA DO MUNDO. APAGA. APAGA

Fiquei aliviado ao chegar em casa de noite... pelo menos até o jantar virar uma sessão de escrita de carta. Seria de se pensar que, com um professor de inglês, uma autora prestes a ser publicada e uma filha de Atena à mesa, conseguiríamos pensar em alguns elogios críveis que Ganimedes poderia dizer sobre mim. Mas é aí que você se engana.

Annabeth chegou perto do anoitecer. Não trouxe bolinhos dessa vez. Tinha estado ocupada demais recuperando o trabalho escolar perdido depois de caçar o deus geriátrico de fralda no parque de manhã. Nós dois picamos pimentão para a salada e Paul preparou o espaguete. É, eu sei, depois do incidente das serpentes chifrudas, eu tinha jurado que não comeria mais espaguete, mas massa é tipo um melhor amigo. Não dá para ficar com raiva dela para sempre.

Quando a mesa estava posta e o som de Dave Brubeck Quartet saía da vitrola do Paul, compartilhamos pão de alho e conversamos sobre o dia, só nós quatro. Bom... quatro e meio. Eu tinha que ficar lembrando a mim mesmo que minha mãe estava esperando um pacotinho mortal Jackson-Blofis.

Foi um jantar bem comum, e era justamente do que eu precisava. Paul contou histórias engraçadas sobre as aulas. Os alunos eram uns palhaços. Os outros professores e administradores eram mais palhaços ainda. Minha mãe falou que o livro dela tinha recebido a primeira avaliação de uma estrela on-line, apesar de ainda faltar vários meses para o lançamento. Pelo visto, o leitor afirmou que *Canções de amor dos deuses* promovia o paganismo e não gostou disso.

Paul riu.

— Mal sabe ele.

Eu me ofereci para falar com Hylla, rainha das amazonas e temerosa monarca do varejo on-line, sobre retirar a crítica do ar, mas minha mãe disse que não precisava.

— Vou imprimir e emoldurar. Adorei — comentou ela.

Por fim, Annabeth contou para todo mundo das nossas últimas aventuras. Aliviou bastante as partes apavorantes, como a de quase ter virado pó de túmulo, mas acho que minha mãe leu nas entrelinhas.

— Uau. Abraçar a velhice? — Ela sorriu para Paul. — Eu tenho um filho inteligente.

— Tem mesmo. Acho que ele puxou isso de você — disse Paul.

Talvez eu tenha corado. Ser chamado de filho de Poseidon é uma coisa. Mas ser notado por ser parecido com minha mãe... *isso, sim,* é elogio.

— O que aconteceu no Olimpo? Eu não estava nessa parte — perguntou Annabeth.

Hesitei. Ainda estava processando o que havia visto no brunch, e não só o horror das unhas feitas dos pés de Zeus.

— Não foi muito ruim. Entreguei o cálice para Ganimedes bem a tempo. Ele me deu a carta.

Annabeth esperou ouvir o restante da história. Eu olhei para ela. *Depois, tá?*

— Então... — Paul interrompeu o silêncio. — Como é uma carta de recomendação divina?

— Eu mostro depois do jantar. Não vou arriscar deixar cair molho nela.

Depois que lavamos a louça, levei a carta para a mesa da sala. Todos se curvaram como se estivessem olhando um jogo de tabuleiro.

— Está em branco — observou minha mãe.

— Mas o papel é lindo — comentou Paul.

— Se você recebesse uma redação nesse papel, você só daria dez sem ler? — perguntei.

Paul sorriu.

— É mais provável que eu escrevesse: "Boa tentativa com o papel lindo, mas você ainda precisa dar exemplos que comprovem sua hipótese."

— Lá se vai minha ideia — resmunguei.

Minha mãe pegou a folha e examinou os dois lados.

— Está escrita em algum tipo de tinta invisível?

— Eu tenho que criar o texto.

Expliquei o que Ganimedes tinha falado: que eu podia dizer o que quisesse, dentro do razoável e, quando tivesse feito um bom trabalho, a assinatura dele apareceria embaixo.

Paul pareceu confuso.

— Isso parece meio...

— Ingênuo demais? — sugeriu Annabeth.

— Eu ia dizer preguiçoso da parte de Ganimedes. — Paul olhou para o teto. — Se bem que espero que ele não jogue um raio em mim por isso.

— Que nada. Os deuses encarariam isso como elogio. Eles elevam a preguiça a uma arte — falei.

— Que vida mole — disse ele.

Eu sabia que meu padrasto estava sendo brincalhão, mas o comentário me fez encolher. Tinham me oferecido essa vida mole e eu tinha recusado. Mas, quanto mais eu pensava em Ganimedes, mais eu ficava feliz com minha escolha. A vida dele era tudo, menos legal.

Minha mãe colocou o papel na mesa.

— Como a carta vai saber quando tem que começar a escrever?

— Sei lá. Talvez eu só precise dizer "Prezado Comitê de Admissão".

Eu deveria ter pensado nisso antes. Uma caligrafia elaborada ganhou vida no topo do papel, cada letra se formando em tinta bronze ardente como um fuso queimando: *Prezado Comitê de Admissão.*

— Ah, bosta — falei.

Ah, bosta, escreveu a caligrafia elegante.

— Não! Apaga — exclamei.

Felizmente, a escrita se apagou.

Olhei para Annabeth, que estava se esforçando para não rir.

— Não é engraçado — rebati. — Apagar, apagar. Eu não sabia que ia começar. Apagar, apagar.

Minha mãe olhou para as letras se escrevendo e se apagando.

— Que papel incrível. De que é feito?

Eu que não ia contar a ela sobre a seda aracnídea, porque Annabeth tinha fobia de aranhas. Não queria ter que arrancá-la do lustre.

— Acho que a gente devia ajudar o Percy a escrever agora, para ele não precisar se preocupar depois — sugeriu Paul.

— Uma ideia digna de um verdadeiro professor de inglês — disse Annabeth. — Não pode ser tão difícil, né? Que tal "Recomendo veementemente Percy Jackson para a Universidade Nova Roma. Ele é um fofo e tem lindos olhos."

— Eu que não vou dizer isso, apagar, apagar — reclamei, apesar de ter deixado a primeira frase.

Pareceu boa.

— "E a mãe dele tem muito orgulho dele" — contribuiu minha mãe —, "se bem que a faculdade pode ser uma experiência maravilhosa, pois pode fazer com que ele aprenda a lavar a própria roupa".

— Vocês são pessoas terríveis. Apagar, apagar — retruquei.

Paul pigarreou, como se estivesse se preparando para começar uma aula sobre símiles.

— "Eu, Ganimedes, copeiro dos deuses, considero Percy Jackson um excelente herói: corajoso, gentil e fantástico em picar legumes e verduras."

Minha mãe e Annabeth riram.

Eu queria dizer *Me matem logo de uma vez*, mas, com minha sorte, as palavras iam grudar na carta e o conselho de admissão da Nova Roma me faria cair na minha espada assim que chegasse lá.

Ditei a frase do Paul sem a parte dos legumes e verduras. Por meia hora, Paul, Annabeth e minha mãe deram todos os tipos de sugestões inúteis para a carta de Ganimedes, enquanto eu escolhia as frases menos constrangedoras e as lia para o papel. Até consegui incluir uma menção à minha orientadora Eudora e a como ela foi atenciosa.

No final, Annabeth estava no chão chorando de tanto rir. Paul parecia estar começando a se sentir mal por mim. Minha mãe se aproximou e me deu um beijo na cabeça.

— Desculpa, querido. Mas nós amamos *todas* essas coisas em você. Vamos ver como ficou a carta.

Ela a leu em voz alta, e tive que admitir que não tinha ficado ruim.

— Mas como a gente faz a assinatura dele aparecer? — perguntou-se Annabeth.

Antes que ela pudesse sugerir alguma coisa tipo *Abraços e beijos*, falei:

— "Obrigado por seu tempo. Atenciosamente, Ganimedes."

As palavras surgiram no papel, com a assinatura de Ganimedes em vermelho.

— Vocês acham que está boa? — Então percebi que a pergunta não foi transcrita. — Graças aos deuses.

— Você precisa de mais duas cartas de recomendação como essa? Parece divertido! — disse minha mãe.

— É, e se forem cartas que a gente mesmo escreve, acho que vou fazer sozinho — falei.

— Mas você nunca está sozinho, Cabeça de Alga. — Annabeth apertou meu tornozelo. — A gente vai sempre estar aqui para ajudar você.

Ela nem teve a decência de botar aspas sarcásticas na palavra *ajudar*.

— A Percy! — Paul ergueu a taça. — Nosso próprio herói da família!

Minha mãe e Annabeth brindaram e beberam água com gás à minha saúde.

Fiquei satisfeito com aquele gesto, mas não o repeti. Brindes me faziam pensar em Ganimedes, e era meio cedo para isso.

TRINTA E CINCO

QUASE O MELHOR BEIJO DE BOA-NOITE DO MUNDO

Naquela noite, contei a Annabeth a história completa.

Depois do jantar, ela voltou para o alojamento, mas, quando cansei do dever de casa, eu me deitei na cama, liguei a máquina improvisada de mensagens de Íris e joguei uma moeda no arco-íris. Fiquei com um pouco de medo de que o cajado Mercedes aparecesse voando pela janela e batesse na minha cabeça por usar outra forma de mensagem, mas ainda bem que isso não aconteceu.

— Oi — disse Annabeth.

Ela cintilou na luz do arco-íris, com a cabeça apoiada em uma das mãos e um livro aberto na cama diante de si: alguma coisa de matemática que era incompreensível demais para mim.

O sorriso dela foi o antídoto perfeito para meu dia longo e maluco. Óbvio que minha namorada havia sorrido no jantar (e rido de mim... muito), mas aquele era um sorriso mais caloroso e íntimo.

Eu gostava de pensar que era só para mim.

— Eu queria contar sobre o Olimpo — falei.

Annabeth adorou ouvir sobre o pedido de Barbara de uma selfie e um autógrafo.

— Lógico! Vou adorar!

Fiquei um pouco surpreso ao perceber que ela não pareceu nem um pouco surpresa. Talvez recebesse esse tipo de pedido o tempo todo e só não tocasse no assunto.

— Obrigado pelo empréstimo do boné, aliás. Só causa um desconforto danado quando a gente coloca.

Ela deu de ombros.

— Todo poder tem um preço. Até ficar invisível. Minha mãe me ensinou isso muito tempo atrás.

Ela pareceu melancólica, talvez um pouco triste, mas não ressentida. Pelo visto, tinha aceitado a forma como o mundo funcionava de acordo com Atena, mesmo que não concordasse, mesmo que às vezes fosse tão sem sentido quanto o dever de matemática de Annabeth para mim.

— Falando na sua mãe...

Contei o que tinha acontecido no brunch, quando Atena me encarou por debaixo da mesa.

Foi difícil interpretar a expressão de Annabeth. As mensagens de Íris sempre eram meio enevoadas, mas ela parecia estar tentando juntar as palavras mentalmente para chegar a alguma história coerente.

— Uau — disse ela, por fim.

— É.

— Ela ajudou você.

— Eu... acho que sim? Pelo menos não me matou.

— Sabe o que isso significa?

Annabeth estendeu a mão para mim. Os dedos se dispersaram em água e luz ao tocarem na mensagem de Íris, mas ainda assim estendi a mão para a dela. Quando a imagem se formou de novo, parecia que nossas mãos tinham se mesclado, fundidas nas nossas linhas de vida. Annabeth estava sorrindo de novo.

— Minha mãe entende. É estranho que não tivesse entendido antes, porque ela quase sempre entende antes de todo mundo, mas acho que não estamos falando de um campo de batalhas.

— Desculpa, ela entende *o quê?*

Ela riu.

— Como você é importante para mim, Cabeça de Alga.

Senti um aperto no peito, mas não foi um sentimento desagradável, foi mais como um suéter de lã apertado sendo enrolado em mim.

— Então você acha que ela me ajudou por sua causa?

Ao falar aquilo em voz alta, percebi que fazia sentido. Pelo menos, bem mais sentido que Atena me ajudar por qualquer outro motivo.

— Ela sabe que eu vou até o fim com isso — disse Annabeth. — Que eu vou me esforçar para a gente se tornar adulto e ter a chance de ficar junto... com sorte, depois de nos divertirmos muito na faculdade.

— Você me conquistou com *divertirmos*. Na verdade, você me conquistou com tudo.

Eu contei o que pensei quando lutei contra Geras, que tinha decidido abraçar a Velhice porque qualquer futuro que tivesse *a gente* era um futuro que eu queria viver.

— Ah, meus deuses. — Annabeth secou uma lágrima. — Sabe, às vezes você é tão fofo.

— Só às vezes?

— Vamos manter o foco, tá? Você ainda tem mais duas cartas de recomendação para conseguir antes das férias de inverno. Isso significa mais duas missões para os deuses.

— Durezinha.

— Você quis dizer *molezinha*.

— Não, tenho certeza de que vou achar dureza. Mas a gente vai conseguir, né? Quer dizer, se até a sua *mãe* está do nosso lado...

— Eu não me concentraria tanto assim nessa questão, mas é um bom sinal. E, você está certo, a gente vai conseguir. Ei, Percy?

— O quê?

— Odeio ter que falar isso, mas acho que eu te amo.

— Ah, droga. Eu estava com medo disso. Eu também te amo.

— Faz seu dever. Boa noite.

— Boa noite, Sabidinha.

E, como sempre, nós rolamos um na direção do outro, quebrando a mensagem de Íris ao nos encostarmos, mas na névoa e nos últimos pontos de luz, achei ter sentido o cheiro de Annabeth, o calor do abraço dela.

Para falar a verdade, foi o bastante para eu acreditar que tudo era possível.

Exceto o dever de casa. Adormeci quase na hora. E, pela primeira vez, tive sonhos agradáveis.

SOBRE O AUTOR



Rick Riordan nasceu em 1964, em San Antonio, Texas, e hoje mora em Boston com a esposa e os dois filhos. Autor best-seller do The New York Times, premiado pelo YALSA e pela Associação Americana de Bibliotecas, por quinze anos ensinou inglês e história em escolas de São Francisco, e é essa experiência que atribui sua habilidade em escrever para o público jovem. Além das séries *Percy Jackson e os Olimpianos*, *Os Heróis do Olimpo* e *As Provações de Apolo*, inspiradas na mitologia greco-romana, Riordan assina as séries *As Crônicas dos Kane*, que visita deuses e mitos do Egito Antigo e *Magnus Chase e os Deuses de Asgard*, sobre mitologia nórdica.

OUTRAS SÉRIES DO RIORDANVERSO









